



Universidade de Aveiro  
Ano 2022

**BÁRBARA SOFIA DE  
ALMEIDA LOBO**

**RELAÇÕES BILATERAIS SINO-SUL COREANAS NA  
ÉPOCA DE XI JINPING**



Universidade de Aveiro  
Ano 2022

**BÁRBARA SOFIA DE  
ALMEIDA LOBO**

**RELAÇÕES BILATERAIS SINO-SUL COREANAS NA  
ÉPOCA DE XI JINPING**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Chineses, realizada sob a orientação científica do Doutor Jorge Manuel Tavares da Silva Professor auxiliar convidado do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha família pelo incansável apoio.

## **o júri**

presidente

**Prof. Doutor Maria Cristina Do Nascimento Rodrigues Madeira Almeida De Sousa Gomes**  
Professora auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutor Paulo Afonso Duarte**  
Professor auxiliar convidado da Universidade do Minho

**Prof. Doutor Jorge Manuel Tavares da Silva**  
Professor auxiliar convidado da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador, o Professor Jorge Tavares da Silva, por ter aceitado conduzir o meu trabalho. A todos os professores da Universidade de Aveiro que me guiaram durante o mestrado de Estudos Chineses.

Os meus sinceros e maiores agradecimentos à minha família, em especial aos meus pais, irmão e avós maternos por terem e continuarem a ser os meus pilares, por nunca me terem deixado desistir e sempre acreditarem nas minhas capacidades.

Gostaria também de agradecer aos meus amigos, nomeadamente Beatriz B. e à Sara que acompanharam todo o meu percurso escolar, ao Daniel, à Célia e à Beatriz que foram incansáveis e disponibilizaram o seu tempo para me ajudar e me orientar quando precisei e por fim, à Fátima, ao Francisco, à Francisca e à Inês que enriqueceram ainda mais o meu percurso universitário.

**palavras-chave**

Relações bilaterais; Coreia do Sul; China; THAAD; *soft power*, *hard power*; Xi Jinping; Park Geun-hye; Moon Jae-in; tensão no pacífico.

**resumo**

A China e a Coreia do Sul têm um passado histórico milenar com momentos altos e baixos. Com a guerra da Península da Coreia na década de 50 os dois países terminaram com as relações diplomáticas, só sendo estabelecidas em 1992, contudo nunca foram próximas uma vez que ambas tinham ideologias políticas diferentes. Em 2013, com a subida de Xi Jinping na China e Park Geun-hye na Coreia do Sul, as relações aproximam-se, contudo esta estabilidade dura apenas três anos quando a Coreia do Sul, de forma a defender-se dos testes nucleares norte coreanos instala um sistema norte-americano denominado por Defesa Terminal de Área de Alta Altitude (THHAD), com receio de ter a sua segurança nacional em causa devido ao aproximamento geográfico a China inicia um conjunto de retaliações “seletivas” para com a Coreia do Sul de forma a mostrar o seu descontentamento. O objetivo deste trabalho é verificar quais os fatores que afetam as relações bilaterais sino-sul coreanas desde a chegada de Xi Jinping ao poder. Nessa ótica o autor recorreu ao método qualitativo, a características do método quantitativo e ao método descritivo de forma a responder às suas questões de partida.

**keywords**

Bilateral relations; South Korea; China; THAAD; soft power; hard power; Xi Jinping; Park Geun-hye; Moon Jae-in; tension in the pacific.

**abstract**

China and South Korea have a millenary historical past with ups and downs. With the war on the Korean Peninsula in the 50s, the two countries ended diplomatic relations, only being established in 1992, however they were never close since both had different political ideologies. In 2013, with the rise of Xi Jinping in China and Park Geun-hye in South Korea, relations got closer, however this stability lasts only three years when South Korea, in order to defend themselves from North Korean nuclear tests, installs a north american system called Terminal High Altitude Area Defense (THAAD), fearful of having it's national security at stake due to geographical approximation, China initiates a set of "selective" retaliations against South Korea in order to show their displeasure.

The objective of this work is to verify the factors that affect the Sino-South Korean bilateral relations since the arrival of Xi Jinping to power. In this perspective, the author resorted to the qualitative method, characteristics of the quantitative method and the descriptive method in order to answer his starting questions.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
Descrição da área de investigação, motivação e justificação do tema .....	1
Definição do problema e questões de investigação .....	3
Definição dos objetivos gerais .....	4
Estado da arte e enquadramento conceptual.....	4
Relações Bilaterais.....	4
A política externa e a diplomacia dos estados .....	5
Entre o <i>Soft Power</i> e o <i>Hard Power</i> .....	6
<i>Sharp Power</i> .....	10
O novo conceito: <i>Middle Power</i> .....	10
Metodologia.....	11
Estrutura da dissertação.....	13
Limitações .....	14
<b>CAPÍTULO I –</b>	
<b>AS RELAÇÕES BILATERAIS SINO-SUL COREANAS - PERSPETIVA HISTÓRICA .....</b>	<b>15</b>
1.1.Relação Milenar entre a China e a Península Coreana .....	15
1.2.O nascimento da República Popular da China .....	18
1.3.O efeito da Guerra da Coreia.....	20
1.4.O contexto do pós-guerra .....	21
1.5.A retoma das relações bilaterais .....	22
<b>CAPÍTULO II- AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS NA ERA DE XI JINPING.</b>	<b>34</b>
2.1.O perfil de Xi Jinping .....	34
2.2. Quais os seus poderes (a ascensão e a nova linha política de Xi Jinping) .....	35
2.3. Pensamento de Xi Jinping .....	35
2.4.As transformações internas .....	37
2.5. A nova política externa .....	38
<b>CAPÍTULO III- AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS NA COREIA DO SUL NA ERA DE PARK GEUN-HYE E MOON JAE IN.....</b>	<b>41</b>
3.1. Poderes do presidente sul coreano .....	41
3.2. A chegada de Park Geun-hye.....	42
3.3. Políticas Internas de Park Geun-hye.....	42



3.4. Políticas externas de Park Geun-hye.....	44
3.5. Impeachment de Park Geun-hye .....	45
3.6. O novo presidente: Moon Jae-in .....	46
3.7. Políticas internas de Moon Jae-in .....	47
3.8. Políticas externas de Moon Jae-in .....	49
<b><i>CAPÍTULO IV- O QUADRO EVOLUTIVO DO CONTEXTO POLÍTICO BILATERAL (2013-2022)</i></b> .....	<b>51</b>
4.1. Relações Bilaterais entre Park Geun-hye e Xi Jinping (2013-2016).....	51
4.3. Métodos de Influência utilizados nas relações bilaterais entre ambas as nações .....	60
4.4. Acordos diplomáticos e económicos.....	62
4.5. O efeito das tensões comerciais sino-americanas .....	67
4.6. O impacto das tensões no Pacífico .....	68
<b><i>CAPÍTULO V- O QUADRO EVOLUTIVO DO CONTEXTO ECONÓMICO ENTRE 2013-2022</i></b> .....	<b>70</b>
<b><i>CAPÍTULO VI- AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DAS RELAÇÕES BILATERAIS</i></b> ..	<b>74</b>
<b><i>CONCLUSÃO</i></b> .....	<b>78</b>
<b><i>Bibliografia</i></b> .....	<b>81</b>
<b><i>ANEXOS</i></b> .....	<b>87</b>

## Índice das Tabelas

<b>Tabela 1: Comércio da Coreia do Sul com a China, 1978-1987 (em milhões de dólares americanos) .....</b>	<b>24</b>
<b>Tabela 2: Comércio da Coreia do Sul-China, 1991-2012, em percentagem (%).....</b>	<b>26</b>
<b>Tabela 3: Exportações sul-coreanas para a China, em categorias entre 1992 e 2006, em percentagem (%) .....</b>	<b>27</b>
<b>Tabela 4: Exportações chinesas para a Coreia do Sul, anos selecionados, em percentagem (%).ggh .....</b>	<b>28</b>
<b>Tabela 5: Alterações no volume de comércio de China, Coreia do Sul e omundo com a entrada em vigor do acordo de livre comércio (em milhões de dólares americanos).....</b>	<b>31</b>
<b>Tabela 6: Alteração nas exportações entre China e Coreia do Sul, com a entradaem vigor do acordo de livre comércio em setores selecionados (em milhões de dólares americanos) .....</b>	<b>31</b>
<b>Tabela 7: Lista de mercado de importações de um produto exportado pela Coreia do Sul, em percentagem (%) .....</b>	<b>87</b>
<b>Tabela 8: Lista de mercado de importações de um produto exportado pela China, em percentagem (%) .....</b>	<b>88</b>

## **Índice das Figuras**

<b>Figura 1: Localização Geográfica da Coreia do Sul e da China.....</b>	<b>15</b>
<b>Figura 2: Principais mercados de Exportação da China e da Coreia do Sul .....</b>	<b>89</b>
<b>Figura 3: Acordos de Livre Comércio chineses.....</b>	<b>89</b>
<b>Figura 4: Acordos da Coreia do Sul .....</b>	<b>90</b>
<b>Figura 5: Fatores que interferem com as Relações Bilaterais .....</b>	<b>74</b>

## ACRÓNIMOS

ROK.....	República da Coreia do Sul
RPC.....	República Popular da China
RPDC.....	República Popular Democrática da Coreia
ROC.....	República da China
DMZ.....	Korean Demilitarized Zone
OECD.....	Organization for Economic Co-operation and Development
ONU.....	Organização das Nações Unidas
THAAD.....	Terminal High Altitude Area Defense
PCC.....	Partido Comunista Chinês
ASEAN.....	Association of Southeast Asian Nations
OMS.....	Organização Mundial De Saúde
G20.....	Grupo dos 20
NAPCI.....	The Northeast Asia Peace and Cooperation Initiative
ONU .....	Organização das Nações Unidas
AIIB .....	Asian Infrastructure Investment Bank

## **INTRODUÇÃO**

### **Descrição da área de investigação, motivação e justificação do tema**

A China e a Coreia são duas nações milenares com um vasto historial de relações bilaterais devido à proximidade geográfica e aos laços sino-coreanos, os quais remontam à chegada dos primeiros homens à península coreana, vindos do atual território chinês (Deuchler, 2005).

Entre 57 a.C e 668 d.C a Península Coreana e uma parte da Manchúria (atualmente localizada numa parte da China e da Rússia) estavam ocupadas por três reinos: Goguryeo (mais tarde conhecido como Goryeo), Baekje e Silla (Deuchler, 2005). Séculos depois, em 1392, face à vitória de Taejo Yi Seong-Gye, General do Reino Goryeo, dá-se a unificação dos três reinos e forma-se a dinastia Joseon, também conhecida por dinastia Chosŏn. Esta dinastia durou cerca de cinco séculos (1392–1897), caracteriza-se pela sua ideologia confucionista, sistema de pensamento e comportamento criado por Confúcio (551-479 a.C.) e tinha uma tradição, filosofia, religião, forma de governo e de vida própria (Yao,2000).

A China Imperial não reconheceu o reino de Joseon após a sua fundação em 1392, só o admitiu em 1401 como um estado tributário pela dinastia Ming (1368 e 1644), já que ambos utilizavam o mesmo sistema ideológico. Salientando que o antigo reino Goryeo também fazia parte do sistema tributário da China Imperial (221 a.C a 1912) (Deuchler, 2005).

Mais tarde, já no séc. XX, a geografia da Península da Coreia modifica-se. Em 1949, após a derrota do império japonês (que até então governava a Península da Coreia), a ONU dividiu o território coreano em duas partes: Coreia do Norte e Coreia do Sul e só em 1950, um ano depois reconheceu a independência de ambas. Simultaneamente, na China, em território continental, travava-se uma guerra civil (1927 a 1949) entre duas facções políticas: de um lado apoiantes da República da China, conhecida hoje por Taiwan, e do outro apoiantes da República Popular da China (China). Devido a este conflito, a República da China refugia-se e estabiliza-se em Taiwan e devido à sua ideologia política a Coreia do Sul reconhece-a como a soberana do país do meio (Zhou,2015).

Entre 1950 e 1953 decorreu a guerra da Península Coreana e a China identificando-se com as ideologias políticas norte coreanas manifestou o seu apoio à Coreia do Norte através do envio de tropas pertencentes ao Exército Voluntário do Povo chinês, em outubro de 1950 (Zhou,2015).

As divergências ideológicas levaram a avanços e recuos nas relações bilaterais, provocando um corte de relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e a China até 1992, altura em que a Coreia do Sul inverte o jogo político passando reconhecer a República Popular da China, em vez de Taiwan (Zhou, 2015).

Até à década de 90 a divergência política e ideológica, assim como a tomada da posição como adversária por parte da China, durante a guerra da Península Coreana, gerou um sentimento nacionalista e anti chinês por parte da Coreia do Sul. Da mesma maneira que gerou um sentimento nacionalista e anti sul coreano na China que afetaram em grande parte as relações bilaterais na segunda metade do século XX. (Byun, 2017).

Em 2013 sobe ao poder na China, Xi Jiping. No mesmo ano, é eleita a presidente sul-coreana, Park Geun-hye, originando três anos de boas relações bilaterais. A governação de Park termina quatro anos mais tarde (2017), após o seu *impeachment*, devido a uma ligação a um culto que comandava as suas decisões enquanto presidente. Sobe assim, ao poder Moon Jae-in (Byun, 2017).

No ano de 2017, a Coreia do Norte, efetuou vários testes de armamento nuclear e como resposta é instalado na Coreia do Sul um sistema antibalístico americano denominado por sistema de Defesa Terminal de Área de Alta Altitude (THAAD), criado para abater mísseis balísticos. Esta cooperação militar coloca os Estados Unidos da América neste xadrez político como aliado da ROK e descontente com a implementação da THAAD, uma vez que coloca em causa a segurança da China, Xi Jiping decide aplicar retaliações “seletivas” nas relações comerciais entre ambos os países, como por exemplo a proibição da distribuição de entretenimento sul-coreano em território chinês (Sakaki, 2017).

Atualmente a China é a segunda grande potência do mundo, devido à inovação que tem levado a cabo nas últimas décadas. Por consequência é um país que atrai muita atenção, especialmente quando se dá um novo confronto com os EUA, a atual grande potência mundial. Por sua vez, a Coreia do Sul é a décima segunda potência mundial e nos últimos vinte anos tem feito grandes avanços tecnológicos. São de conhecimento comum, as marcas como a Samsung, Hyundai ou LG, as quais fazem parte do nosso quotidiano. Para além disso, o entretenimento sul coreano tem ganho bastante visibilidade não só na Ásia,

mas também no ocidente. Hoje é possível assistir a várias séries ou filmes em diferentes plataformas digitais (a Netflix anunciou em fevereiro de 2021 um investimento de 500 milhões de dólares americanos) o que leva ao aumento das exportações de entretenimento. O entretenimento sul coreano também é denominado por *Korean Wave*, nome foi dado pelos chineses nos anos 90 face ao grande investimento na importação de séries para território chinês (Kim,2011).

### **Identificação da problemática de investigação**

A presente investigação tem como objetivo primordial, entender que consequência teve a chegada de Xi Jinping ao poder nas relações sino-sul-coreanas. A verdade é que este tema é pouco abordado, já que desde a década de 90 a maioria dos investigadores centram-se nas relações entre os Estados Unidos da América e a República da Coreia ou nas relações sino-americanas. Esta dissertação, pretende assim, preencher a lacuna científica, presente na carência de estudos sobre a temática, conferindo pertinência à investigação. Uma vez que, é bastante crucial entender a economia asiática, sendo estas duas das quatro maiores potências asiáticas.

### **Definição do problema e questões de investigação**

Esta dissertação visa apurar as consequências da chegada de Xi Jinping (a partir de 2012 até 2022) ao poder nas relações sino-coreanas. Em concreto, pretende-se analisar os impactos nas relações diplomáticas e nas interações económicas.

Como tal, numa fase embrionária e após várias leituras iniciais, foram colocadas as seguintes questões como ponto de partida para esta investigação: de que maneira a relação histórica afeta as relações bilaterais sino-sul-coreanas nos dias de hoje? De que modo as relações mudaram com a subida ao poder de Xi Jiping ou a subida de Moon Jae-In em 2017? Qual o impacto na economia sul-coreana após as retaliações “seletivas” da China? A China teve algum impacto económico com estas exportações?

## **Definição dos objetivos gerais**

Os objetivos gerais desta dissertação são: compreender as relações bilaterais entre estes dois países, identificar quais são os fatores que influenciam as decisões destas nações no que toca às relações bilaterais e entender se o fator histórico (diferentes ideologias políticas, acontecimentos históricos e aliados) ainda pesa nas tomadas de decisão.

## **Estado da arte e enquadramento conceptual**

### **Relações Bilaterais**

Relações bilaterais é a relação política, económica ou cultural entre duas nações. Estas relações nascem quando dois países iniciam relações diplomáticas e trocam agentes diplomáticos, como por exemplo embaixadores de forma a dialogar e a cooperar. Estes países de forma estreitar o seu relacionamento de modo a ser benéfico para ambos assinam acordos de livre comércio e fazem investimento estrangeiro entre si. Apesar de dois estados soberanos terem relações bilaterais não significam que tenham um tratamento preferencial. Tal dependerá o quão benéfico o outro país é para a sua economia interna e quem é o país que está dependente de outro (Thompson & Verdier , 2014).

### **Diplomacia**

Diplomacia define-se como a utilização de inteligência e discernimento na orientação das relações oficiais entre governos de estados independentes, prática realizada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de cada nação (Saner & Yiu , 2003). A globalização e a democratização da diplomacia, permitiu que as suas fronteiras se alterassem, resultando num aumento de reivindicações territoriais. Em consequência, enquanto a ação dos atores diplomáticos<sup>1</sup> torna-se mais independente, o Ministério dos Negócios Estrangeiros passa por assumir um papel secundário, com pouco envolvimento.

---

<sup>1</sup> Estes podem ser pessoas, empresas e organizações.



Deste modo, os diplomatas apresentam-se com funções diferenciadas em cumprimento com as mudanças no xadrez geopolítico.

Para além disso, nas nações mais desenvolvidas a diplomacia passa a envolver mais atores, entre os quais, pertencentes às relações económicas externas, assuntos públicos, alterando a definição inicial de diplomacia (Saner & Yiu , 2003).

## **A política externa e a diplomacia dos estados**

### **Geopolítica**

No início do século XX, Rudolf Kjellén (1917) desenvolve o conceito de geopolítica. Este conceito é definido pelo “estudo do Estado enquanto organismo geográfico ou enquanto fenómeno no espaço, isto é, o Estado como terra, território, área, ou melhor dito, como país.” (Correia, 2012, p.230).

Pedro de Pezarat Correia (2012, p.231), simplifica afirmando que “a geopolítica pode ser entendida como o estudo dos fatores geográficos em função da decisão política.”.

O conceito de geopolítica ao longo dos anos e de acordo com a ideologia política altera-se.

Por outro lado, segundo Gearóid Ó Tuathail (2006), Haushofer entende que o conceito da geopolítica é o estudo entre a influência do território e as instituições políticas (Tuathail, 2006).

Segundo Correia (2012), Ferruccio Botti, afirma que, a posição geográfica é determinante para a definição do carácter geoestratégico de uma nação.

Como tal, a geopolítica nos anos 90 era definida como o “estudos dos fatores geográficos em função da decisão política.”, enquanto que a geoestratégia era definida como “o estudo dos fatores geográficos em função da decisão estratégica.” (Correia, 2012, p.231).

Por sua vez, Pierre Gallois, entende que o conceito de geopolítica necessita ser alterado já que nesta época inicia-se o estudo do impacto da destruição do ambiente pelo homem. Perante isto, afirma que anteriormente o Estado era o objeto das análises, porém hoje é a gestão do meio (Correia, 2012).

Perante isto, Correia (2012), informa que a geopolítica se baseia em quatro dimensões (Correia, 2012, p.243):

:

- **Ecopolítica:** “aplicada ao espaço físico-geográfico, segundo a qual o poder político deve ser colocado ao serviço da geografia física, da preservação do ambiente, do equilíbrio da biodiversidade, uma verdadeira política da Terra”;
- **Demopolítica:** “orientada para as populações, ou seja, o poder exercido em proveito da geografia humana, dos seus problemas mais prementes resultantes da explosão demográfica, dos fluxos migratórios, da gestão das minorias”;
- **Geoeconomia:** isto é, o poder ao serviço da geografia económica, da gestão dos recursos naturais, da sua salvaguarda e garantia da sua renovação, do seu aproveitamento e da sua justa distribuição a nível local, regional e planetário, de uma política que concilie a qualidade de vida e a capacidade de carga da Terra, conforme foi equacionado no relatório Cuidar o Futuro, da responsabilidade de reputados especialistas e presidida por Maria de Lourdes Pintasilgo;
- **Biopolítica:** “dimensão transversal que se cruza com as três primeiras e compreende o poder ao serviço da segurança humana, que deixe de ser um poder que disponha da vida das populações e passe a ser um poder disponível para a vida das populações, em que a segurança dos Estados passe pela segurança dos cidadãos, temas que correm o risco de soar algo demagógicos”.

### **Entre o *Soft Power* e o *Hard Power***

Na teoria das relações internacionais é utilizado três métodos de influência: o *soft power*, o *hard power* e o *smart power*.

Estes conceitos foram introduzidos por Joseph Nye na década de 90. Nye (1990), define o *soft power* como a capacidade de uma nação de influenciar indiretamente o comportamento, pensamento e interesses de outras nações, políticos e população através de meios culturais e ideológicos. O *soft power* pode ainda basear-se na cultura, na política externa e nos valores políticos (Carmo, 2013).

Para Eleanor Albert (2018), o *Soft Power* define-se como uma medida de atratividade internacional de uma nação e a sua capacidade de influenciar outras nações e públicos.

De acordo com o Relatório de Presença Global Elcano de 2018 (Real Institute El Cano, 2018), a China tem um ranking de influência (2º) maior do que o seu ranking de reputação

(24º), isto significa que apesar de haver pouca confiança na nação estes continuam a ter grande influência no mundo.

Apesar deste método ter sido introduzido na China na década de 90, o *soft power* foi só empregue no 17º Congresso Nacional do Partido. De acordo com Hyland (2020), para os académicos chineses a cultura é a chave para o *soft power* chinês.

Este é utilizado através dos seguintes mecanismos:

- Instituto Confúcio – organismo governamental de cooperação e difusão da língua e cultura chinesa. Organizado pela Fundação de Educação Internacional Chinesa, é comparada ao nosso Camões - Instituto da Cooperação e da Língua Primeiro Instituto Confúcio foi inaugurado na capital sul coreana, Seul, em 2004. Segundo Jeffrey Gil (2021), o contacto com a língua e cultura chinesa, cria uma maior empatia para com a nação e a sua ideologia, possibilitando a longo prazo, um estreitamento das políticas externas chinesas. Por outro lado, a Human Rights Foundation (2021) denuncia que, estes mesmos institutos “cultivaram um clima de intimidação e vigilância nas salas de aula americanas”. A censura da informação e a auto-censura são dominantes, levando aos professores, investigadores, administradores e estudantes a estarem impedidos de aprender e criticar tópicos sensíveis para o governo chinês, exemplos serão: a democracia, Hong Kong, o genocídio da minoria étnica Uigur e outras violações de direitos humanos (Human Rights Foundation, 2021).
- Relações Sul-Sul: caracterizadas por empréstimos sem juros, essencialmente bilaterais e sem condicionalidades. Estes abrangem diversas áreas nomeadamente a saúde, a agricultura e a governação.
- Intercâmbio estudantil: a China é o destino mais popular da Ásia entre os estudantes internacionais, nomeadamente de países africanos anglófonos, explicado pela presença da China nos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul)<sup>2</sup>. Uma outra razão será o forte investimento económico em países africanos. Sendo atualmente uma superpotência, e sem um passado como colonizador, é-lhes facilmente proporcionado boas relações bilaterais, como é o caso com o continente africano.
- GONGO: é o acrónimo da “Organização Não Governamental Organizada pelo Governo” Este tipo de organização foi implementado pela primeira vez no final da década

---

<sup>2</sup> É uma “aliança” entre o Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul de cooperação económica para países em desenvolvimento, porém não é semelhante à União Europeia. Estes também esperam ter uma maior influência na esfera geopolítica.

de 80 na Indonésia. Associado a governos totalitários, a utilização destas organizações como mecanismo de auxílio às populações carenciadas e fragilizadas, faz transparecer aos países democráticos o lado humanitário dos governos totalitários. Através destas organizações podem ainda pedir ajuda económica a outros países e promover os seus interesses políticos domésticos.

- Rede diplomática: a China tem a maior rede diplomática do mundo. Em 2019 ultrapassou o número de embaixadas dos Estados Unidos da América, mostrando assim a sua grande presença mundial e fortalecimento de relações bilaterais diplomáticas.

- “Diplomacia dos pandas”: desde a Dinastia Tang (618-907) que os pandas são utilizados como gesto de amizade. Com este gesto o “país do meio” tem como objetivo fortalecer os laços diplomáticos, já que a presença do animal no país amigo facilita a agenda política entre os países. A China tem a exclusividade deste animal, tendo este como habitat natural, as montanhas chinesas., tornando o panda, um símbolo nacional. Conhecido por ser um animal dócil e inocente, é facilmente uma das atrações favoritas nos zoológicos mundiais. Segundo Hyland (2020), este símbolo nacional desperta curiosidade, criando interesse no país de origem do mesmo, ajudando, de forma indireta a agenda política chinesa (Hyland,2020).

- Turismo desportivo: conforme Emanuel Leite Jr. e Carlos Rodrigues (2019, p.87) o turismo desportivo tem como escopo “desenvolver relações diplomáticas e comerciais, promover o intercâmbio e a troca de conhecimento, aproximar o país de outras nações, fortalecendo assim a sua economia e seu papel de liderança na geopolítica internacional.”. Através do desporto é possível atrair vários políticos de diferentes nações num só local e expor a sua cultura nas cerimónias de abertura, como é exemplo os Jogos Olímpicos. Os autores explicam ainda, que com a utilização do *soft power* é possível criar uma marca (*branding*), de modo a gerir as suas reputações. Tendo a Fundação do Qatar como exemplo, aquando da sua compra do clube francês Paris Saint-Germain, abre portas ao Governo chinês de agir da mesma forma, uma compra de um clube através de uma fundação ou empresa privada.

- “Diplomacia de máscara facial”: Segundo o Sistema Nacional de Saúde (SNS) (2022) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) o coronavírus SARS-COV-2, comumente conhecido por COVID-19 “pode causar infeção respiratória grave como a pneumonia.”. A OMS afirma ainda que o vírus em questão “foi identificado pela primeira vez em humanos, no final de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei,

tendo sido confirmados casos em outros países.”, provocando uma fragilização na imagem da China devido à pandemia. Em contrapartida, de maneira a melhorar a imagem da nação, o governo iniciou a política “Diplomacia de máscara facial” (Organização Mundial de Saúde, 2019) oferecendo assistência e cooperação, com a entrega de máscaras a países vizinhos, a países severamente mais afetados pelo vírus (como é o caso da Itália), assim como a importantes aliados políticos.

A Coreia do Sul usa como *soft power* o entretenimento coreano, também conhecido por *Hallyu* ou *Korean Wave*. O fenómeno mundial do entretenimento coreano, proporciona à população interessada o contacto direto com a cultura, a história e costumes da Coreia. Esta técnica pode também estar interligada ao marketing, como é exemplo os Jogos Olímpicos de inverno de 2018, a Coreia do Sul para atrair espetadores convidou bandas de pop coreano (*Kpop*) para a cerimónia de encerramento. Em jantares diplomáticos, o estilo musical *Kpop*, foi também utilizado: Ivanka Trump, filha do Ex-Presidente americano Donald Trump, é fã da banda sul-coreana “Exo”, e por consequente estes mesmos foram convidados a participar nesse jantar oficial na Coreia. Da mesma maneira, também num jantar diplomático entre China e a Coreia do Sul, o governo sul-coreano convidou a participação de uma atriz coreana (Song Hye-kyo) para participar no jantar de estado entre a Coreia do Sul e a China em 2017, logo após o início das retaliações “seletivas” por parte da China (Hong,2017)

O *hard power* define-se pela redução de barreiras comerciais, promessa de proteção militar ou uso da mesma contra alguém ou nação assim como, uma aliança entre nações (Nye,1990).

A China utiliza o *hard power* (deLisle,2020) da seguinte forma:

- Desfiles militares onde demonstra o seu poderio, com exibição de novo armamento e reforma militar.
- A criação por parte do governo chinês de ilhas artificiais no mar da China meridional e reivindicação dos direitos soberanos desse mesmo território.

Segundo Thomas Kalinowski e Hyekyung Cho (2012), a Coreia do Sul não utiliza mecanismos de *hard power*, face à sua posição geopolítica. Sendo assim, também não é utilizado mecanismos de *sharp power*.

Apesar de a Coreia do Sul ter a Terminal High Altitude Area Defense (THAAD) e o serviço obrigatório militar para todos os homens do país, que tenham condições para tal,

estas são medidas apenas preventivas em caso de futuros ataques, até porque a Coreia do Sul apoia uma reunificação pacífica (Shin , 2017).

### ***Sharp Power***

Segundo Jorge Tavares da Silva (2018), através do *sharp power* Xi Jinping tenta controlar a opinião pública internacional em relação à imagem do seu governo. Isto é conseguido através da compra de meios de comunicação internacional. Ao contrário da China, a Coreia da Sul, não tendo como prioridade o controlo da opinião pública internacional, este não utiliza o método *sharp power*, mas sim o *middle power*.

O Sharp power é a tentativa de manipulação através do uso dos média e de sistemas educativos, de modo a influenciar a opinião pública (Silva,2018)

### ***O novo conceito: Middle Power***

Como referido anteriormente, a Coreia do Sul utiliza o conceito de “*middle power*” na sua diplomacia. Este conceito permite a participação ativa da população nas tomadas de decisão, acompanhando as mudanças do mundo. A pedido de académicos, o governo coreano, nomeadamente na administração de Roh Moon-hyun, tomou assim, uma orientação mais pro-ativa da sua política externa (Snyder, S., Lee, G., Kim, Y., & Kim, J.,2018).

Este conceito de diplomacia é denominado por “diplomacia do acolhimento”, já que através deste, a Coreia foi feita anfitriã nas reuniões do Grupo dos 20 (G-20)<sup>3</sup> em 2010, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE)<sup>4</sup> em 2011 e do Fundo Verde para o Clima<sup>5</sup> em 2012 (Snyder, S., Lee, G., Kim, Y., & Kim, J.,2018).

---

<sup>3</sup> Em 1999 o Grupo dos 20 (G20) foi fundado com o objetivo de responder às diversas crises mundiais. Nas suas reuniões, que desde 2008 acontecem uma vez por ano, estão presentes o chefe de cada governo ou de estado, o ministro das Finanças ou o ministro dos Negócios Estrangeiros.

<sup>4</sup> A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) fundada em 1961. Tem por objetivo estimular o progresso económico e o comércio mundial. Estes países afirmam estarem comprometidos com a democracia e a economia de mercado.

<sup>5</sup> O Fundo Verde para o Clima (GCF) é um fundo estabelecido no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC). Esta serve como mecanismo financeiro para ajudar os países em desenvolvimento obterem mecanismo para combater as mudanças climáticas. O GCF tem como sede Incheon, Coreia do Sul.

Aliás, Yul Sohn (2016) acrescenta, que o país foi sede do Secretariado de Trilateral com a China e o Japão em 2011. A Coreia do Sul, tem recebido estas convenções uma vez que acreditam que devem praticar uma política de “liderança em vez de tamanho” (Snyder, S., Lee, G., Kim, Y., & Kim, J.,2018), ou seja, serem líderes da mudança e da progressão, apesar da sua natureza geográfica pequena comparativamente aos Estados Unidos da América e a China.

A mudança de pensamento para uma “diplomacia do acolhimento”, foi essencial para o país numa altura de intensificação de tensões no leste da Ásia, nomeadamente na própria península coreana e à ascensão da China como potência económica. Esta foi a forma de amenizar a rivalidade entre as grandes potências. Atualmente o “target” toma uma nova direção, com o debate de problemáticas referentes às questões climáticas, apostando na sustentabilidade das energias, terrorismo, criando assim estruturas e espaço para discutir estes assuntos. Estas estruturas podem ser na forma de organizações, convenções entre outras. A ideia será introduzir nestas conversações o maior número possível de atores de forma a se unirem uma luta comum e fortalecimento das relações diplomáticas (Snyder, S., Lee, G., Kim, Y., & Kim, J.,2018).

## **Metodologia**

O método segundo Manuel João Vaz Freixo (2011, p.77) explica que a palavra advém do grego *methodos*, que significa “caminho para chegar a um fim”. Este conceito é o método de pesquisa que visa a responder às questões iniciais de um determinado tema feitas pelo autor.

Desta forma, através de vários métodos de pesquisa o autor consegue de forma mais segura responder às suas questões iniciais que estão justificadas através de vários dados recolhidos na sua pesquisa, dando uma contribuição à academia cuidada e rigorosa.

Na dissertação, o autor recorreu ao método qualitativo, a características do método quantitativo e ao método descritivo de forma a tornar a responder às questões iniciais e tornar a dissertação mais credível, segundo com Morais & Neves (2007, p.76) “reconhecendo-se que diferentes métodos de análise são úteis porque se dirigem para diferentes tipos de questões, começaram-se a utilizar simultaneamente ambos os tipos de técnicas — qualitativas e quantitativas”.

O método qualitativo de acordo com Shaffer & Serlin (2004 p.23 apud. Moraes & Neves, 2007 p.77), “os métodos qualitativos e quantitativos são, em última análise, métodos para garantir a apresentação de uma amostra adequada. Ambos constituem tentativas para projetar um conjunto finito de informação para uma população mais ampla: uma população de indivíduos no caso do típico inquérito quantitativo, ou uma coleção de observações na análise qualitativa. (...) O objetivo em qualquer análise é adequar a técnica à inferência, a afirmação à comprovação. As questões que se colocam a um investigador são sempre: Que questões merecem ser levantadas nesta situação? Que dados poderão lançar luz sobre estas questões? E que métodos analíticos poderão garantir afirmações, baseadas em dados, sobre aquelas questões? Responder a estas questões é uma tarefa que envolve necessariamente uma profunda compreensão das potencialidades e limites de uma variedade de técnicas quantitativas e qualitativas”, dessa forma através do uso da descrição, da interpretação de documentos, de fontes oficiais de ambos os governos, como por exemplo os acordos comerciais presentes no capítulo IV, jornais (onde são relatados os acontecimentos políticos e económicos de forma sistemática) e fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são tratados comerciais, como por exemplo a ASEAN que é utilizada nesta dissertação. Para além disso, o uso de artigos de constituições também é utilizado. As fontes secundárias são livros que retratam acontecimentos através de análise de fontes primárias como é o caso de Henry Kissinger (2011) que demonstra a evolução política da China.

No entanto apenas isto não seria o suficiente e, como tal, foi utilizado características pertencentes ao método quantitativo, de forma a apoiar os factos à presente dissertação. Baptista & Cunha (2007 p.170) descreve a pesquisa quantitativa como algo que é caracterizada “, tanto na fase de coleta de dados quanto no seu tratamento de dados, pela utilização de técnicas estatísticas”.

Nesta dissertação é utilizada estatísticas e dados referentes a exportações e investimentos, no entanto o autor utiliza dados estatísticos fornecidos por outras entidades e não pelo próprio.

Desse modo, através de recolha de dados das exportações e de investimentos da China e da Coreia do Sul, obtidos através de dados estatísticos retirados por exemplo da *Trade Statistics for International Business Development* e do Ministério do Comércio da República Popular da China de modo a fazer uma análise interpretativa e articular com as informações obtidas através do método qualitativo.



Tudo isto tem como finalidade responder às questões de investigação e aos objetivos.

### **Estrutura da dissertação**

Na introdução, o autor apresentou a estrutura da dissertação, referiu os objetivos gerais e a justificação para o tema.

De seguida, referenciou o seu contributo para à comunidade científica, mencionando a problemática e as questões de investigação que conduziram à pesquisa.

No Estado da Arte e enquadramento conceptual fez uma breve análise das leituras que realizou e das informações mais relevantes para o tema de forma sucinta, dando também uma contextualização de conceitos sobre esta área. Deste modo, esta dissertação está apta para um leitor que faça parte da comunidade científica assim como para um leitor leigo sobre esta temática.

Seguidamente, referencia a metodologia utilizada na investigação.

Como último ponto referente à introdução, enunciou as limitações.

No primeiro capítulo, fez a contextualização histórica dos dois países, referiu os laços que têm em comum, não só para que o leitor possa entender em que ponto os países estavam em 2013, mas também como a relação histórica destas duas nações afetou várias decisões políticas e económicas.

No segundo capítulo, referiu as mudanças inerentes à liderança de Xi Jinping e explicou como algumas mudanças ao nível das políticas externas, internas e económicas proporcionou a evolução da República Popular da China.

O capítulo seguinte, diz respeito às mudanças registadas na liderança sul-coreana que coincidem ao mesmo período de Xi Jinping. Neste capítulo abordou as políticas económicas, internas e externas dos dois presidentes sul coreanos: Park Geun-hye e Moon Jae-in.

No quarto capítulo, apresentou os acordos bilaterais mais importantes estabelecidos, aproximação das relações destas duas nações e os seus retrocessos.

No quinto capítulo, fez uma análise interpretativa dos dados recolhidos entre as duas grandes potências no que respeita às relações bilaterais, como por exemplo os dados das exportações e importações de cada país de modo a entender se uma nação é dependente de outra e o impacto das políticas internas e externas nessas relações.

No sexto capítulo, fez uma análise crítica de toda a informação recolhida.

No último capítulo, elaborou as conclusões finais. Para além disso, respondeu às questões de investigação e objetivos.

Por fim, referenciou toda a bibliografia utilizada e analisada para esta dissertação.

### **Limitações**

Esta dissertação tem como novidade a análise das relações bilaterais entre 2013 e 2022, como tal houve uma grande dificuldade em encontrar dados (exportações, importações, turismo).

O turismo foi uma das retaliações “seletivas” por parte da China em relação à Coreia do Sul, no entanto não foi possível encontrar dados sobre esta informação já para obter percentagens de turismo são necessárias várias variáveis como por exemplo: passagem de aviões, estadias de hotéis, visitas a museus, entre outros.

A segunda e última limitação é a língua. A maior parte das fontes mais recentes está em mandarim e coreano dificultando assim a pesquisa. A maior parte da bibliografia que relaciona estas duas potências termina no início do século XXI, já que a maior parte dos autores dá mais ênfase às relações bilaterais entre a China e os EUA, devido ao poderio económico de ambos, como tal muitas das fontes são jornais coreanos que traduzem as suas notícias para inglês.

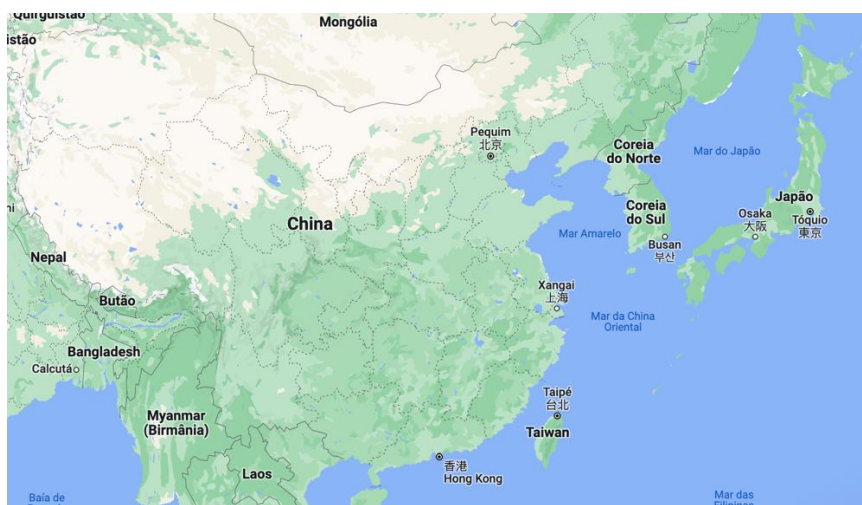
## CAPÍTULO I –

# AS RELAÇÕES BILATERAIS SINO-SUL COREANAS - PERSPETIVA HISTÓRICA

### 1.1. Relação Milenar entre a China e a Península Coreana

A Coreia do Sul e a China sempre foram países próximos, não só por fatores geográficos (ver figura 1), como também históricos e culturais. O relacionamento entre os dois países, chamado de “servir o grande”, ou “*sadae*” em coreano, estabelecia por parte da Coreia, o reconhecimento da China como potência superior (Jang, 2014).

**Figura 1: Localização Geográfica da Coreia do Sul e da China**



Fonte: *Google Maps*

In-Sung Jang (2014, p.55) explica que, Lee Gi (1955), interpreta o conceito de *sadae* como “resultado inevitável das relações de poder superior-inferior.”. Lee (1955), explica também que o sistema tributário sino-coreano abrangia “uma infraestrutura econômica baseada em preferências comerciais nas quais pares e cargos eram concedidos aos coreanos; também era prerrogativa da China confirmar a sucessão coreana: isso às vezes

chamado de “instalação” do rei.” (Jang, 2014, pp.55-56). Como tal, a península coreana era independente e não pertencia ao território chinês (Jang,2014).

O país disputou e internalizou inúmeros aspetos ideológicos e políticos da China, destacando-se a adoção do Confucionismo pela dinastia Joseon não apenas como ideologia governamental, mas como ideologia de todo o país. Do ponto de vista da Coreia de Joseon, a China era considerada uma potência continental e uma protetora confiável (Chung, 2007).

Este relacionamento manteve-se ao longo dos séculos e encerrou com a declaração da República Chinesa e a queda da Coreia sob o julgo colonial japonês (Gorito, 2010). No século XIX, segundo Seth (2011) não houve um consenso entre os historiadores sobre um possível período de declínio político da Coreia do Sul, todavia o autor afirma que se este declínio existiu, uma das razões foi a influência familiar que moldava a governação de alguns monarcas<sup>6</sup>. Esta situação levou à formação de um regime corrupto, enfraquecendo o papel do estado e, como tal, o governo de Joseon<sup>7</sup> adotou uma política de isolamento denominada por “reino eremita” até 1905, o que não foi suficiente para proteger a nação contra as investidas do império japonês (Kiernan, 2007).

Devido ao estatuto de tributário da Coreia, outras nações tinham de estabelecer contacto com a China (nesta época reinava a dinastia Qing<sup>8</sup>) de modo a estabelecerem relações diplomáticas ou comerciais com a Península Coreana. Larsen (2008) afirma que a resposta do “país do meio” foi de que “Choson é tributário da China; mas sobre a autonomia deste país na sua própria política, religião, proibições e ordens, a China nunca interveio nele”, contudo o Japão era uma exceção, já que lhes chegavam rumores que a Península Coreana era uma nação autónoma e por isso, tentava negociar diretamente com Choson (Zongliyamen apud Larsen, 2008).

Larsen (2008) afirma que, isto deve-se ao facto de as relações bilaterais pré-modernas entre a China e restantes nações serem baseadas numa conceção sinocêntrica<sup>9</sup>. Para além disso, a China considerava-se como a “civilização”, sendo que as restantes nações eram denominadas por “bárbaros” (Kang,2003). A península coreana fazia parte dos estados

---

<sup>6</sup> Segundo Seth (2011), esta época era denominada por *Sedo chongch'i*, que em português pode ser traduzida como “Lei do Sogro”.

<sup>7</sup> A última dinastia e reino coreano que foi substituído pelo Império Coreano. Esta governou a península coreana entre 1392 e 1897. É também denominada por Choson.

<sup>8</sup> Dinastia de etnia manchu que governou entre 1644 e 1912.

<sup>9</sup> O Sinocentrismo é um termo que se refere “à tendência de considerar a China como o centro das políticas mundiais.” (Fundação del Español Urgente. Visualizado a 24 de maio de 2021 como fazer). Os seus vizinhos reconheciam este sinocentrismo através de oferendas (Larsen, 2008).

periféricos do estado central, sendo que o “país do meio” apenas invadiria os estados “bárbaros” se estes não mostrassem respeito perante a nação chinesa.

Apesar da ideia de sinocentrismo ter terminado no início do século XX, a Coreia já teria deixado de ser tributária deste sistema em 1895 (Kang,2003).

A 17 de abril de 1895 dá-se a assinatura do Tratado de Shimonoseki, onde proclama no art.1. que “a China reconhece definitivamente a total e completa independência e autonomia da Coreia e, em consequência, o pagamento de tributo e a realização de cerimônias e formalidades pela Coreia à China, em derrogação de tal independência e autonomia, cessarão totalmente para o futuro.”. Neste mesmo ano, a Imperatriz coreana Myeong Seong é assassinada pelos japoneses, no ano seguinte o monarca Gojong refugia-se na legação russa e no ano consequente, a dinastia Joseon proclama o Império Coreano (1897-1910) (Kim,2014).

Após a vitória dos japoneses contra os russos (1904-1905), o Império coreano torna-se um protetorado do Japão com a assinatura do Tratado de Eulsa em 1905. Cinco anos mais tarde, assinam também o tratado de Anexação Japão-Coreia (Robinson, 2009), que tal como o nome indica, permitiu a anexação do império coreano ao império japonês.

Durante o período de domínio do Império japonês (1910-1945), sucederam-se várias demonstrações de resistência contra a influência japonesa e apoio aos Kuomintang<sup>10</sup> por parte dos coreanos nacionalistas, este que se intensificou na década de 30 (Chung, 2007).

Em 1919, dá-se o movimento do “Primeiro de Março”, uma das primeiras demonstrações públicas de resistência coreana contra o Império nipónico. Neste dia os nacionalistas coreanos leram na atual capital da Coreia do Sul a declaração de independência coreana. No mesmo ano, foram estabelecidos três governos provisórios coreanos, sendo o primeiro proclamado a 13 de abril de 1919<sup>11</sup> (Lee,2019). Como consequência, em outubro do mesmo ano, dá-se a batalha de Qingshanli que ocorreu na Manchúria (território pertencente à China) entre os exilados coreanos e o exército nipónico.

Em 17 de abril de 1925 é formada uma reunião secreta do Partido Comunista da Coreia (Lankov, 2001).

---

<sup>10</sup> O Kuomintang é o Partido Nacionalista Chinês. Após a guerra civil chinesa o partido vê-se obrigado a refugiar-se em Taiwan onde ainda hoje se encontra tendo formado a República da China que não é reconhecida pela maioria dos países do mundo (Kuomintang, 1919).

<sup>11</sup> O segundo governo provisório foi estabelecido em Vladivostok a março de 1921 e o terceiro em Seoul a 21 de abril do mesmo ano.

## **1.2.O nascimento da República Popular da China**

Entre 1927 e 1949, a China encontrava-se num período turbulento, no meio de uma guerra civil, com a divisão política ideológica. De um lado, os apoiantes da República da China (Kuomintang<sup>12</sup>) e do outro, os apoiantes da República Popular da China (Partido Comunista da China<sup>13</sup>) (Zhou,2015).

A queda da dinastia Qing (1644-1911), que por sua vez culminou no fim do Império Chinês, levou à ascensão do KMT (1927), com um governo sob a liderança de Sun Yat-Sem, também conhecido por “pai da nação” chinesa.

Sun Yat-sen era chefe titular de vários grupos “revolucionários. Estes grupos foram agrupados e deram origem a uma Aliança Revolucionária (Spencer, 1990).

Os revolucionários afirmavam-se como “nacionalistas” e buscavam a libertação da nação chinesa do estrangulamento económico do Ocidente e do Japão. Alguns destes membros eram socialistas e queriam acabar com a China “feudal” e iniciar um novo período com um novo sistema de governação, porém não queriam sujeitar-se ao sistema capitalista do ocidente (Spencer, 1990).

Primeiro líder do partido, Sun Yet-sen não conseguiu impor a sua posição perante representantes de outras nações. Desacreditado, surge o Partido Comunista da China em 1921, partido de oposição com ideais marxistas, contando com apoio dos russos (Kissinger, 2011). Em 1925, após a sua morte, Sun é sucedido por Chiang Kai-Shek, como líder do partido até 1949 (Spencer,1990).

Chiang Kai-Shek ao contrário de Sun Yet-sen, não foi capaz de ter uma relação pacífica com os comunistas (Roberts, 1999).

Em 1927, Chiang Kai-Shek assume o comando das tropas do Kuomintang. Este decidiu submeter todos os chefes locais do país ao aproximar-se de cidades importantes na zona de Cantão. Estes estavam a tentar assumir o poder do Norte, contudo os comunistas decidiram agir assumindo o poder nessas cidades, resultando numa rutura entre os dois partidos (Kissinger, 2011)

---

<sup>12</sup> Partido político criado em 1919 na China continental liderado por Sun Yet Sen (Kuomintang,1919).

<sup>13</sup> Partido criado como resposta às ideias do Kuomitang. Este partido é influenciado pelas ideias marxistas.

Entre 1927 e 1930, o Partido Comunista Chinês tenta expandir o seu poder em algumas cidades-chave chinesas. Sem sucesso, estratégia acaba por diminuir o número de apoiantes (Spencer, 1990).

No Partido Comunista, Mao Tse-Tung, assume o cargo máximo, e com o apoio das classes mais desfavorecidas, nomeadamente dos camponeses, ele desenvolve táticas de guerrilha resultando na Grande Marcha<sup>14</sup> entre 1934 e 1935. Com isto, o partido comunista foi obrigado abandonar o soviete em que se encontrava devido à investida do Kuomintang (Kissinger, 2011). A meio de uma guerra civil e ameaça de invasão nipónica, resulta na assinatura de um tratado de paz entre Chiang Kai-Shek (Kuomintang) e Mao Tse-Tung (Partido Comunista da China) a setembro de 1937.

Com exército pouco desenvolvido, Chiang viu-se obrigado a retirar-se com a invasão nipónica e a destruir a infraestrutura das regiões que acabariam por serem conquistadas pelos japoneses. Todavia o exército vermelho do Partido Comunista chinês estava fortalecido devido às técnicas de guerrilha conseguindo defrontar as várias investidas nipónicas (Spencer, 1990).

Em 1945, o Japão é derrotado na Segunda Guerra Mundial, provocando uma corrida entre o KMT e os comunistas pelos seus territórios na China. Em 1946 termina o acordo de paz entre ambos os partidos, retoma-se a guerra civil e dois anos depois o partido comunista coloca em práticas as táticas de guerrilha, conseguindo importantes vitórias em várias cidades chinesas, culminando com a vitória que levou à ocupação de Nanquim em 1949 e em outubro do mesmo ano é proclamada a República Popular Chinesa (Kissinger, 2011).

O Kuomintang, refugia-se na ilha de Taiwan onde por vários anos é reconhecida como uma nação independente pelos estados não comunistas como a República da China (Kissinger, 2011).

---

<sup>14</sup> A Grande Marcha segundo Rémi Kauffer foi a “retirada das tropas do Partido Comunista Chinês para fugir da perseguição do Kuomintang entre 1934 e 1935. O movimento consolidou a liderança de Mão Tsé-tung.”.

### **1.3.O efeito da Guerra da Coreia**

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), enquanto os Estados Unidos da América tentavam derrotar o Japão no Pacífico, a Coreia viu-se forçada a lutar ao lado dos nipônicos (Lee, 2006).

Mais tarde, durante a guerra da Península Coreana, entre 1950 e 1953, a China manifestou o seu apoio à Coreia do Norte (Zhou,2015). De acordo com Kissinger (2011), Mao e Stalin (primeiro-ministro da União Soviética entre 1941 e 1953) tinham como objetivo derrotar os capitalistas norte-americanos. Por conseguinte, Mao transferiu armamento e cerca de 50 mil soldados pertencentes ao Exército Vermelho de Libertação Popular para o exército norte-coreano.

Kim Il Sung (chefe do Partido Comunista Coreano) é apoiado pelos russos e pelos chineses desde o início da guerra da península Coreana, enquanto a sul a ideologia capitalista e democrática era liderada por Syngman Rhee e apoiada pelos países ocidentais, nomeadamente os Estados Unidos da América que tinham derrotado o Japão e ocupado o território coreano.

Na Conferência de Moscovo em dezembro de 1945, foi acordado que os Aliados, a União Soviética, os Estados Unidos, a República da China e o Reino Unido governariam a península Coreana por cinco anos antes de lhe ser concedida a independência (Bluth,2008).

Entre 1946 e 1947 a União Soviética e os Estados Unidos entram em desacordo e como consequência a população passou a circular na península coreana conforme a sua ideologia política (Robinson,2007). Assim, os Estados Unidos pediram interferência das Nações Unidas, apesar da União Soviética se opor, resultando em eleições supervisionadas pela ONU<sup>15</sup> no Sul (Cummings,2005).

Em 1948, as eleições coreanas que estavam sob observação por parte das Nações Unidas fracassaram e a 15 de agosto do mesmo ano, com o apoio dos Estados Unidos é declarada a República da Coreia e a 9 de setembro é declarada a República Democrática e Popular da Coreia, no entanto ambas queriam o domínio de todo o território coreano e, por isso continuava a tensão na península (Yahuda, 2004).

---

<sup>15</sup> Organização das Nações Unidas



Com o armistício em 1953 e a divisão da península coreana com o DMZ, Kissinger afirma que, “Mao não triunfou em libertar toda a Coreia do “imperialismo americano”, como a propaganda chinesa alegou inicialmente. Mas ele entrara na guerra com objetivos mais amplos e em alguns aspetos mais abstratos, até românticos: testar a “Nova China (...) (isto para provar que o “país do meio” era agora uma potência militar e não temeria reivindicar os seus interesses políticos e económicos.” (Kissinger, 2011, p.100).

Se algo for possível concluir sobre esta guerra e da interferência da China nela é que esta estabeleceu a República Popular da China como uma potência militar e centro da revolução asiática. (Kissinger, 2011). A China passa a ser um novo adversário não só para os países ocidentais devido às suas ideologias políticas, mas também para os países vizinhos.

Devido à sua ideologia, a Coreia do Sul reconhecia a República da China e não a República Popular da China, levando a um corte de relações entre Pequim e Seul.

#### **1.4.O contexto do pós-guerra**

Durante as décadas de 60 e 70 as relações políticas e económicas entre a Coreia do Sul e a China foram praticamente nulas devido à relação próxima entre a Coreia do Sul e os Estados Unidos da América. Esta proximidade permite à ROK ultrapassar a crise económica e retomar a vida política (Gorito,2010).

Face a tal cooperação, o mercado norte americano era o predileto para as trocas comerciais. Segundo Gorito, (2010) o “mercado americano foi uma pré-condição essencial que tornou possível para o líder autoritário Park Chung-hee adotar sua estratégia de desenvolvimento baseada nas exportações.”

Além disso, os Estados Unidos da América era o foco político-económico dos sul-coreanos e por esse motivo, a China e a Coreia do Sul não mantinham qualquer tipo de relação (Gorito, 2010).

No início da década de 70, dá-se uma melhoria nas relações entre o Japão, a China e os Estados Unidos, o que permite uma aproximação entre a Coreia do Sul e a China, iniciando-se assim uma política pacifista entre ambos. Para além disso, a República Popular da China discriminava empresas americanas e japonesas que realizassem trocas comerciais com os sul coreanos. Seul, receosa com o impacto económico negativo, proporcionou uma política externa mais flexível, permitindo a negociação com nações

comunistas, excluindo a Coreia do Norte e Cuba, devido à sua aliança com os EUA (Chung, 2007).

### **1.5.A retoma das relações bilaterais**

De modo a reatar relações com a China, Gorito (2010) afirma que, o Ministério dos Negócios Estrangeiros sul coreano permitiu que diplomatas iniciassem conversações, tendo o Consulado Geral de Hong Kong (na época território pertencente ao Império Britânico) como local de contacto com a China. Para além disto, a Seul “optaria por suspender a expansão das relações políticas com Taiwan além do ponto em que já se encontravam.” (Gorito, 2010).

No domínio económico, a ROK, com o intuito de fomentar ainda mais o seu mercado, em 1973 abandona o “Princípio de Hallstein”<sup>16</sup>. Ou seja, retomariam novamente relações com os países que reconheciam a Coreia do Norte. De salientar também que, neste mesmo ano a Coreia do Sul referiu-se à China como “República Popular da China” pela primeira vez na delimitação da plataforma continental no Mar Amarelo. No ano seguinte, foi suspensa a proibição de envio de correio para nações comunistas (Gorito, 2010).

Em 1978, a Coreia do Sul capta atenção da China com o seu “milagre económico”. O “milagre económico”, também denominado por Milagre do Rio Han é o termo utilizado para descrever o crescimento económico da Coreia do Sul desde a década de 70. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), quando a ROK aderiu à OCDE em 1996, a sua economia concentrava-se na exportação, devido ao aumento da escolarização e às altas taxas de poupança e investimento (OCDE, 2021).

Segundo Chung (2007), o Ministro dos Negócios Estrangeiros sul coreano declara que “o governo do país não proibiria o comércio com países comunistas, com os quais não mantém relações diplomáticas”. Apesar desta abertura, as trocas oficiais continuavam proibidas.

No ano seguinte, inicia-se de maneira indireta trocas comerciais entre ambos os países através de países intermediários, como o Japão e a Singapura. O secretismo nas transações comerciais, beneficiava os dois países. Por um lado, a China, receava repercussões por

---

<sup>16</sup> O “*Princípio de Hallstein*” era um princípio alemão criado quando a Alemanha estava dividida na Guerra Fria. Este princípio fazia com que a República Federal da Alemanha não estabelecesse nenhuma relação diplomática com uma nação que reconhecesse a República Democrática Alemã.

parte dos norte coreanos, e Seoul por parte de Taiwan (Gorito, 2010). De acordo com Gorito (2010), trocas comerciais entre 1979 e 1983 verificaram elevado incremento com um valor inicial de 19 milhões USD em 1979 para 134 milhões USD em 1983 (Anexo 1). O presidente sul coreano Park Chung Hee foi assassinado em 1979 pelo chefe da agência de inteligência nacional colocando o país numa disputa de poder. Desta fora, entra-se numa fase de crescente autoritarismo sob a liderança de Chun Doo-hwan<sup>17</sup> (Chung,2007). Numa época em que a Coreia do Sul procurava estabilidade política, o presidente Chun Doo-hwan, em 1981 mostra abertura no fortalecimento das relações sino-sul-coreanas, na península e mercados de exportação, referindo que a China ao ter uma boa relação com os EUA (aliado da Coreia do Sul), também esta é sua “amiga” (Gorito,2010).

Em 1983, um avião chinês é sequestrado em território sul coreano obrigando Pequim a pedir a Seul para receber uma delegação chinesa. De forma a obter uma resposta positiva por parte da ROK, o país do meio pela primeira vez fora das organizações internacionais refere-se à Coreia do Sul como “República da Coreia”. Consequentemente, deu-se a primeira negociação diplomática entre ambas e a implementação da linha telex bilateral e de uma via de comunicação temporária que tinha como intermediário Tóquio (Gorito,2010).

Com esta primeira negociação, novos avanços nas relações sino-coreanas foram feitos. As participações dos dirigentes sul-coreanos eram aceites em conferências internacionais realizadas em território chinês, com clara demonstração de abertura por parte de Pequim. Também em 1988, a China anuncia a participação nos Jogos Olímpicos de Seul, e por sua vez os chineses convidaram a comitiva sul coreana a participar nos Jogos Asiáticos de Pequim em 1990 (Gorito,2010).

Por fim, na primeira metade dos anos 80, o estreitamento das relações entre a Coreia do Norte e Rússia, resultante do afastamento da China de certos ideias soviéticos, proporcionou uma maior predisposição, por parte dos chineses, para uma melhoria das relações com a Coreia do Sul (Gorito,2010).

Gorito (2010) explica que, entre 1984 e 1987, há um início de pequenos e indiretos investimentos sul-coreanos na China. A soma das importações e exportações passou de 462 milhões USD para 1.679 mil milhões USD. Com isto, a China deu cada vez menos importância protestos da Coreia do Norte devido ao aumento de comércio com

---

<sup>17</sup> Chun Doo-hwan foi um ditador sul coreano que governou o país entre 1980 e 1988. Este subiu ao poder através de um golpe de estado em 1979 (Choe, 2021).

a Coreia do Sul. Todavia, com o aumento significativo destes mesmos protestos, entre 1981 e 1982, observa-se uma queda nas importações chinesas e no comércio bilateral, como é possível verificar no Tabela 1.

**Tabela 1: Comércio da Coreia do Sul com a China, 1978-1987 (em milhões de dólares americanos)**

Ano	Total	Exportação para a China	Importação da China	Via Hong Kong
1979	19	4	15	-
1980	188	115	73	80
1981	353	205	148	219
1982	129	48	81	150
1983	134	51	83	160
1984	462	229	233	345
1985	1161	683	478	604
1986	1336	715	621	653
1987	1679	813	866	-

Fonte: Chung, 2007, p. 36.

Em 1987, Roh Tae Woo ganha as eleições para presidência da Coreia do Sul, retomando-se um período de democracia, com a adoção da “*Nordpolitik*”<sup>18</sup>, ou seja, uma política para o Norte para com os países socialistas (Gorito,2010).

Com o final dos Jogos Olímpicos de 1988, o Conselho de Promoção do Comércio Internacional da China propõe “negociar a troca de escritórios comerciais com a KOTRA” (Gorito, 2010,) ou seja, a *Korean Trade - Investment Promotion Agency* (Agência de Promoção Comercial da Coreia do Sul), contudo este período de cooperação bilateral foi interrompido com o incidente da Praça da Paz Celestial<sup>19</sup> no verão de 1989.

<sup>18</sup> Esta política tinha como objetivo diversificar os seus parceiros comerciais e garantir a paz e segurança em toda a península coreana (Chung,2007).

<sup>19</sup> Local de vários protestos iniciados por estudantes universitários. Jornalistas internacionais que estavam no local noticiaram os protestos que matou cerca de dez mil pessoas. A imagem mais conhecida é a do

Devido ao incidente em Pequim, o comércio entre estas duas nações teve uma queda de 16%. Gorito (2010) enumera três fatores para tal: “a adoção de novas barreiras à importação de bens de consumo pela China, ainda em 1988; a extensão destas barreiras à produtos como televisores, toca-fitas e computadores – todos eles importantes na pauta de exportações sul-coreana; e a retirada de preferências fiscais à itens de embalagem neutra, aplicável à maior parte das exportações sul-coreanas”. Porém nesse mesmo ano, a Coreia do Sul fez parte de um empréstimo conjunto à China.

As relações bilaterais entre estas nações demonstravam estarem cada vez mais fortes principalmente com o crescente interesse da Coreia do Sul no mercado chinês comparativamente ao mercado americano. Chung (2007) afirma que, os sul coreanos doaram 5 milhões USD e automóveis como forma de apoio à organização dos Jogos Asiáticos de 1990 em Pequim.

No ano seguinte é estabelecido escritórios de representação comercial denominados por “Escritório da Agência de Promoção de Comércio da Coreia em Pequim” visto que, neste mesmo ano o comércio bilateral atingiu 5,812 mil milhões dólares americanos, como é possível ver na Tabela 1. Em 1992, as relações comerciais aumentam com a assinatura de acordos comerciais sobre tarifas e garantias de investimento. Com isto, a China concede o status de “nação mais favorecida” à Coreia do Sul de modo a evitar tarifas diferenciadas (Chung, 2007).

Neste mesmo ano, o comércio bilateral continuou a crescer tendo atingido US\$ 8,218 mil milhões em 1992 como se pode verificar na Tabela 2.

As exportações da Coreia do Sul cresceram 1,1% entre 1988 e 1992, enquanto, as exportações chinesas passaram de 3.8% em 1988 para 4,3% em 1991. A Coreia do Sul apenas investiu aquando do aparecimento dos escritórios de representação comercial, sendo que o volume aplicado aumentou significativamente entre 1989 (9,8 milhões dólares americanos) e 1991 (85 milhões dólares americanos). Segundo Gorito (2010) os sul coreanos queriam aproveitar a mão de obra barata de modo a exportar novamente os produtos para outros países.

As relações comerciais continuaram a aumentar desde 1992 em diante. Em 1993 os três principais parceiros comerciais da Coreia do Sul eram os EUA, o Japão e a China,

---

“homem do taque” que estava sozinho em frente aos tanques a protestar e foi levado pelos militares para parte incerta. É de notar que este incidente foi “apagado” da história chinesa, pois demonstra a luta pela liberdade ideológica na China, algo que o governo chinês não quer.

sendo que oito anos mais tarde a China ultrapassa o Japão tornando-se assim, o segundo parceiro comercial mais importante, por outro lado a Coreia do Sul em 2006 passa a ser o segundo maior exportador da China, sendo que em primeiro lugar encontrava-se o Japão.

**Tabela 2: Comércio da Coreia do Sul-China, 1991-2012, em percentagem (%)**

Ano	Exportações	Importações
1988		
1989	2,1%	2,2%
1990	2,1%	2,1%
1991	1,4%	4,2%
1992	3,5%	4,6%
1993	6,3%	4,7%
1994	6,5%	5,3%
1995	7,3%	5,5%
1996	8,8%	5,7%
1997	10%	7%
1998	8,3%	6,7%
1999	9,5%	7,4%
2000	8%	10,7%
2001	12,1%	9,4%
2002	14,6%	11,4%
2003	18,1%	12,3%
2004	19,6%	13,2%
2005	21,8%	14,8%
2006	21,3%	15,7%
2007	22,1%	17,7%
2008	21,7%	17,7%
2009	23,9%	16,8%
2010	25,1%	16,8%

2011	24,2%	16,5%
2012	24,5%	15,6%

Fonte: World Integrated Trade Solution.

De acordo com Snyder (2009), com a melhoria das relações bilaterais inicia-se um período designado de “febre chinesa”, caracterizado por uma maior procura por negócios e produção.

Em 1994, a Coreia do Sul passa a fazer os seus investimentos maioritariamente no “país do meio”, contudo em 1997 dá-se a crise financeira da Ásia. Com isto, o comércio entre ambos se modifica e as empresas sul-coreanas suspendem investimentos na China devido a falta de capital. Gorito (2010) justifica assim, a queda de 22% de exportações sul coreanas para a China no ano seguinte.

Uma segunda “febre chinesa” dá-se início em 2001 devido ao crescimento do comércio e com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC). Neste mesmo ano, os sul-coreanos passaram a investir em setores de larga escala e tecnológicos devido às grandes empresas *chaebol*<sup>20</sup> coreanas como por exemplo a LG e a Hyundai Motor Company (Gorito,2010).

Na Tabela 2 verificamos que, a China aumentou o comércio atingindo em 2008, 168 mil milhões de dólares americanos, já na Tabela 3 constatamos que ao longo dos anos os investimentos sul-coreanos alteraram-se consoante as necessidades e os capitais disponíveis na época

**Tabela 3: Exportações sul-coreanas para a China, em categorias entre 1992 e 2006, em percentagem (%)**

<b>Categoria</b>	<b>Ano</b>	<b>1992</b>	<b>1998</b>	<b>2001</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>
<b>Bens primários</b>	Total	0,5	0,3	0,4	0,6	0,6	0,7
	Total	88,7	85	83,4	79,7	82	79,3

<sup>20</sup>Conglomerados de empresas em torno de uma empresa mãe. Estes conglomerados têm a particularidade que normalmente são geridos por uma família e vários membros dessa família casam com membros de outra família de *chaebols*. A Samsung, a LG e a SK são um exemplo de empresas *chaebols*.

<b>Bens intermediários</b>	Peças e componentes	4,7	11,2	19,5	35,8	40	35,9
	Bens semifinalizados	84	73,7	64	43,9	42	43,3
<b>Bens finais</b>	Total	10,8	14,7	16,2	19,7	17,3	20
	Bens de capital	7,3	9,3	11,1	16,2	14,0	16,7
	Bens de consumo	3,5	5,5	5,1	3,5	3,3	3,3

Fonte: (Li & Cheong, 2008)

Analisando a Tabela 3 verificamos que, a China importa em grande quantidade bens de consumo intermediários da Coreia do Sul isto porque, a China até 2012 tinha uma indústria maioritariamente intensiva no que toca à mão de obra, assim como em recursos abundantes fazendo com que os preços sejam baixos e competitivos. Entre 2005 e 2006, dá-se uma diminuição de 4,1% nas importações chinesas de peças e componentes, sendo que o mesmo já tinha ocorrido anteriormente em 2000. A razão desta diminuição está no facto de a RPC ter iniciado a produção de certos bens que anteriormente importava do seu vizinho. Neste processo, dá-se um forte impulso no domínio tecnológico. Consequente, as exportações chinesas para a República da Coreia sofreram alterações. O “país do meio” em vez de exportar produtos agrícolas, minerais e passa a exportar produtos eletrónicos, bens de tecnologia da informação e produtos semifinalizados. Desta forma, aumenta exponencialmente a sua indústria nacional no início do século XXI, para além disso, começa a ser a ter um mercado competitivo ao nível tecnológico, como é possível observar na Tabela 4.

**Tabela 4: Exportações chinesas para a Coreia do Sul, anos seleccionados, em percentagem (%).**

	<b>Ano</b>	1992	1998	2001	2004	2005	2006
<b>Bens primários</b>	Total	37,1	20,3	12,9	9,1	9,4	6,3
	Total	50,3	52,4	48,9	52,8	54,7	57,4



<b>Bens intermediários</b>	Peças e componentes	1,6	13,6	16,9	18,6	19,4	20,9
	Bens semifinalizados	48,6	38,8	32	34,2	35,3	36,5
<b>Bens finais consumo)</b>	Total	12,6	27,2	38,2	38,1	35,8	36,2
	Bens de capital	2,6	11,6	14,5	18,4	18,5	18,7
	Bens de consumo	10	15,6	23,6	19,8	17,3	17,5

Fonte: (Li & Cheong, 2008)

As empresas sul coreanas começaram a abrir filiais em território chinês, onde poderiam encontrar mão de obra chinesa barata, servindo-se de polos de montagem de peças e componentes, já que os sul coreanos por esta altura era um dos maiores fornecedores deste produto tecnológico à China.

Recuando a 2004, com a assinatura de um acordo comercial de livre comércio entre o presidente sul coreano da época, Roh Um-Hyeon e o presidente chinês da época Hu JinTao (Gorito, 2010).

Em 2001, a China dá entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC), com isto é iniciada uma política externa que tenta assegurar os mercados de exportação, fontes de energia e matérias-primas, para tal são acordados um extenso número de acordos comerciais com países vizinhos, nomeadamente a Coreia do Sul (Gorito, 2010).

Após a crise financeira sentida na Ásia nos anos 90, a Coreia do Sul sofreu um processo de desenvolvimento semelhante com a China, fazendo com que a China “estudasse” a Coreia do Sul de modo a, entender as mudanças políticas e sociais que acontecem a uma nação com o desenvolvimento. Além do mais, os chineses analisam os setores de vários mercados de forma a aprender para mais tarde implementar. O “país do meio” implementou essa estratégia com a Coreia do Sul no que toca ao setor tecnológico. Por sua vez, a Coreia do Sul em 2003 começa a negociar também uma série de acordos de livre-comércio com grandes mercados (Gorito, 2010).

O acordo de livre comércio tinha como objetivo simplificar os investimentos sul coreanos na China, nomeadamente na zona da Manchúria, onde até hoje existe um número significativo de população de etnia coreana (Gorito, 2010).

As Tabelas 5 e 6, elaboradas por Lee (2005) demonstram os efeitos do acordo comercial sino-sul-coreano.

**Tabela 5: Alterações no volume de comércio de China, Coreia do Sul e mundo com a entrada em vigor do acordo de livre comércio (em milhões de dólares americanos)**

De/Para	Coreia do Sul	China	Outros
Coreia do Sul	-	14.545,7	-6.343
China	14.501,1	-	-960,4
Outros	-5.563,4	-225,1	4.215,8
Total	8.937,7	14.320,6	-3.087,6

Fonte: Lee,2005.

**Tabela 6: Alteração nas exportações entre China e Coreia do Sul, com a entrada em vigor do acordo de livre comércio em setores selecionados (em milhões de dólares americanos)**

Setor	Coreia para China	China para Coreia
Agricultura e pesca	59	10.789,9
Têxteis	2.033,7	646,5
Produtos químicos	3.787,5	357,2
Veículos automotivos	1.724,5	117,6
Produtos eletrônicos	2.752,1	426,5
Maquinaria	1.755,1	548,2
Outras manufaturas	1.015,3	314,9
Total	14.501,1	14.545,7

Fonte: Lee ,2005.

Examinando primeiramente a Tabela 5 verificamos que após o acordo comercial sino-sul-coreano o comércio entre a Coreia do Sul e os restantes países diminuiu cerca de 6,3 mil milhões, enquanto que o comércio entre o “país do meio” com os restantes países

diminuíram cerca de 960,4 mil milhões, demonstrando uma dependência comercial entre estes países.

Analisando a Tabela 6 é possível constatar que, as exportações chinesas mais afetadas por este acordo são referentes aos produtos agrícolas e de pesca, enquanto as exportações afetadas sul coreanas são artigos têxteis, produtos químicos, veículos automotivos, maquinaria, produtos eletrónicos e outras manufaturas, com visíveis benefícios no livre comércio por parte das empresas exportadoras sul coreanas.

Com o aumento da competitividade das empresas chinesas observamos até aos dias de hoje que este acordo tanto pode ser benéfico como prejudicial, especialmente quando não há um consenso político entre ambas as nações.

No início do século XXI, vemos também que estas nações se voltam a aproximar culturalmente.

Roh Moo-hyun sobe ao poder a 25 de fevereiro de 2003 como presidente da Coreia do Sul. Presidência caracterizada pela continuação da *Sunshine Policy*<sup>21</sup>, por fazer diversos acordos de Livre Comércio, que inclui o acordo de Livre comércio ROK- China, assinado em 2006 e pelas várias acusações de corrupção, que culminou no seu suicídio em 2009 (Herskovitz, 2009). Com o fim do mandato de Roh Moo-hyun em 2008, Lee Myung-bak sucede, com uma política menos amigável com a Coreia do Norte comparativamente ao seu antecessor, contudo com uma diplomacia global e de cooperação com os países vizinhos, nomeadamente a China.

Em 15 de março de 2003, Hu Jintao torna-se presidente da RPC. Este seria o primeiro presidente chinês que não fez parte da revolução cultural chinesa, ou seja, não vivenciou a mudança cultural do país e com isso trouxe uma nova perspetiva, numa China que aos poucos estava a caminhar para se tornar numa grande potência (Kissinger, 2011).

A revolução cultural foi um apelo de Mao a uma revolução cultural por todo o território chinês. Este apelo deve-se ao facto de a 16 de maio de 1966 o governo chinês comunicar ao país que o Partido tinha infiltrados contra o PCC, como tal era necessário neutralizar esses inimigos (Kissinger, 2011).

Desta forma o governo eliminou os “quatro velhos”: a velha cultura, os velhos costumes, as velhas ideias e os velhos hábitos, dando origem à destruição de património cultural (Kissinger, 2011).

---

<sup>21</sup> Política de aproximação com a Coreia do Norte que termina em 2010.

Durante a presidência de Hu, a China tornou-se um produtor de tecnologia. O país poderia finalmente ter uma política externa de fato e não de longo prazo.

Esta política passava pelo início de um Diálogo Estratégico entre a China e os EUA. Kissinger explica que o “conceito refletia tanto o reconhecimento do progresso e do potencial de ganhos estratégicos da China- paradoxalmente- uma apreensão com as vulnerabilidades que continuam a ter.” (Kissinger, 2011, p.531)

Para além disso, vários académicos chineses entre 2003 e 2006 estudaram a queda de várias potências históricas (Kissinger,2011). Este estudo demonstrava que a China estava a caminho de se tornar numa potência económica, mas de uma forma responsável, isto é, não estava a fazer o mesmo percurso que outras potências outrora tinham efetuado antes de iniciarem conflitos armados, como é o caso da Alemanha na Segunda Guerra Mundial (Bijian, 2005).

Ambos os presidentes da RPC e da ROK tinham uma boa relação e cooperavam pacificamente a nível comercial e cultural.

Nesta época, a Coreia do Sul começara a utilizar a sua área de entretenimento como *soft power*, ou seja, já que, desde a década de 90<sup>22</sup> a China começara a consumir lentamente. Durante jantares oficiais entre ambas as nações, os sul coreanos convidavam os artistas preferidos de Hu Jintao, sendo este assumido fã das séries (designadas comumente por *K-dramas*) e da música coreana, também conhecida por *K-pop* (Kim,2011).

---

<sup>22</sup> Nesta década a China designou o entretenimento coreano por *Hallyu* (Lee,2011).

## **CAPÍTULO II- AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS NA ERA DE XI JINPING**

### **2.1.O perfil de Xi Jinping**

Xi Jinping nasceu na capital chinesa, filho de Xi Zhongxun que era um dos fundadores do Partido Comunista e Vice-Primeiro Ministro chinês (BBC News, 2021).

Devido às suas origens o atual presidente chinês faz parte da elite política chinesa, também conhecida por “príncipes” chineses. Em 1962, seu pai foi preso e Xi Jinping, com apenas quinze anos foi enviado para a zona rural de modo a ser “reeducado”. Com o fim da sua “reeducação”, Xi tentou entrar no partido, mas sem sucesso devido ao seu historial familiar, tendo-lhe sido negada várias vezes a entrada até 1974 (BBC News, 2021).

Xi em 2008 torna-se Vice-Presidente da China, um cargo que geralmente é dado antes de subir à presidência, que se confirmou mais tarde em 2012. Desde 2018 que Xi Jinping é o presidente vitalício da China, segundo os legisladores este cargo serve para salvaguardar a política centralista que Xi implementou. Esta decisão demonstra a atual importância de Xi na China e como o seu pensamento político impactou o PCC (BBC News, 2021).

Xi foi secretário local do partido na província de Hebei e chefe do partido em Xangai, em 2012 chegou à presidência chinesa (BBC News, 2021).

Em discurso após assumir o cargo de Presidente, Xi enunciou as suas visões políticas, porém em vez de ser delineado uma ação política de cinco anos, como dita a tradição, este delineou para um espaço de trinta anos, sugerindo a restantes nações esta opção de planeamento para acelerar o seu desenvolvimento económico (BBC News, 2021).

Desde o início da sua presidência Xi, teve atenção a dois objetivos centenários do partido, abordados por Jiang Zemin em 1997. O primeiro era obter uma sociedade próspera até 2021, que de facto se realizou, mesmo com o furto pandémico em 2020. O segundo será o rejuvenescimento nacional até 2049, data importante, que assinala o centenário do partido (Bader,2016).

No campo militar, Xi reorganizou severamente o exército, chegando mesmo a colocar os Estados Unidos da América em modo defensivo no Pacífico, apesar desta mudança advir do seu antecessor Hu Jintao (Bader,2016).

O atual presidente chinês passou a contar com um número mais reduzido de conselheiros e estruturas que controlam a formulação de políticas específicas. Este também reduziu significativamente o papel do Conselho de Estado, do Ministério das Relações Externas e Militares nas decisões fulcrais do partido, tornando Xi no maior influenciador da política interna e externa da China (Blackwill & Campbell, 2016).

## **2.2. Quais os seus poderes (a ascensão e a nova linha política de Xi Jinping)**

A 11 de março de 2018, na 13 Assembleia Nacional Popular, foi tornado ilimitado o número de mandatos do presidente chinês. Nesta assembleia foi também introduzido o pensamento de Xi (Tavares,2018).

Com isso o presidente chinês passa a ter como poderes:

- Presidente do Partido Comunista Chinês
- Secretário-Geral do partido
- Presidente da Comissão Militar Central (CMC)
- Comandante-chefe do exército da RPC
- Chefe da Comissão Central de Segurança Nacional
- Controlo da entidade responsável pela segurança do ciberespaço.

Com este monopólio de poder, Xi Jinping viu a sua administração a ser apelidada de “administração Xi”, excluindo assim o Primeiro-Ministro Li Keqiang (primeiro-ministro desde 2013 até à atualidade) que viu os seus poderes a ser reduzidos em comparação a Xi (Tavares,2018).

## **2.3. Pensamento de Xi Jinping**

Xi Jinping durante vários anos se questionou o porquê do fim da União Soviética e como poderia melhorar a ideologia marxista-leninista de modo a, não falhar na sua nação, como tal, a 18 de outubro de 2017 no 19º Congresso Nacional do Partido Comunista chinês, o atual presidente apresenta 14 princípios que mais tarde ficaram conhecidos como “O Pensamento de Xi Jinping no Socialismo com Características Chinesas na Nova Era” (Greer,2019).

Estes princípios para o presidente do “país do meio” são a chave para tornar a China na principal potência mundial (Noi,2017).

- **Supremacia do Partido:** É necessário garantir a liderança do partido Comunista da China em todos os círculos que este governa.
- **Uma abordagem centrada na população:** o partido necessita de ouvir a opinião e os interesses da população e ter uma governação com medidas dirigidas à população e as suas necessidades.
- **Reforma profunda:** o socialismo é a chave para a salvação da nação, através de reformas e abertura haverá um desenvolvimento da nação e, conseqüentemente, um desenvolvimento do socialismo e do marxismo.
- **Desenvolver novas ideias:** o desenvolvimento tecnológico, científico, verde, aberto e de uma forma compartilhado irá ajudar ao desenvolvimento do país.
- **Instituições Representativas:** defender o sistema de congresso popular, a cooperação multipartidária liderada pelo Partido Comunista e o sistema de consulta política, o sistema de autonomia étnica regional”
- **Estado de Direito:** governar a nação através do socialismo com características chinesas<sup>23</sup>.
- **Valores Socialistas:** aderir ao marxismo e fomentar firmemente o grande ideal do comunismo e o ideal comum do socialismo com características chinesas. Praticar os valores centrais socialistas e fortalecer a iniciativa e o direito de expressão no campo ideológico.
- **Bem-estar social:** construir uma nação segura, fortalecida e inovar na governação social de modo a garantir a satisfação da população com o seu quotidiano.
- **Convivência com a natureza:** defender a política nacional básica de conservação de energia e proteção ambiental, tratar o meio ambiente ecológico e contribuir para a segurança ecológica global.
- **Segurança nacional mais forte:** aderir a um conceito abrangente de segurança nacional e preparar a nação para o perigo em tempos de paz.
- **Autoridade do partido no exército:** liderança absoluta do partido sobre as forças armadas chinesas. O partido deve reformá-lo e fortalecê-lo através da ciência e tecnologia.

---

<sup>23</sup> Pensamento marxista-leninista adaptado às condições políticas e económicas chinesas



- Reafirmando a unidade nacional: política “um país, dois sistemas”<sup>24</sup> e o princípio “uma China”<sup>25</sup>, de modo a reunificar a nação.
- Destino humano comum: o sonho chinês também passa por obter um clima de paz internacional. A nação deve ser sempre um construtor dessa paz mundial.
- Disciplina partidária: reprimir a corrupção com tolerância zero.

#### **2.4.As transformações internas**

A China já há várias décadas que tem escolas de reeducação. Estas servem para que a população “extremista religiosa” seja “reeducada” e jure fidelidade ao governo chinês. O governo é pagão, desprendido de religiões, até porque o Presidente é a figura máxima e nenhum deus pode ter uma palavra acima dele (Human Right Watch, 2018). É importante notar que, a China é um país que devido à sua vasta extensão geográfica e demográfica, contém 56 etnias, com uma maioria pertencente à etnia Han<sup>26</sup>. O Tibete e mais recentemente Xinjiang são alvos do governo chinês. Xinjiang, região autónoma no noroeste da China, até há poucos anos era habitada na sua maioria pela etnia Uigur. De religião muçulmana, esta etnia assemelha-se fisicamente à população da Ásia central. Com ideologias políticas semelhantes à do Iraque estes tentaram por diversas vezes tornarem-se independentes da China (Human Rights Watch, 201).

Várias medidas foram implementadas pelo Governo chinês, muitas delas acusadas por violação dos direitos humanos e crimes contra a humanidade. Não só a minoria étnica passava por um processo de “reeducação”, como eram obrigados a deslocarem-se para outros distritos, sem liberdade religiosa, tendo sido encerradas mesquitas e proibidas qualquer cumprimento de tradição muçulmana (BBC Brasil, 2018).

De acordo com a Human Rights Watch (2018), a administração de Xi Jinping é a maior opressão na nação deste da fundação do Partido Comunista Chinês.

---

<sup>24</sup> Esta política refere-se a Macau e a Hong Kong que até à década de 90 faziam parte da governação portuguesa e britânica, respetivamente.

<sup>25</sup> Esta política é referente a Taiwan. Apesar de se considerar independente com a guerra civil, a China considera Taiwan como um território rebelde.

<sup>26</sup> A etnia Han fala mandarim, visto que é a sua maioria, após a guerra civil todo o território chinês passou a ter que usar o mandarim como língua oficial. Devido às inúmeras etnias presentes no país a comunicação era difícil.

Desde a sua chegada ao poder, o jornalismo foi censurado, as organizações não têm voz e em 2018 foi proibido utilizar os termos “não concordo” e “não à reeleição”, proibindo assim críticas à governação de Xi (Human Rights Watch, 2018).

Desde o início da sua carreira política que Xi lutou contra a corrupção e muitos analistas apontam que isto é um método de poder para com os líderes que lhe são mais próximo, já que, através desta política Xi afastou vários políticos do partido e aproximou-se das pessoas da sua confiança, consolidando assim um maior controlo dentro do partido (Tavares,2018).

Com o avanço tecnológico do país a repressão aumenta, nomeadamente em Xijiang onde todas as mensagens, pesquisas e rotinas são analisadas de modo a vigiar a etnia (BBC News, 2021).

Por fim, foi introduzido um método de pontos para toda a população chinesa para que todos tenham uma boa conduta social e não contestem o governo de Xi. Quem não aceitar estas condições terá de frequentar uma “escola de reeducação” (BBC News, 2021).

## **2.5. A nova política externa**

Desde a fundação da República Popular da China, tornou-se claro que o governo pretendia utilizar uma política diplomática de independência, de autonomia e de paz (Chen,2012) baseada em cinco princípios: coexistência pacífica; relações amistosas de igualdade e benefício recíproco com vários países do mundo; reforçar a unidade e a cooperação com os países do terceiro mundo e por fim, ser contra o hegemonismo em prol da paz mundial. (Chen,2012).

O atual presidente chinês tem uma atuação mais proativa<sup>27</sup> comparativamente a Hu Jintao que tinha uma atuação mais inativa<sup>28</sup>. Através desta política as relações com a Coreia do Sul, principalmente durante a presidência de Park Geun Hye<sup>29</sup>, tiveram uma melhoria significativa mesmo com a objeção de Kim Jong Un<sup>30</sup> (Li, 2016).

Os dez pontos das políticas externas do governo chinês (Política Exterior da China, 1991):

---

<sup>27</sup> Em mandarim é designado por 奋发有为 (*fenfa youwei*).

<sup>28</sup> Em mandarim é designado por 无为 (*wuwei*).

<sup>29</sup> Presidente da Coreia do Sul entre 2013 e 2016

<sup>30</sup> Líder supremo da Coreia do Norte desde 2011.

- Combater o hegemonismo, defender a paz mundial e desenvolver a cooperação pacífica de todas as nações promovendo a prosperidade económica dos mesmos. Com esta medida o governo protege os interesses a longo prazo da população chinesa.
- É contra a opressão dos países com menos poderio económico. Este pensamento está ligado a uma ideologia importante para a China - os assuntos internos de um país são resolvidos pelo mesmo, isto é, se a China tiver um problema interno ninguém deve intervir pois esse problema será resolvido pelos mesmos, em troca a China não se intromete no problema das outras nações.

Contudo Xi Jinping abre uma exceção. Em maio de 2014, na Conferência sobre Interação e Medidas de Fortalecimento da Confiança na Ásia que se realizou em território chinês, o presidente chinês afirmou que a China tem o direito de influenciar assuntos regionais, para além de que, os assuntos políticos, económicos e de segurança relacionados com nações asiáticas devem ser decididos apenas pelos mesmos (Li, Cheng, 2016).

- Ao resolver um problema na ordem mundial o maior critério para este é salvaguardar a paz mundial.
- A China não apoia nenhuma superpotência e nem se tornará dependente destas.
- O facto de a China utilizar os cinco princípios de coexistência de respeito mútuo este não deixa de conviver pacificamente com outras nações mesmo que estas não tenham a mesma ideologia. O governo chinês também não aceita que a diferença de sistemas sociais seja um pretexto para uma nação ocupar outra.

Apesar do seu atual estatuto económico a China ainda se considera como uma nação de terceiro mundo e, como tal, continua a intensificar e desenvolver relações externas com países da mesma categoria. Devido a este estatuto o país repudia o imperialismo e o colonialismo, defendendo sempre a independência de uma nação.

Com este pensamento, a China procura constantemente melhorar as suas “relações Norte-Sul”<sup>31</sup> e reforçar as suas “relações Sul-Sul”<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> Segundo o Conselho Europeu é um mecanismo que tem por objetivo promover “uma cidadania global ativa entre governos, parlamentos, autoridades locais e regionais e sociedade civil, aumentando a consciencialização sobre a interdependência global por meio do diálogo intercultural e da educação global.” (Council of Europe, 2022).

<sup>32</sup> De acordo com as Nações Unidas, esta cooperação é um mecanismo utilizado pelos “estados, organizações internacionais, académicos, sociedade civil e setor privado para colaborar e partilhar conhecimentos, habilidades e iniciativas bem-sucedidas em áreas específicas como desenvolvimento agrícola, direitos humanos, urbanização, saúde, mudanças climáticas etc.”.

- O PCC é contra a corrida ao armamento. Após realizar o seu primeiro teste nuclear o governo chinês fez uma proposta à Ordem Mundial de proibição total e desarmamento nuclear e que o país nunca será o primeiro a recorrer a esta alternativa. Estes defendem ainda que, deverá haver uma proibição e destruição de todas as armas químicas.
- O país tem utilizado progressivamente a política de abertura. Esta política baseia-se “na igualdade e benefício recíproco – as cooperações e intercâmbios económicos, comerciais, científicos e tecnológicos com todos os países do mundo.” (Chen,2012).
- A China apoia os empreendimentos que as Nações Unidas realizam de acordo com a Carta das Nações Unidas (1945)<sup>33</sup>. Este também desenvolve atividades diplomáticas que tem como objetivo aumentar a cooperação com todos os países. Este é ainda membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas<sup>34</sup>, sendo que o seu voto pertence ao terceiro mundo.
- Promove intercâmbios culturais, educativos, científicos, tecnológicos, jornalístico, sanitário e desportivo de modo a manter as relações pacíficas com os outros países.

De acordo com Chen (2012), a China mantém relações diplomáticas com mais de 130 países, centenas de acordos comerciais em todo o mundo e participa em mais de 380 organizações internacionais de modo a salvaguardar a paz internacional. É de notar que Xi também apela à comunidade internacional pela “solução chinesa”, isto é, “conjunto de deliberações para os problemas do plano regional ou global, em vez da via americana.” (Tavares,2018).

---

<sup>33</sup> Carta assinada em 1945 que defende os direitos humanos e define parâmetros para melhorar a qualidade de vida da população. A Carta defende o respeito universal, os direitos humanos e a liberdade fundamental de todos os cidadãos (United Nations, 2022).

<sup>34</sup> É um órgão pertencente à Organização das Nações Unidas e tem como objetivo zelar pela manutenção da paz e da segurança internacional. Tem a capacidade de adotar decisões obrigatórias para todos os estados-membros da ONU e tem capacidade de autorizar intervenção militar caso seja necessário. Para além disso, está responsável pelas operações de manutenção da paz e missões políticas especiais.

## **CAPÍTULO III- AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS NA COREIA DO SUL NA ERA DE PARK GEUN-HYE E MOON JAE IN**

### **3.1. Poderes do presidente sul coreano**

De acordo com o Art.º 70 da Constituição da República da Coreia (1948), a eleição do presidente é realizada através do voto direto e secreto. Este é eleito para um mandato de cinco anos e não pode ser reeleito.

Se porventura não houver ninguém no cargo é necessário eleger um candidato no prazo de sessenta dias, sendo que nessa altura cabe ao Primeiro-Ministro exercer esses direitos. Neste mesmo artigo, está expresso que o presidente está isento de responsabilidade criminal, exceto quando por insurreição ou traição.

No terceiro capítulo da Constituição é definido os deveres e poderes do Presidente sul coreano. Tem como dever:

- defender a Constituição;
- nomear altos funcionários públicos;
- preservar a segurança e a nação;
- defender a reunificação da Coreia, nomeadamente atuar como Presidente do Conselho Consultivo Nacional de Unificação

O Presidente tem como poderes:

- chefe do poder executivo do governo
- comandante chefe das forças armadas sul-coreana
- declarar guerra
- realizar referendo sobre questões importantes para a nação
- proferir ordens executivas
- condecorar em homenagem ao serviço à nação
- emitir indultos
- declarar estado de emergência suspendendo todas as leis
- decretar estado de lei marcial

- vetar projetos de lei - é necessário uma maioria de dois terços do veto anulado pela Assembleia Nacional de acordo com o Artº. 53 da Constituição da República da Coreia, caso a Assembleia Nacional votar contra uma decisão do Presidente esta será anulada imediatamente.

### **3.2. A chegada de Park Geun-hye**

Park Geun-hye nasceu a 2 de fevereiro de 1952 e é a filha mais velha de Park Cheung Hee (BBC News,2018).

Desde cedo teve de enfrentar duras críticas devido a ser mulher, solteira, sem filhos e filha do ex ditador sul coreano, porém isto não a impediu de utilizar o *slogan* do seu pai “Vamos viver bem” onde prometia o crescimento económico do país, contudo utilizou este slogan para se desculpar em nome de seu pai pelos erros que este anteriormente cometera (BBC News,2018).

Park, líder do Partido Liberal Coreano, assumiu o cargo de Presidente a 25 de fevereiro de 2013 (BBC News,2018).

### **3.3. Políticas Internas de Park Geun-hye**

No início da sua governação Park Geun-hye tinha como intuito abrir uma nova era de esperança para o povo coreano. Desejava mudar o modelo de desenvolvimento coreano, isto é, passar de um modelo centrado no país para um modelo centrado nas necessidades de cada indivíduo, ou seja, criar uma estrutura de prosperidade e, como consequência tornava os cidadãos felizes e por sua vez desenvolveria a nação. De modo a alcançar o seu objetivo, esta reestruturou a Casa Azul<sup>35</sup> e a organização governamental (The Republic of Korea Cheong Wa Dae, 2013).

A administração de Park sofre o seu primeiro obstáculo. Em abril de 2014 dá-se o naufrágio de Sewol onde tragicamente faleceram cerca de 300 pessoas, na sua maioria estudantes do ensino secundário que estavam numa visita de estudo. Esta tornou-se na

---

<sup>35</sup> Casa presidencial sul coreana.

maior tragédia do país desde o colapso do centro comercial Sampoong <sup>36</sup>em 1995 (BBC News, 2014).

Nesta tragédia, o governo de Park foi dado como culpado pela opinião pública. Chung Hong-won (Primeiro-Ministro sul coreano entre e 2014) pediu a demissão ao fim de dez dias e no mês seguinte o principal Conselheiro de Segurança Nacional de Park assim como o Diretor do Serviço Nacional de Inteligência demitiram-se. Em novembro dá-se a dissolução da guarda costeira que foi acusada de não ter sido capaz de dar a resposta necessária e rápida durante a ocorrência, não sendo assim capaz de salvar as vítimas (BBC News, 2014).

Lee Wan-Koo, Primeiro-Ministro que subiu ao poder após demissão de Chung Hong-won, demitiu-se um ano depois devido a escândalo de corrupção. Durante esta época Park e face a tantas contrapartidas e escândalos, batalhava para se permanecer no poder, posicionando-se contra a corrupção (Kang,2015).

Em 2015, Park reformou os setores das finanças, público, educação e económico de modo a reavivar a economia do país, porém Park e Cheong Wa Dae estavam numa relação turbulenta devido a uma revisão que Cheong pretendia fazer aos poderes da assembleia (Kang,2015).

A Ex Presidente sul coreana propôs também o fim dos “Quatro Principais Males Sociais”: a violência sexual, violência doméstica, a violência escolar e alimentos inseguros (Hwan, 2013).

A 17 de junho de 2013, Park criou o Comité de Unidade Nacional, com o propósito de auxiliar o Presidente a resolver conflitos na sociedade sul coreana (Hwan, 2013).

Durante a sua governação esta teve várias discórdias com os seus Primeiros-Ministros, adicionando os escândalos, a sua posição ficou condicionada, não conseguindo combater a instabilidade política da Coreia do Sul desde a separação das Coreias.

---

<sup>36</sup> Centro Comercial que colapsou a 29 de junho de 1995 devido a falha de construção. Este acidente vitimizou 502 pessoas e 937 pessoas ficaram feridas, sendo considerado até 2013 o maior colapso acidental de infraestrutura.

### 3.4. Políticas externas de Park Geun-hye

A 12 de dezembro de 2012 (antes da eleição de Park Geun-hye) a Coreia do Norte violou a segurança da ONU (Organização das Nações Unidas) e disparou um míssil de longo alcance, sendo que a Coreia do Norte lançou mais dois mísseis, o último deu-se a 12 de fevereiro de 2013, anulando assim o acordo de não agressão entre ambas as nações (BBC News,2019).

Park reagiu dizendo que não iria sucumbir às provocações do país vizinho e que analisaria as medidas a tomar com ajuda da ONU, dos EUA e da China (Klingner, 2013). Estes mais tarde concordaram que a Coreia do Norte foi contra o pacto de não agressão (Cha,2013).

Devido à resposta internacional a Coreia do Norte cessou com os ataques (Cha,2013).

Park enunciou as suas medidas para alcançar a unificação pacífica da península coreana, de notar que esta é uma das funções do presidente sul coreano.

As medidas baseiam-se em três etapas: garantia pela paz, integração económica e a integração política. Para além disso a iniciativa conta com assistência humanitária aos norte coreanos assim como o “Projeto Visão Coreia” que tem como intuito estabelecer uma única nação na península. (Cheon,2013).

A primeira visita oficial de Park Geun-hye foi a 5 de maio de 2013 aos Estados Unidos da América. Esta realçou a importância da aliança política, económica e militar entre ambos os países e o quão importante é reforçar o poderio militar de ambos na fronteira entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte (Wilson & DeYoung , 2013).

Park fez a sua primeira visita oficial à China entre 27 e 30 de junho de 2013 encontrando-se assim com o ainda atual Presidente chinês Xi Jinping. Nesta visita, Park explicou a sua posição em relação à Coreia do Norte e as suas medidas. O presidente chinês apoiou a posição da Presidente sul coreana (Lee S.-j. , 2013).

Para além disso, nesta época a Coreia do Sul e o Japão tinham uma relação tremida devido ao passado colonial do Japão e com as tendências nacionalistas do então Primeiro-Ministro japonês Shinzo Abe. Isto aproximou a Coreia do Sul e a China ainda mais, tendo a última sofrido também com o passado colonial japonês (Lee S.-j. , 2013).

Em setembro de 2013, Park participou na Cimeira do G-20 em São Petersburgo, discutindo a cooperação económica e as relações de paz na península coreana. (Yonhap



News, 2013). Já a 13 de novembro de 2013, Vladimir Putin visita o território sul coreano. Nesta reunião realçou-se novamente relações de paz na península coreana e a cooperação económica entre ambos os países, nomeadamente com a Cooperação Económica da Ásia-Pacífico<sup>37</sup> (Yonhap News Agency, 2013).

A 26 de maio de 2015, Park negociou a sua entrada com o chefe do Banco Asiático de Desenvolvimento de modo a existir uma cooperação mútua, e nesse mês também iniciou a sua cooperação com o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, liderado pela China (Yonhap News Agency, 2015).

Park Geun-hye, em 2011, publicou um artigo sobre as relações entre ambas nações da península coreana onde proferiu a política de “*Trustpolitik*” pela primeira vez (Keck, 2013).

Esta política fornecia vários incentivos à Coreia do Norte se esta confiasse na Coreia do Sul, porém Kim Jong Um inicia uma série de testes nucleares colocando assim o fim do pacto de não agressão (Keck, 2013).

Em 2016 a Coreia do Norte inicia o quarto e quinto teste nuclear e vários testes de mísseis pondo em causa a segurança do seu país vizinho. Tal ameaça fez com que a política de Park acabasse desacreditada, já que o seu vizinho se demonstrou imprevisível. Com o decorrer destas ameaças o governo de Park inicia uma abordagem mais rígida em relação à Coreia do Norte (Keck, 2013).

Park tentou que os EUA se aliassem nas suas políticas, porém o seu aliado decidiu formular uma estratégia política própria para aquela região, para além disso a China não se interessou nesta questão, como tal a nova política de Park, a Iniciativa de Paz e Cooperação do Nordeste Asiático (NAPCI)<sup>38</sup> e a Iniciativa Eurásia<sup>39</sup>, foi um fracasso ao nível da cooperação política regional (Lee S.-H. , 2014).

### **3.5. Impeachment de Park Geun-hye**

Park Guen Hye começaram a ser investigadas a outubro de 2016. Após uma investigação os membros principais da equipa de Park foram presos (Kim, 2017).

---

<sup>37</sup> É composto por 21 países da Orla do pacífico e promove o livre comércio da região.[2] este visa estabelecer novos mercados para produtos agrícolas e matérias-primas fora da Europa. Tem sede em Singapura.

<sup>38</sup> Limita-se maioritariamente ao nível de trabalho e cooperação técnica.

<sup>39</sup> Projeto que visa conectar a península com o continente Euroasiático, nomeadamente a China, Rússia, Ásia Central e a União Europeia.

Com o início da investigação foram iniciados protestos e comícios contra a presidente pedindo que esta renunciasse o cargo. A 19 de novembro do mesmo ano, cerca de 1 milhão de sul-coreanos participaram nos protestos contra Park. É de notar que esta recusou ajudar nas investigações que ainda estavam a decorrer (Fifield, 2016).

A Assembleia Nacional apresentou uma proposta de *impeachment*<sup>40</sup> que foi aprovada por 234 votos a 9 de dezembro de 2016, como consequência os poderes de Park foram-lhe retirados e transferidos para o Primeiro-Ministro Hwang Kyo-ahn (Fifield & Seo, 2016).

A 10 de março de 2017, Park Geun-hye é oficialmente destituída do seu cargo pelo Tribunal Constitucional. Nesse mesmo mês o Tribunal Distrital Central de Seul anunciou que foi emitido um mandato de captura para Park Geun-hye sendo sido presa e sentenciada a 25 anos de prisão (BBC News, 2018).

### **3.6. O novo presidente: Moon Jae-in**

Moon Jae-in nasceu após o fim da guerra da Coreia a 24 de janeiro de 1953. Os seus pais, nasceram no que hoje é a Coreia do Norte e conseguiram fugir para o sul da Coreia do Sul, mas especificamente para Busan. Por conta do seu passado familiar, Moon sempre deixou claro o quão agradecido estava aos Estados Unidos da América pela sua ajuda durante a guerra (BBC News, 2018).

O ex presidente sul coreano antes de se tornar presidente era um advogado dos direitos humanos e líder do partido democrático sul coreano tendo sido o principal adversário de Park Geun-hye nas eleições anteriores, porém só sobe ao poder após o *impeachment* de Park (Milani, Dian, & Fiori, 2019).

Em 2022, Moon Jae-in termina o seu mandato de cinco anos e é sucedido pelo conservador Yoon Suk-yeol (The New York Times, 2022).

---

<sup>40</sup> De acordo com o Artigo 65 da Constituição da Coreia do Sul, (Presidente, primeiro-ministro, membros do Conselho de Estado, chefes de Ministérios Executivos, Juizes do Tribunal Constitucional, juizes, membros da Comissão Nacional de Eleições, o Presidente e os membros do Conselho de Auditoria e Inspeção podem ser destituídos pela Assembleia Nacional ao violarem a Constituição. Com o artigo 65.º, n.º 2, da Constituição, a proposta de *impeachment* necessita a maioria de votos, ou seja, um terço da Assembleia Nacional. Contudo, o *impeachment* do presidente sul coreano necessita de dois terços da Assembleia Nacional. A proposta de *impeachment* ao ser aprovada na Assembleia Nacional, é analisada sob jurisdição do Tribunal Constitucional da Coreia, de acordo com o artigo 111 da Constituição. Durante a revisão do *impeachment* no Tribunal Constitucional, o presidente que está sujeito à proposta de *impeachment* fica suspenso do exercício do poder pelo artigo 65.º, n.º 3, da Constituição (Constituição da República da Coreia, 1948).

### 3.7. Políticas internas de Moon Jae-in

Ao contrário do que está estipulado na Constituição da República da Coreia, Moon chegou à Casa Azul<sup>41</sup> sem ter passado pelos dois meses de transição estipulados (Stiles, 2017).

A fim de demonstrar transparência ao povo sul coreano, Moon estabelece-se num complexo governamental no centro da capital do país em vez da Casa Azul (Cheon H. , 2017).

Moon Jae-in inicia uma campanha de anticorrupção tal como Xi Jinping. O crescimento económico no país iniciado na década de 90 deve-se em grande parte aos *chaebols* (Harris & Song, 2018), porém estes tinham demasiado poder nas decisões finais do governo o que facilitava a corrupção corporativa como tal, Moon, de modo a reformar os poderes dos *chaebols* nas decisões do governo, nomeou Kim Sang-jo, um ativista acionista como comissário de comércio (The Economist, 2018). O ex presidente pretendia dar aos acionistas minoritários mais poder quando estes elegessem membros dos conselhos nas suas empresas (The Economist, 2018).

Moon criou a Lei de Negócios de Telecomunicações chamada de “Lei Anti Google”, proibindo assim que as empresas norte americanas - *Apple* e *Google* - operassem a *App Store* e a *Google Play Store* em território nacional, sendo assim estas empresas não podiam utilizar um sistema de pagamento em território sul coreano para vender os seus produtos, fazendo com que as *start ups* que desenvolvem produtos nessas apps não tivessem de pagar comissões a essas identidades. Os sul-coreanos para fazer os pagamentos dessas aplicações teriam de utilizar plataformas alternativas nomeadamente a *Kakao Pay* e a *Samsung Pay* que são grandes empresas sul-coreanas (Choudhury & Shead, 2021). Com estas medidas, o Presidente ambicionava o desenvolvimento económico da nação protegendo as pequenas empresas, do mesmo modo que dava mais controlo de mercado aos *chaebols* (Choudhury & Shead, 2021).

O ex-presidente aumentou o salário mínimo da população numa tentativa para diminuir a desigualdade salarial na nação (Kim Y.-j. , 2020), para além disso reduziu o número de horas máximo laboral de 68 para 52 horas (Kim Y.-j. , 2020)

---

<sup>41</sup> Residência presidencial sul coreana.

Park anteriormente tinha exigido a utilização de livros didáticos de história que seriam emitidos pelo estado em 2018. Com a Chegada ao poder de Moon, esta medida foi revertida, já que muitos, incluindo Moon que sempre fora um grande crítico de Park, acreditavam que seria uma forma de introduzir ideologias políticas de seu pai nas camadas mais jovens (Choe, 2017).

Em 2020, deu-se as eleições legislativas. O Partido Democrata e o partido Conservador criaram partidos *Platform* (satélites), de forma a ter mais possibilidades de vencer. O partido Democrata obteve 163 assentos, enquanto que o partido *Platform* obteve 17 assentos, fazendo com que esta aliança obtivesse 180 assentos de 300 (Aljazeera, 2020). Conseqüentemente, o partido implementou reformas aprovadas pela Assembleia Nacional no final de 2020 entre as quais (TK, 2020):

- O Serviço Nacional de Inteligência (NIS) passa a não estar envolvido nas atividades pertencentes à inteligência doméstica, sendo que estes poderes são transferidos para a Agência Nacional da Polícia.
- O envio de panfletos para o país vizinho na zona desmilitarizada passa a ser penalizado por lei
- Na Lei de Normas Trabalhistas, o trabalhador não pode exceder as 52 horas semanais de trabalho, incluindo horas extras e os trabalhadores têm direito a férias remuneradas.
- A licença parental passa a ser remunerada aos trabalhadores temporários
- Criação do Gabinete de Investigação de Corrupção para Altos Funcionários (CIO)
- O policiamento passa a ser local. Isto significa que cada província e cidade estabelece a sua própria força policial, conseqüentemente deixa de existir uma única força policial

Neste mesmo ano dá-se o furto pandémico Covid-19. O ex-presidente foi bastante elogiado a nível internacional quanto à sua resposta nesta altura delicada (Friedhoff, 2020), contudo, nem todos concordavam esta opinião. Cerca de 1,5 milhões de sul-coreanos assinaram uma petição com o intuito de iniciar um processo de *impeachment*. Estes afirmavam que teria ocorrido uma má gestão inicial por parte do ex presidente, em contrapartida cerca de 1,3 milhões assinaram uma petição de apoio a Moon (The Economist, 2018).

A administração de Moon rapidamente iniciou o processo de testagem em grande número e detenção de cadeias transmissoras através da utilização de QR codes de cada indivíduo à entrada dos edifícios. Com isto, em 2020, no auge da pandemia, o número de mortes em território sul coreano era inferior a 1%, enquanto que, a média global nesta época era de 3,4% (Feuer, 2020).

### **3.8. Políticas externas de Moon Jae-in**

Moon Jae-in teve como primeira visita oficial os Estados Unidos da América onde se reuniu com o ex presidente Donald Trump. Desde o início que Moon garantiu que era necessário ter uma ligação económica e militar próxima com o seu aliado. No início do seu mandato Park também seguiu essa linha de pensamento, porém Moon afirma a necessidade de saber dizer a palavra “não” ao seu aliado, caso esta seja a melhor decisão para o seu país. Para Moon, é fundamental a paz na península e enquanto presidente isso será a sua era prioridade e obrigação. Não obstante, Moon sabe que as relações entre os EUA e a China irão afetar as relações na península devido às alianças políticas que permanecem desde o século passado (Chung & Botto, 2018).

Para Moon, o método de unificação deve ser feito pelos próprios coreanos e sem interferências externas, como tal este prefere cooperar com a China, visto que esta partilha do ponto de vista dos coreanos, já que o chinês tem como ideologia que cada nação deve resolver e decidir os seus problemas internos (Milani, Dian, & Fiori, 2019).

Em 2017, na Universidade de Pequim, Moon afirmou que a “China é um país grande como uma montanha e apesar de a Coreia do Sul ser um “país pequeno” seria um orgulho partilhar o “sonho chinês” ( Chan & Choi, 2022).

Durante esta época as relações entre os EUA e a China estavam cada vez mais conturbadas já que Donald Trump queria implementar medidas contra as importações chinesas, ao passo que Xi Jinping iniciou as suas retaliações comerciais (Paquette, Lynch, & Rauhala, 2018).

Moon Jae-in durante o primeiro ano e meio de presidência, enfrentou diversas dificuldades ao nível político e de segurança (Frank, 2017).

Como consequência das más relações com a Coreia do Norte durante a administração de Park, Moon ao chegar à Casa Azul teve de lidar desde logo com o lançamento do primeiro

míssil balístico intercontinental da Coreia do Norte em julho e de seguida em setembro de 2018 ao mesmo tempo estava a lidar com as consequências da implementação do sistema Terminal de Defesa da Área de Alta Altitude<sup>42</sup>, mais conhecido por THAAD (Frank, 2017).

Este sistema foi aceite por Park Geun-hye e durante a sua administração. Esta pediu aos EUA para ser o seu país a produzir o sistema e não o contrário. A Rússia e a China rapidamente afirmaram serem contra a implementação deste sistema afirmando que ia contra as medidas de segurança dos seus países. O vice-presidente da Comissão Militar Central da China declarou que a implementação da THAAD ia contra os “laços militares bilaterais e confiança mútua”, contudo a Coreia do Sul não recuou e o sistema foi implementado já na administração de Moon (Reuters, 2017).

Em contrapartida, a China instalou um sistema de mísseis na península de Shandong que se localiza entre Pyongyang (capital da Coreia do Norte) e Pequim (Bennett, 2017).

Moon consegue chegar ao consenso com Xi provisoriamente, quando este último afirma que, Kim Jong Un ao contrário de seu pai, Kim Jong Il, este promete iniciar a desnuclearização como tal poderia iniciar-se um período de paz, no entanto com a implementação da THAAD, Xi rapidamente viajou até à Coreia do Norte de modo a, intervir com a paz na península coreana, já que tal representava uma vitória para a Coreia do Sul e os EUA.

Neste período inicia-se uma série de retaliações económicas da China para com a Coreia do Sul (Liam & Ferguson, 2019).

---

<sup>42</sup> Sistema de defesa antibalístico.

## **CAPÍTULO IV- O QUADRO EVOLUTIVO DO CONTEXTO POLÍTICO BILATERAL (2013-2022)**

### **4.1. Relações Bilaterais entre Park Geun-hye e Xi Jinping (2013-2016)**

Nos primeiros anos de mandato de Xi Jinping e Park Geun-hye a relação bilateral tem um significado histórico já que foram as melhores relações diplomáticas desde a guerra da Coreia ( Snyder, 2016)

O primeiro sinal da melhoria desta relação entre Pequim e Seoul foi no primeiro ano de mandato de ambos quando ambos concordaram com o planeamento estratégico contra as provocações militares da Coreia do Norte ( Snyder, 2016).

A ex presidente sul coreana conseguiu aproximar as duas nações tanto politicamente como economicamente. Analisando o Capítulo III, entendemos que através das políticas externas sul coreanas foram fundamentais para a melhoria das relações bilaterais. Sendo a primeira presidente sul coreana nas celebrações do PCC demonstrou o seu empenho, para além disso reconheceu a liderança do Partido Comunista no território chinês apesar das diferenças políticas e do contexto histórico referidas no capítulo I.

A Cimeira de Segurança Nuclear, em junho, foram um catalisador para o fortalecimento desta parceria através de novos acordos. Estes acordos obrigaram a um trabalho mútuo e diálogo constante entre os ministérios dos Negócios Estrangeiros e da defesa. Em 2014, Chung Mong-joon, do partido de Park, liderou cerca de 40 membros da Assembleia Nacional à China em fevereiro de 2014, tornando-se assim na maior delegação parlamentar sul coreana que rumou à China desde 1992.

Contudo, em 2014, em relação ao armamento nuclear norte coreano, Pequim afirmou que “a China se opõe a qualquer movimento que possa resultar em tensões na região, sejam exercícios conjuntos ou a ameaça de realizar testes nucleares” ( Snyder, 2016).

As relações bilaterais estavam a passar por um bom momento. Verificamos que Xi e Park, em julho do mesmo ano, voltaram a afirmar que tinham objetivos comuns de desnuclearização. É preciso entender que, em caso de conflito nuclear tanto a China como a Coreia do Sul serão prejudicadas. Ambas são países vizinhos da RPDC, como tal preciso de proteger o seu território, para além disso a primeira vítima destes ataques seria a ROK, sendo assim é a que tem mais interesse em pôr um fim aos testes nucleares norte coreanos. Ainda assim, nos discursos de ambos se verificou diferenças de como retomar o diálogo

com a Coreia do Norte ( Snyder, 2016). Nota-se que a China tem uma política externa, que já fora referida no Capítulo II, de como não interfere diretamente nos assuntos internos de uma nação. A China ajuda apaziguar as tensões na península coreana, caso esta seja do seu interesse, como por exemplo se os testes nucleares interferirem com a segurança interna da nação devido à aproximação geográfica.

Um outro grande problema na relação de ambas as nações advém de disputas territoriais históricas. Tanto Pequim como Seul fizeram diversas reivindicações à ONU em relação ao Mar da China Oriental em 2013, como se não bastasse o Japão também fez reivindicação deste território (Tseng, 2016).

Em novembro de 2013, Seul anuncia a expansão para sul onde se encontra a rocha submersa Suyan/Ieodo que pertence ao limite das Zona Económica Exclusiva (ZEE)<sup>43</sup> de cada nação (KBS World, 2012). A China em 2010 fez voos militares de baixa altitude naquela região, uma vez que a Coreia do Sul desde 2006 afirmara que Ieodo fazia parte do seu território. Esta rocha esta numa ótima posição estratégica, como tal as três nações afirmavam que pertenciam ao seu território. Para além disso, a China tem como geoestratégia a ocupação de rochas no pacífico onde posiciona militares para salvaguardar a segurança nacional. Verifica-se então que mesmo após o aproximamento das relações bilaterais ambos tentam ter o melhor posicionamento estratégico em relação ao outro, caso a qualquer momento haja um conflito armado. Parte deste pensamento deve-se ao facto de ser conhecido que a China até 2049 pretende de forma definitiva controlar politicamente, diplomaticamente e economicamente Taiwan. Idealmente a China quer que seja algo aceite pela comunidade internacional, estes não pretende utilizar a força para tal, uma vez que sabem que seriam prejudicados economicamente, já que os EUA são os seus principais parceiros económicos, para além disso a União Europeia apoiaria os EUA, por outro lado a Coreia do Sul sabe que em caso de conflito armado a Coreia do Norte apoiaria a RPC e iniciaria um conflito no seu território e teria de terminar as relações diplomáticas com a China (KBS World, 2012).

Em outubro de 2014, a Coreia do Sul disparou contra um capitão de pesca chinês que acabara por falecer durante confrontos no Mar Amarelo. Como consequência a China fez várias queixas diplomáticas e suspendeu com as operações conjuntas de vigilância (BBC News, 2016).

---

<sup>43</sup> A Zona Económica Exclusiva é uma área marítima de um estado soberano. Esse estado tem direitos exclusivos em relação à exploração de recursos marinhos e energéticos do local.



A Coreia do Sul juntou-se ao Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura<sup>44</sup>, comumente denominado por AIIB, em abril tornando-se no quinto maior acionista. Através desta junção consolidou as relações comerciais com a China (Panda, 2015).

Há uma duplicidade de ações entre ambas que oscila entre a dependência e a interdependência política e económica. A Coreia do Sul apesar de saber que a qualquer momento as relações entre ambos os países esta junta-se ao AIIB de modo a crescer economicamente e estabilizar relações económicas com todas as nações envolventes, para além disso a entrada neste banco facilita a entrada de investimento chinês no país, algo que a ROK necessita uma vez que a China é o principal mercado de importações e exportações (ver Figura 2).

Na sexta Cimeira realizada em Pequim, Xi Jinping lembrou a relação histórica com a Coreia do Sul: “Olhando para a história, a luta de ambos os povos têm sido muito semelhantes na nossa busca para libertar o nosso povo.” (Jo, 2015).

No dia seguinte, celebrou-se o 70º aniversário do dia da Vitória da China na Segunda Guerra Mundial. Park Geun-hye esteve presente nas celebrações, tornando-se assim na primeira presidente sul coreana presente nas celebrações em território chinês. Esta participação tinha como objetivo aprimorar as relações diplomáticas com a China (Jo, 2015).

Através das suas visitas oficiais, comemorações e acordos verificamos que a relação de Xi Jinping e Park Geun-hye foi uma conquista histórica tendo como resultado uma melhoria substancial nas relações bilaterais. Ambos entenderam que tinham um inimigo histórico em comum, o Japão. Este inimigo comum desencadeou toda esta cooperação, no entanto é importante denotar que a China e a Coreia do Sul têm um passado histórico como tal as reivindicações históricas e orientações ideológicas permaneceram (Hwang,2014).

Park Geun-hye antes de prestar juramento enquanto presidente da Coreia do Sul ela enviou uma delegação sul coreana para a China para que se reunisse com o presidente chinês de forma a falar sobre a segurança na península coreana, sendo que em 2014 Xi Jinping visita Seul. Este ato é bastante importante uma vez que Park dá o primeiro passo para uma relação mais próxima e unida, por outro lado a visita de Xi Jinping teve como intuito enfraquecer a aliança entre os EUA e a ROK, de forma a ganhar controlo dos

---

<sup>44</sup> Este banco foi proposto pela China em 2013, tendo sido lançado em Pequim em outubro do ano seguinte. É considerado como potencial rival do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional.

países vizinhos, uma vez que a Coreia do Sul é dependente economicamente do país do meio (Perlez, 2014).

A 27 de junho de 2013, a China e a Coreia do Sul explicaram o futuro das relações bilaterais. Ambos os governantes afirmaram que entendiam a importância das relações diplomáticas entre as duas nações assim como os desenvolvimentos, até então realizados ao nível da segurança, económico, comercial, social e cultural através “do respeito mútuo, benefício mútuo e coexistência pacífica.” (Hwang,2014).

As duas nações concordaram em ter uma relação diplomática baseada no *soft power* de modo a obterem uma cooperação pacífica (Hwang,2014).

O bom momento das relações bilaterais e reforçado também por fatores individuais. Xi Jinping e Park Geun-hye não só assumem o cargo de presidentes nas suas respetivas nações como têm semelhantes experiências pessoais.

É importante notar que ambos os presidentes cresceram em famílias influentes do governo das suas nações respetivas. Porém quando o pai do atual presidente chinês foi preso, Xi Jinping foi forçado a trabalhar no campo, enquanto que o pai de Park foi assinado e considerado pelo povo como um ditador, como tal Park teve que viver com a culpa das atitudes do seu pai (Hwang,2014). Este fator pode ter sido essencial para que Xi Jinping tenha confiado nas boas intenções de Park Geun-hye. Esta cresceu com um pai com uma ideologia totalitarista e Xi Jinping viveu numa altura que a nação chinesa era também controlada por um, para além disso com o passar dos anos é de conhecimento geral que ele pretende reafirmar a sua imagem como chefe máximo da nação até à sua morte tal como o fundador do PCC.

Ambos aprenderam muito com a cultura chinesa. Xi Jinping através da experiência de trabalho forçado deu valor às relações de *guanxi*<sup>45</sup>, enquanto que Park lia livros do filósofo chinês Feng Youlan e aprendeu mandarim como passatempo, com isto Park revelou uma grande facilidade em compreender a cultura e política chinesa. Devido ao seu conhecimento da cultura chinesa Park na sua primeira visita oficial à China visitou a cidade de Xi’an. Esta cidade tem cerca de 3000 anos de história, simboliza o sonho chinês e o pai de Xi Jinping encontra-se lá enterrado (Hwang,2014). Park demonstrou assim ao

---

<sup>45</sup> O *guanxi* é um termo cultural chinês que retrata as relações de network chinesas para benefício próprio (Girard, 2019).

presidente chinês e a toda a nação chinesa o seu conhecimento e carinho pela nação e iniciou uma abertura na melhoria das relações bilaterais.

Um aspeto importante de notar é que a China tinha um plano para a pacificação da península coreana. O atual presidente chinês não concordava com a parceria cooperativa estratégica do presidente Roh Moo-hyun<sup>46</sup> em relação à desnuclearização da Coreia do Norte, porém o país vizinho continuou com o lançamento de mísseis violando assim o tratado de paz, como tal a China de modo a demonstrar o seu descontentamento alia-se à Coreia do Sul para definir sanções contra a Coreia do Norte (Hwang,2014). Contudo em 2016 tudo muda. A Coreia do Norte realiza novamente testes nucleares. Park Geun-hye tenta contactar Xi Jinping por via telefónica, porém não atende, terminando assim com as relações diplomáticas por via telefónica (Lee S.-h. , 2016).

Este deve ter sido um momento de tensão diplomática uma vez a última vez que tal acontecera fora antes de 1992.

Park Geun-hye decide então pressionar publicamente a China através de uma entrevista televisiva onde apela à paz na península coreana e pede ajuda à China para impedir os novos testes nucleares norte coreanos, contudo Lee (2016) afirma que “a China respondeu com um silêncio alto, tão alto quanto o Muro da Cidade Proibida.”. A população sul coreana com este silêncio alegou que a China estava a “virar costas” à amizade com a Coreia do Sul em prol da Coreia do Norte (Lee S.-h. , 2016). A população sul coreana lembra-se de uma época em que não havia comunicações com a China. Nesta época a pacificação com a Coreia do Norte era muito mais difícil uma vez que não havia uma nação a apaziguar as tensões que os norte coreanos confiavam, para além disso se houve um corte total diplomático significaria a perda de muitos empregos uma vez que há um grande investimento por parte da China.

Todavia, a China vê esta questão de uma outra forma. De acordo com o professor Cai Jian, do Centro de Estudos Coreanos da Universidade Fudan, em Xangai, afirma que a Coreia do Sul tem de entender que em primeiro lugar para a China está os interesses nacionais, tal como a Park Geun-hye fez ao participar no desfile chinês em 2013 (Lee S.-h. , 2016). Zhao Huji, professor da Escola Central do Partido Comunista da China localizado em Pequim acrescenta ainda que a China naquela altura necessitava de tempo para refletir numa decisão e que a Coreia do Sul estava a pressionar a nação chinesa. Para

---

<sup>46</sup> Presidente sul coreano entre 2003 a 2008.

além disso no seu discurso televisivo deu ideia ao governo chinês que lhe estava a ordenar que tomasse uma decisão em prol da Coreia do Sul, mensagem que não foi vista de forma positiva (Lee S.-h. , 2016).

Lee (2016), explica ainda que os princípios chineses utilizam em relação à Coreia do Norte: realização de desnuclearização da península coreana, salvaguardar a paz da estabilidade na península coreana e por fim, dialogar para resolver conflitos. Podemos observar que são os mesmos princípios que o presidente sul coreano tem de seguir, porém Park utilizava a China como intermediário constante.

É importante de notar que a China não foi avisada destes testes nucleares pela Coreia do Norte, algo que não é habitual, como tal a China estaria a pensar de que forma poderia voltar a ter essa influência no governo norte coreano, para além disso isto foi considerado pelo governo chinês uma perda de face<sup>47</sup> (Lee S.-h. , 2016).

Em setembro de 2016, Xi Jinping comunica numa reunião bilateral com Park Geun-hye, a sua oposição com a implementação do Sistema de Defesa Antibalístico (THAAD) norte americano em território sul coreano. Este tinha como objetivo defender a Coreia do Sul de possíveis ataques norte coreanos (Panda, 2016). Este sistema tem a capacidade de obter informação de outras nações, como tal isto coloca a China numa posição geoestratégica delicada, uma vez que este sistema apesar de estar em território sul coreano é norte americano, o principal inimigo do país do meio.

De acordo com Pequim, os radares presentes na bateria da THAAD têm a capacidade de transmitir dados confidenciais de testes de mísseis chineses para os EUA, sendo assim uma ameaça para a sua segurança. Pequim rejeitou a proposta de conversação com Washington que tipo como principal tema aspetos técnicos do sistema THAAD de modo a aliviar as preocupações da China (Swaine, 2017). Analisando o posicionamento deste sistema, conseguimos entender o posicionamento político da China referente a este assunto. Esta sentiu-se encurralada e sob ameaça já que em eventualidade de conflito armado na região os EUA já tem um sistema de defesa na região e consegue obter informação privilegiada no que toca aos métodos de defesa chinesa.

A presidente sul coreana da época reconheceu as preocupações de Xi Jinping, porém contra-argumentou que só em 2016 a Coreia do Norte tinha realizado quatro testes nucleares, tornando a paz na península coreana instável. Park acrescentou ainda que este

---

<sup>47</sup> Faz parte de um conceito sociológico presente na sociedade chinesa que é conectado com a perda de dignidade e prestígio.

assunto é “um desafio para o desenvolvimento das relações Coreia do Sul-China” (Song, 2016).

Após este discurso Park Geun-hye convidou ainda a China a juntar-se à Coreia do Sul e aos EUA de modo a pressionar a Coreia do Norte abandonar o desenvolvimento nuclear e mísseis, contudo a China não aceitou o convite. Apesar de esta ser contra os testes nucleares norte coreanos é relutante em aplicar sanções uma vez que são parceiros com ideologias políticas semelhantes (Song,2016).

Apesar da tentativa da Coreia do Sul e dos EUA de apaziguar a tensão no pacífico, nomeadamente com a China devido à THAAD, esta foi em vão. No mesmo ano, a China ameaçou terminar com o intercâmbio cultural e económico entre a Coreia do Sul e a China, o que levantou preocupações entre os empresários e investidores sul coreanos.

É de notar que, a grande parte do intercâmbio cultural por via da Coreia do Sul tem por base o seu *soft e middle power* já que neste está inserido o entretenimento (*Kdramas e Kpop*), um setor que já nesta época representava milhões de euros para o país e que era uma das principais razões para o aumento da procura do turismo e da aprendizagem da língua coreana, especialmente de jovens chineses (Sun & Liew, 2019).

Devido à popularidade do entretenimento sul coreano na China, uma das retaliações chinesas foi a limitação deste setor sul coreano, com isto vários atores viram os seus projetos cancelados em território chinês e os seus filmes e séries proibidos de serem emitidos na China, enquanto que os cantores sul coreanos foram impedidos de atuar em território chinês (Sun & Liew, 2019). Este é um dos domínios que habitualmente é usado para dar uma boa imagem internacional- *middle e soft power*. É necessário entender que o setor do entretenimento publicita marcas sul coreanas e cidades sul coreanas ajudando assim o crescimento de várias empresas e o turismo. Com o corte deste mecanismo de influência e tudo o que está associado a este põe em causa a estabilidade económica destas empresas. Não esquecendo também que estas empresas são geridas por *chaebols*, caso estes entendam que os seus negócios estão a ser ameaçados colocam em causa o posicionamento político do presidente.

#### **4.2. Relações Bilaterais entre Moon Jae-in e Xi Jinping (2016-2022)**

O período entre 2016 e 2020 corresponde ao início da instabilidade das relações bilaterais ROK-RPC.

A China com o intuito de demonstrar o seu descontentamento com a situação em vez de sancionar economicamente a Coreia do Sul, fez um comunicado aos cidadãos chineses onde demonstrou o seu descontentamento com esta situação (McDonell, 2017) Após este comunicado os cidadãos chineses foram autorizados a protestar contra a Coreia do Sul, estes protestos foram baseados em boicotes de consumo de produtos sul coreanos como por exemplo: produtos sul coreanos removidos dos supermercados chineses e cancelamento de viagens à Coreia do Sul, assim como investimento de empresas chineses em território sul coreano (Ge, 2017).

A disputa da THAAD demonstra como a China utiliza o seu poderio económico para coagir os restantes países.

A China, entre março e outubro de 2017, sancionou as indústrias de entretenimento, turismo sul coreanas assim como penalidades às empresas sul coreanas de bens de consumo, isto é, segundo Jeongseok Lee “atrasos na liberação alfandegária, inspeções sanitárias mais rigorosas, retirada forçada de produtos das lojas, cancelamento unilateral de eventos de marketing e recusa de vistos de negócios (Lee J., 2017).

Pequim ao punir a indústria do entretenimento e turismo primeiramente, pois estas eram mais fáceis de atrair atenção dos média rapidamente e apenas simbolizavam 5% das exportações sul coreanas na China, contudo o governo chinês nunca emitiu legislação formal destas sanções tornando impossível os sul coreanos protestarem (Lee J., 2017).

A maior empresa sul coreana afetada foi o conglomerado de supermercados Lotte Group. O governo chinês descobriu que a empresa trocou um terreno localizado em Seongju com o governo sul coreano para a localização da THAAD, como tal a China intensificou os boicotes nesta empresa. O pior boicote veio por parte do governo chinês que afirmou que as lojas e fábricas desta empresa em território chinês violavam os regulamentos de segurança contra incêndio, fechando assim 75 de 99 supermercados Lotte (Ge, 2017).

O turismo chinês em território sul coreano caiu 39%, comparativamente ao ano anterior (2016). A imagem da China na Coreia do Sul deteriorou-se devido a estes boicotes já que afetou várias empresas sul coreanas (Shin , 2017).

O entretenimento coreano é bastante popular entre os jovens chineses e é uma forma de influência coreana em outros países. Com a situação da THAAD a China lançou uma “ordem de limitação da Coreia”, ou seja, todos os eventos ligados ao entretenimento coreano foram cancelados. Este banimento foi cancelado pouco tempo depois (Sun & Liew, 2019).

Em segundo lugar, a China tentou minimizar o impacto negativo na sua economia ao sancionar apenas empresas sul coreanas que não acrescentavam valor à sua cadeia de manufatura (Lee J,2017).

Por último, a China não sancionou o setor financeiro sul coreano já que em fevereiro de 2016 deteve 18% das dívidas públicas da Coreia do Sul tornando-se assim no maior credor deste. A China não atacou este setor também por receio que os sul coreanos cortassem novamente relações diplomáticas com a China e reconhecessem novamente Taiwan aumentando a instabilidade política do pacífico (Lee J.,2017).

De acordo com a GlobeScan, em 2013 44% da população chinesa tinha uma visão positiva da influência sul coreana (Globe, 2013), isto é, no início da governação de Xi Jinping e Park Geun-hye. Já em 2015, segundo The Hankyoreh há um aumento de 22% na imagem favorável da Coreia do Sul entre os chineses (The Hankyoreh, 2015).

Em 2017 a BBC, reportou que apenas 25% dos chineses tinha uma visão positiva dos sul coreanos que contrastava com os 71% de opiniões desfavoráveis sobre a Coreia do Sul. O Asan Institute for Policy Studies, em 2019, afirma que dos 51,4% dos entrevistados sul coreanos tinham uma visão negativa dos chineses ( Kim, Kang, Snyder , & Swicord , 2019).

Em 2021 foi a vez da Universidade de Rice, pertencente à Universidade da Colômbia Britânica a realizar a pesquisa. Estes concluíram que cerca de 43 % dos chineses tinham uma visão desfavorável da Coreia do Sul, enquanto que 49% tinham uma visão favorável ( Liu, Li, & Fang , 2021).

Estes números refletem-se devido aos discursos dos Mídias de ambas as nações e da imagem que a Coreia do Sul transmite dos chineses nos seus filmes e séries ( Yoon, Han , & Kim , 2018).

Como foi dito anteriormente, a China em vez de usar sanções económicas utilizou os seus mídia para criar má imagem da Coreia do Sul em 2017, refletindo-se nos números da pesquisa da BBC. Como resposta a Coreia do Sul utilizou o seu *middle power* na sua

própria população que se confirma nos números de 2019. Em 2020 o número aumenta cerca de 30% devido à pandemia da Covid19. Nesta altura a imagem da China era bastante negativa em todo o mundo. Para além disso, a Coreia do Sul foi um dos primeiros países a obter casos positivos de Covid19, com isto cerca de meio milhão de cidadãos sul coreanos fizeram uma petição junto ao governo para proibir a entrada de cidadãos chineses no país (Shin & Cha, 2020).

Com a subida ao poder de Moon Jae-in, este demonstrou a Pequim querer restaurar o relacionamento com a China através de meios diplomáticos. Os chineses responderam através de vários contactos de alto nível e na renovação do acordo bilateral de swap cambial em outubro de 2017. A 31 de outubro do mesmo ano Pequim e Seul anunciaram a sua reaproximação oficialmente através de uma declaração conjunta na cúpula de Cooperação Económica Ásia-Pacífico (APEC) (Lee J, 2017).

Com o intuito em aliviar a tensão entre as duas nações, Moon Jae-in prometeu a Pequim “três não” (Stangarone, 2019):

- Não participaria na implementação da THAAD em território sul coreano
- Não consideraria a implantação adicional da THAAD
- Cooperação Japão-EUA-Coreia do Sul não se transformaria numa aliança militar.

#### **4.3. Métodos de Influência utilizados nas relações bilaterais entre ambas as nações**

Como soft power, a China utilizou o Instituto Confúcio e a “diplomacia dos pandas”.

O Instituto Confucio é um meio de influência chinesa que está por todo o mundo. Um dos primeiros locais que o governo chinês decidiu instalar um instituto Confúcio foi na capital sul coreana em 2004 (Kang H.-k. , 2021).

Este meio de influência tem como objetivo doutrinar as políticas chinesas pelo mundo, contudo desde a sua fundação já foi alvo de várias críticas por parte de vários países incluindo na Coreia do Sul (Kang H.-k. , 2021).

Os professores deste instituto são por norma chineses que estão encarregues de espalhar propaganda chinesa, como por exemplo a sua visão sobre Hong Kong, Tibete e Taiwan (Kang H.-k. , 2021).

Por norma estes institutos estão associados a Universidades dos países que as acolhem. Estes recebem financiamento chinês que segundo os mesmos vêm do Ministério da



Educação chinês, contudo este vem do Departamento de Propaganda Externa do Departamento de Propaganda do Partido Comunista Chinês. Os alunos do instituto recebem livros didáticos e viagens pagas e programas de intercâmbio com destino à China (Kang H.-k. , 2021).

A diplomacia do panda” foi utilizada em Seul por Xi Jinping como um símbolo de boa vontade e cooperação em 2014, contudo foi utilizada pela primeira vez em 1994, dois anos após a relações diplomáticas terem sido estabelecidas (Kang Tae-jun, 2014).

Os primeiros pandas em território sul coreano tiveram de ser devolvidos à China devido à crise financeira sentida um pouco por toda a ásia na década de 90, uma vez que apesar destes serem um símbolo de amizade política tem custos altos para os países que os recebem. Estima-se que custem por ano cerca de um milhão de dólares por ano ( Kang T.-j. , 2014).

Os dois pandas oferecidos por Xi Jinping a Park Geun-hye tiveram uma cria em 2020, a primeira nascida em território sul coreano sendo um marco importante nas relações bilaterais de ambos os países ano ( Kang T.-j. , 2014). É de notar que esta cria nasceu precisamente numa altura crise diplomática, uma vez que foi em plena pandemia, época em que a imagem da China estava denegrida um pouco por todo o mundo, mas principalmente pela Coreia do Sul que foi uma das primeiras afetadas, contudo esta cria ajudou momentaneamente a melhorar a sua imagem em território sul coreano, contudo não foi o suficiente.

De acordo com Wooyeal Paik (2020), a China conforme o seu crescimento económico utilizou o seu enorme volume de turistas chineses no estrangeiro para ganhos políticos. O turismo foi uma das retaliações “seletivas” utilizadas numa tentativa de coagir a Coreia do Sul a desistir da THAAD. Os locais que recebem um grande número de turistas chineses adaptam as suas políticas de turismo conforme as necessidades destes, já que a maioria dos negócios referentes ao turismo chinês é um investimento feito pelos próprios chineses, como tal nesta época a capital sul coreana e a ilha de Jeju foram as mais afetadas, contudo Wooyeal Paik (2020), acrescenta que não há muitos dados referentes a isto e como tal, não se pode concluir com certeza o impacto deste em território sul coreano.

A autora acrescenta que, com esta sanção a Coreia do Sul adotou a política *One China Policy*. Esta é uma estratégia que tem em vista evitar investir na China e procurar outros países para tal de modo a não ficarem dependentes economicamente deste, diminuindo assim a sua influência (BBC News, 2021). Outra razão para adoção desta política é que

com o crescimento económico chinês a mão de obra chinesa está cada vez mais cara, consequentemente os produtos oriundos da china também estão mais caros, sendo assim compensa mais investir em países pertencentes à ASEAN, uma vez que a mão de obra é mais barata.

A Coreia do Sul, por sua vez utilizou como soft power na China a ajuda médica.

No início da pandemia, numa altura em que se achava que o vírus estava contido em território chinês, a Coreia do Sul enviou equipamento hospitalar no valor de 7,5 milhões de dólares num gesto de “amizade” diplomática, contudo o vírus alastrou-se tornando-se assim numa pandemia, sendo que um dos países primeiramente afetado foi a Coreia do Sul devido à sua proximidade (Shin & Cha, 2020). A imagem dos chineses ficou ainda mais negativa desde a situação da THAAD e com vidas em perigo e falta de máscaras os sul coreanos acusaram o presidente Moon Jae-in pela situação e a sua relação próxima com a China.

O Grupo dos 20 (G20) é um fórum intergovernamental fundado em 1999 onde é abordado questões ligadas à economia global, mudanças climáticas e desenvolvimento sustentável e foi utilizado pela Coreia do Sul como middle power (G20,2022).

O G20 atribui grupos aos países participantes, exceto a União Europeia. Esses grupos servem para fazer alternância de modo que todos sejam elegíveis para assumir a presidência. O sistema entrou em vigor em 2010 e a Coreia do Sul foi a primeira nação a assumir a presidência nestas condições. Em 2016 foi a vez da China ( Alexander , Löschmann , & Schuele, 2016).

#### **4.4. Acordos diplomáticos e económicos**

Desde 2013, a China e a Coreia do Sul incessantemente negociam vários acordos económicos, de forma a garantir relações bilaterais pacíficas e a sua relevância na economia asiática, ambos os países participam em cooperações económicas e políticas assim como tratados de livre comércio (ver Quadros 2 e 3 em anexo):

- Iniciativa de Paz e Cooperação no Nordeste Asiático

No discurso de posse de Park Geun-hye a 25 de fevereiro de 2013, afirma que tem o intuito de construir “laços de confiança ainda mais sólidos com os Estados Unidos, China,

Japão, Rússia e outros países da Ásia e Oceânia reduzindo a tensão e o conflito para construir a paz e cooperação na Ásia.” (Ministry of Foreign Affairs, 2013). Através desta política aumenta a influência sul coreana na Ásia utilizando o middle power sul coreano. Acrescentou ainda em maio de 2013 na sua visita aos EUA que, o continente asiático sofre de “Paradoxo da Ásia”, isto é, a “interdependência económica e cooperação política, por um lado, e por trás cooperação política e de segurança, por outro.”. Com isto, propôs uma nova iniciativa de modo alcançar a paz e cooperação no nordeste asiático.

Esta iniciativa inclui questões ambientais e de alívio de desastres, segurança nuclear e contraterrorismo (Ministry of Foreign Affairs, 2013).

De modo a alcançar o seu objetivo esta iniciativa utiliza a *Truspolitik*, isto é, política de confiança, pois só com esta é que se alcançaram as metas em comum.<sup>48</sup>

- A Nova Política do Sul da Coreia do Sul

A Nova Política do Sul (NSP), é uma política criada por Moon Jae-in em 2017 para aumentar a sua influência no continente asiático, pois foi implementada de forma a estreitar os laços diplomáticos e económicos no sudeste asiático (Kim S. , 2022)

É necessário relembrar que Moon prometera a paz na península coreana. Park através da Iniciativa de Cooperação de Paz no Nordeste Asiático (em inglês comumente referido como NSP) alcançou uma melhoria nas relações externas, como tal Moon desejava estreitar ainda mais as relações com “quatro grandes potências ao redor da península coreana.”, ou seja, este fez melhorias à política de *middle power* da anterior presidente sul coreana (Kim S. , 2022).

Para demonstrar a importância para a Coreia do Sul estas relações diplomáticas, o presidente sul coreano realizou visitas oficiais a esses países, algo que nenhum outro presidente sul coreano tivera realizado (Kim S. , 2022).

---

<sup>48</sup> Esta iniciativa têm a participação dos seguintes países: Coreia do Sul, Japão, China, Rússia , Coreia do Norte, Mongólia e EUA. A iniciativa também utiliza a cooperação de iniciativas já existentes: Cooperação trilateral Coreia do Sul, China e Japão (ainda em negociação), Associação das Nações do Sudeste Asiático mais três e a União Europeia.

Estas relações estreitaram-se ainda mais em 2020 devido à política *One China Policy* já que aumentou e diversificou os seus investimentos em outros países no sudeste asiático. O presidente sul coreano estabeleceu também diálogos entre a Coreia do Sul e ASEAN referentes ao Meio Ambiente e Mudanças Climáticas em setembro de 2021 algo que é uma prioridade na diplomacia sul coreana como já foi referido anteriormente (Kim S. , 2022).

Com o início da pandemia, o presidente sul coreano prometera ajuda a estes países ao nível da saúde através de envio de máscaras. De relembrar que a Coreia do Sul foi das primeiras nações que enviou máscaras e ventiladores para a China. Esta política é semelhante à política de *soft power* utilizada pela China de forma a melhorar a sua imagem (New Southern Policy, 2017).

É de notar que, o entretenimento sul coreano, nomeadamente o *Kpop* foi fulcral para a melhoria destas relações diplomáticas, já que certos grupos são bastante populares nestes países, contudo é necessário reparar que as empresas sul coreanas que detém os direitos destas bandas são privadas, como tal, o governo sul coreano não têm grande controlo na capacidade dessas bandas em influenciar negociações com estes países (Botto, 2021).

- Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)

A Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), foi fundada a 31 de julho de 1961, precedida por uma outra organização denominada por Associação do Sudeste Asiático, que tinha como países fundadores a Tailândia, Filipinas e a Malásia (Sutlive, 2004).

O objetivo desta associação é desenvolver o crescimento económico; o progresso social; cultural; paz.

Em 1995 é assinado o Tratado da Zona Livre de Armas Nucleares do Sudeste Asiático e entrou em vigor dois anos depois, o que justifica até hoje a exclusão da Coreia do Norte. Como iniciativa de livre comércio tem o Acordo de Comércio de Mercadorias da ASEAN e o Acordo sobre Alfândegas (Nations Unies, 1995).

Os países que fazem parte da ASEAN fizeram acordo comercial com vários países entre os quais a Índia, a China e a Coreia do Sul.

No primeiro dia do ano de 2010 entrou em vigor o acordo de Livre Comércio ASEAN-China.

Em 1997, é criada a ASEAN mais três, isto é, a ASEAN mais a China, Japão e Coreia do Sul (Asean plus three, 1997).

Esta cooperação concentrase em: finanças; comércio; meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

- Acordo de Livre Comércio China-ASEAN

O acordo de Livre Comércio entre a China e a ASEAN foi assinado a 4 de novembro de 2002, sendo que entrou em vigor a 1 de janeiro de 2010 (Wattanapruttipaisan, 2003).

Este acordo tem duas das mais populosas nações mundiais, a China e a Índia, como tal representa um grande mercado de exportação. Para além disso, a China com o crescimento económico das últimas décadas a qualidade de vida no país aumentou, consequentemente a mão de obra deixou de ser barata dessa forma muitas empresas chinesas arranjam mão de obra barata noutros países como é o caso do Vietnam que se encontra presente neste acordo, facilitando a “*made by China*”<sup>49</sup>, já que a “*made in China*”<sup>50</sup> começa a ser dispendiosa.

Com este acordo há uma cooperação nas seguintes áreas: na economia; na segurança; na educação; no investimento; na Energia; Saúde pública e na sustentabilidade.

- Acordo de Livre Comércio Coreia do Sul-ASEAN

O acordo de Livre Comércio entre a Coreia do Sul e a ASEAN foi assinado a 13 de dezembro de 2005 e tinha como objetivo acabar com as tarifas de exportação, no entanto estas tarifas são só retiradas em 2007 (ASEAN, 2013).

Este acordo foi benéfico quando a ROK implementa a *One China Policy*, já que é um grande mercado com mão de obra barata.

---

<sup>49</sup> Produção feita pela China num outro país com mão de obra mais barata

<sup>50</sup> Produção feita pela China e em território chinês.

Com este acordo há uma cooperação nas seguintes áreas (na economia; na saúde pública; na Sustentabilidade e no Investimento (ASEAN, 2013).

- Acordo de Livre Comércio Coreia do Sul-China

Este acordo de Livre comércio foi implementado em 20 de dezembro de 2015. Este acordo é bastante significativo nomeadamente para a Coreia do Sul, já que a China é a principal parceiro comercial da Coreia do Sul (Belt and Road, 2022)

Contudo verifica-se através da Tabela 6 e 7, que não há um aumento significativo de trocas comerciais a partir de 2015.

- Uma “faixa, uma rota”

A iniciativa chinesa Uma faixa, uma rota (One Belt and Road) faz parte do *sharp power* chinês e em 2022 conta com cerca de 149 nações (The Economist, 2020).

Esta iniciativa foi incorporada na constituição chinesa em 2018 por Xi Jinping, demonstrado assim a sua importância nas políticas externas chinesas (The Economist, 2020).

Esta iniciativa tem como objetivo um mercado unificado por meio de intercâmbio e integração cultural de modo a aumentar a compreensão e confiança entre os países participantes, como tal é um dos maiores mecanismos de influência chineses. Através desta iniciativa geraram-se novas rotas comerciais, para além disso as rotas contam com as seguintes infraestruturas: portos, ferrovias, estradas, aeroportos e pontes (The Economist, 2020).

Este projeto é inspirado pelas antigas rotas comerciais da seda da época de Marco Polo<sup>51</sup>. É importante entender que os Estados Unidos da América criticam esta iniciativa, pois aumenta a influência chinesa no mundo, isto é uma das razões para a Coreia do Sul ainda não ter entrado nesta iniciativa (Li, 2022).

A Coreia do Sul neste momento está ainda a calcular se deve juntar à iniciativa, pois o seu maior aliado militar repudia, no entanto, a China é um dos maiores exportadores e

---

<sup>51</sup> Marco Polo foi um mercador e embaixador. Este escreveu as suas aventuras na obra “As viagens de Marco Polo”, dentro das várias aventuras que este descreve podemos ler o seu relato de Pequim.

importadoras sul coreanas tendo um peso bastante elevado no seu mercado, como é possível verificar na Tabela 6.

#### **4.5. O efeito das tensões comerciais sino-americanas**

As tensões sino-americanas iniciam-se em 2018, após uma acusação pelo governo norte americano que a China estaria a roubar propriedade intelectual. Esta acusação deixara a imagem da China denegrada e fez com que a maior parte das nações desconfiasse do PCC. Sendo assim, num espaço de um ano o principal aliado político e militar dos sul coreanos coloca-os numa posição fragilizada perante o país do meio, sendo que esta tenha controle sob a situação (Lee C. , 2020).

Como já foi referido anteriormente, a Coreia do Sul tem laços históricos milenares com a China e uma aliança com os Estados Unidos da América. Para além disso a China é aliada da Coreia do Norte e é um dos maiores aliados da Coreia do Sul no que toca apaziguar a tensão na península coreana. Isto deixou o país numa situação delicada aquando da guerra comercial entre a China e os EUA.

A Coreia do Sul apesar de utilizar a política *China plus One* continua muito dependente das trocas comerciais com a China, sendo que o inverso não se verifica. (Ver Tabela 6). Para além disso, deve-se entender que a Coreia do Sul está muito próxima geograficamente da China, como tal tem de fazer uma jogada política bem delineada e saber quando e como apoiar ambos os lados de forma a não sofrer consequências como aconteceu no caso da THAAD.

O EUA tem um grande interesse que a Coreia do Sul permaneça do seu lado, já que o país é fulcral no impedimento da China, da Índia e da Rússia exerçam um controlo extremo no mercado asiático. Como tal os EUA tentam influenciar os sul coreanos de forma que através destes garantem os seus interesses neste continente (Lee C. , 2020).

Para além disso, a Coreia do Sul aceita a presença militar americana no seu território, em contrapartida que estes os ajudem na defesa do país, especialmente contra a Coreia do Norte (Lee C. , 2020).

- Acordo de Livre Comércio entre a Coreia do Sul, Japão e China

Em 2002 foi proposto um acordo de Livre Comércio entre a China, o Japão e a Coreia do Sul, porém só passado dez anos é que se inicia as negociações (Buckley & Jones, 2013). As primeiras conversas oficiais são em 2013 já durante o mandato de Xi Jinping e Park Geun-hye. Até ao momento foi realizada dezasseis rondas de negociação sendo a última em 2019 na capital sul coreana (Ministry of Foreign Affairs of Japan, 2019).

Uma das possíveis razões para este empate nas negociações é a iniciação da pandemia em 2020, já que os três países tinham o seu país fechado para não residentes, para além disso estes já fazem parte da ASEAN mais três e a Coreia do Sul, a principal interessada já tem acordo comercial com a China, o seu principal parceiro económico. (Ver Tabela 6).

#### **4.6. O impacto das tensões no Pacífico**

A China tem o princípio de Uma China (*One China Principle*). Este princípio existe desde que a China é um estado soberano e afirma que Taiwan faz parte desde, refutando assim a ideia que Taiwan (formalmente conhecido por República da China) é independente (Ministry of Foreign Affairs of People's Republic of China, 2022).

Os EUA por outro lado, tem o princípio Uma China (*One China Policy*) que data 1972. Estes afirmam que os EUA reconhecem que todos os chineses em ambos os lados do Estreito de Taiwan e só existe uma China, sendo Taiwan parte dessa nação, contudo afirma que é necessário pensar numa alternativa pacífica entre Taiwan e a China. Apesar desta afirmação dos EUA estes não reconhecem a soberania da China em Taiwan tendo mesmo militares presentes no território (Green, 2017).

As tensões em Taiwan aumentaram este ano, já depois da saída de Moon Jae-in. Com o aumento das tensões na zona e o elevado número de militares americanos na Coreia do Sul (cerca de 28 500 militares) a Coreia do Sul corre o risco de participar no conflito entre os EUA e a China, tendo como palco Taiwan e consequentemente iniciar-se um conflito armado com a Coreia do Norte (Smith, 2022).

O novo presidente sul coreano, Yoon Suk-yeol afirmou que “deseja trabalhar com os Estados Unidos para “expandir a liberdade”, mas que em conflito sobre Taiwan, a Coreia



do Norte estaria mais propensa a fazer uma provocação e que a aliança deve-se concentrar nisso primeiro.” (Gallo, 2022).

O atual presidente norte americano, Joe Biden, declarou que os EUA defenderiam Taiwan caso haja uma invasão chinesa em território taiwanês (Gallo, 2022).

Caso tal aconteça há um grande risco de corte de relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e a China, como é possível verificar os sul coreanos são mais dependentes da China do que os EUA, para além disso o conflito decorreria em Taiwan e na península coreana sendo assim a Coreia do Sul a que sofreria mais consequências.

As relações bilaterais sofreram bastante desde 2018, apesar dos acordos de comércio entre ambas, a China desde 2017 prejudica economicamente a Coreia do Sul devido à sua aliança com os EUA. É importante realçar que as retaliações “seletivas” terminaram em 2017, no entanto com o início da guerra comercial entre os EUA e a RPC a ROK teve consequências económicas indiretas.

Deste modo, é empírico que a Coreia do Sul explore novos mercados de importação e exportação, uma vez que este conflito pode escalar.

## **CAPÍTULO V- O QUADRO EVOLUTIVO DO CONTEXTO ECONÓMICO ENTRE 2013-2022**

### **5.1. As relações comerciais**

Através dos dados apresentados verificamos que a Coreia do Sul e a China tem uma relação histórica milenar, sendo que a China tem sempre um maior poderio económico sobre a Coreia do Sul.

As relações comerciais no início do mandato de Xi Jinping e Park Geun-hye, de acordo com a Tabela 7 demonstra que houve um aumento de exportações de produtos sul coreanos com destino ao “país do meio”, contudo observando a Tabela 8 verificamos que a exportação chinesa com destino à Coreia do Sul manteve os valores pré Xi Jinping, uma vez que a grande potência asiática não depende das exportações sul coreanas. Para além disso, é possível deduzir que as políticas de aproximação por parte de Park Geun-hye referidas no capítulo III e IV foram eficazes não só politicamente, mas também economicamente.

Observando a Tabela 7, conclui-se que a Coreia do Sul tem uma maior dependência comercial em relação à China, uma vez que é o principal mercado de exportação e importação dos sul coreanos, contudo a Coreia do Sul só é o terceiro principal mercado de exportação da China. Perante esta análise é possível compreender o porquê de a Coreia do Sul não contra-atacar retaliações “seletivas” em relação à China, uma vez que seria a que teria mais a perder e poderia prolongar este desentendimento político.

Entre 2013 e 2017 as exportações sul coreanas para território chinês mantiveram-se constantes. Em 2016, Pequim avisara Seul que era contra a implementação da THAAD por uma questão de segurança nacional, como tal em 2017 a China fez retaliações “seletivas” que tiveram impacto económico nas exportações sul coreanas como já foi referido no capítulo IV, porém apenas desceu 0,3%. Após uma análise da economia mundial em 2017 verifica-se que há um crescimento mundial, como tal este decréscimo deve-se somente às retaliações “seletivas” impostas pelo país do meio. Estas retaliações tiveram um impacto mínimo, contudo devido à dependência económica da Coreia do Sul em relação à China é possível concluir que a China apenas queria transmitir a mensagem de que são só necessárias algumas medidas para a economia sul coreana sentir o seu impacto, demonstrando assim o seu poderio económico.

Com o fim das retaliações por parte da China em 2018, as exportações sul coreanas, de acordo com a Tabela 7 aumentam 2%, o que mais uma vez demonstra a importância da China para a economia sul coreana. É necessária uma vez mais lembrar que as exportações chinesas com destino à Coreia do Sul não sofrem alterações.

Com a chegada da pandemia em 2020, tendo o seu epicentro em território chinês, verificase que não há qualquer alteração nas trocas comerciais entre ambos. Aliás Moon Jae-in oferece ajuda hospitalar nesta época uma vez que a China foi a primeira afetada pelo Covid-19, desta forma aproximou diplomaticamente as duas nações, numa altura em que a China não tinha uma imagem positiva mundialmente.

Analisando as Tabelas 7 e 8 verificamos que o mercado sul coreano depende, em grande parte, do mercado chinês. Verificamos também que após as retaliações “seletivas” por parte da grande potência asiática em relação à ROK o presidente da época, Moon Jae-in empenhou-se em aproximar-se diplomaticamente da China voltando assim aos números de 2013, de forma a não haver um impacto negativo na economia do seu país. Para além disso, concentrou-se em explorar novos mercados após 2017 com a *One China Policy*, referida no capítulo IV, de forma que progressivamente esteja menos dependente do país do meio.

O volume comercial entre a China e a ROK, em 2017, foi no valor de 289,26 mil milhões de dólares americano, representando um aumento de 10,9%, sendo que as exportações chinesas com destino à Coreia do Sul foi no valor de 102,75 mil milhões de dólares americanos (que representa um volume de 9,6%), enquanto que, as importações chinesas com origem na ROK foram cerca de 177,51 mil milhões de dólares americanos, o que equivale a 11,7% (Ministry of Commerce People’s Republic of China, 2018).

Estes valores devem-se ao facto do país do meio ser o principal parceiro comercial da ROK, enquanto que a Coreia do Sul é apenas o terceiro maior parceiro comercial dos sul coreanos (Ministério do Comércio da República Popular da China, 2017).

Através destes valores podemos também concluir que mesmo com as retaliações “seletivas” e a utilização do *Sharp power* por parte da China de forma a difamar a imagem da ROK as importações de produtos sul coreanos não cessaram na totalidade.

Em 2018, com a guerra comercial as importações coreanas voltam a ser prejudicadas, no entanto não foi de uma forma visível como no ano anterior.

A China exporta semicondutores para os EUA. Estes semicondutores estão dependentes de máquinas sul coreanas. Visto que os EUA diminuíram as suas importações chinesas a

China necessitou de fazer menos importações de maquinaria à ROK. Contudo não é possível verificar qual foi o decréscimo uma vez que foram feitas poucas pesquisas sobre este assunto (Lovely, Xu, & Zhang, 2021).

Com a escalada atual das tensões do pacífico juntamente com a guerra comercial, há uma forte probabilidade para que a China sancione a Coreia do Sul de modo a pressionar os EUA a alterar as suas políticas externas para com o país do meio.

## **5.2. O Investimento direto estrangeiro**

Em 2017, O investimento da ROK na RPC teve um decréscimo de 19,4% comparativamente ao ano anterior, investindo em apenas 1627 projetos, sendo que a China apenas utilizou 3,67 bilhões de dólares americanos de capital sul coreano., que reflete uma queda de 22,7% (Ministry of Commerce People's Republic of China, 2018). Porém, no final desse mesmo ano, a ROK investiu em 63385 projetos chineses que representam um investimento real de 72,37 bilhões de dólares americanos.

Segundo o Ministério do Comércio da República Popular da China (2018), a Coreia do Sul é a “quarta maior fonte de investimento estrangeiro da China e o segundo maior destino de investimento.”.

Por sua vez, a China reduziu o investimento direto em território sul coreano em 46,3%, o que equivale em 420 milhões de dólares americanos. Para além disso, o investimento direto não financeiro da RPC na ROK acumulou 4,66 bilhões de dólares americanos (Ministry of Commerce People's Republic of China, 2018).

Desta forma, podemos concluir que no final de 2017 houve novamente uma aproximação da relação comercial entre ambos e com um aumento de investimento por parte dos sul coreanos significativo.

Em 2018, o investimento chinês aumentara novamente cerca de 240% o que equivale a 2,74 mil milhões de dólares americanos, sendo que na sua maioria foi um investimento em semicondutores (Ministério do Comércio, Indústria e Energia), como tal verificamos que ao nível do investimento não houve repercussões (Ministry of Trade, Industry and Energy, 2018).

Em suma, com a escalada de tensões a China decidiu retaliar na economia sul coreana indiretamente muito provavelmente por dois fatores: a diminuição de exportações para os EUA e garantir que a ROK entenda que está a sofrer retaliações novamente por culpa do

seu aliado, demonstrando assim que ambos poderiam ter uma relação económica mais benéfica e estável entre ambos se os EUA não tivessem políticas que prejudicassem a China tanto ao nível da segurança interna como a nível económico. Porém é importante lembrar que não nos podemos esquecer do fator Coreia do Norte, que porventura afeta mais a segurança da península coreana.

## CAPÍTULO VI- AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DAS RELAÇÕES BILATERAIS

**Figura 5: Fatores que interferem com as Relações Bilaterais**

Fatores que favorecem as relações:	Fatores que não favorecem as relações:
<ul style="list-style-type: none"><li>• Política</li><li>• Economia</li><li>• Segurança Interna e na região</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Fatores históricos</li><li>• Fatores geoestratégicos</li><li>• Ideologia Política</li><li>• Coreia do Norte</li><li>• EUA</li><li>• A mudança de presidente sul coreano</li></ul>

As relações bilaterais entre a China e a Coreia do Sul é caracterizada por momentos altos e baixos, que têm como particularidade de serem derivados de fatores externos, tal como ficou comprovado pelos indicadores económicos nas tabelas 7 e 8.

Em primeiro lugar, por fatores históricos e geoestratégicos, visto que é uma zona propensa a conflito, como já foi aqui mencionado todos os países presentes nela querem garantir um maior domínio do Mar da China, no entanto há constantes disputas de territórios nomeadamente de rochas. A China tem vários postos militares em rochas do Mar da China de forma a assegurar a sua segurança. Estas disputas muitas vezes já são históricas entre a China, a Península da Coreia e o Japão. Para além disso, a THAAD coloca em causa a segurança da China, já que consegue obter informações referentes aos métodos de defesa do país.

Em segundo lugar, a Coreia do Sul sempre foi dependente economicamente da China, sendo que até à invasão do império japonês esta relação era denominada por *sadae*, como

foi referido no Capítulo I. Com a guerra da península coreana, os EUA passaram a ser os principais aliados tanto ao nível político como económico, dessa forma a ROK de forma a garantir o seu crescimento económico e a sua segurança territorial garantiu que tivesse uma boa relação com os EUA. É devido a estas relações que em 1992, a ROK cedeu à pressão externa, nomeadamente dos EUA e da China, para que se estabelecessem novamente relações diplomáticas, como já foi referido.

Porém, tal foi benéfico para ambos uma vez que pacificava as tensões do pacífico e a RPC estava num período de crescimento económico, uma vez que nesta altura a China já era responsável pelas produções em massa devido à sua mão de obra barata, algo que a ROK necessitava para o seu crescimento económico, que ocorreu nessa mesma década como foi referida no capítulo III, demonstrando assim que a Coreia do Sul apesar de ter cedido por pressões externas também beneficiou com esta relação.

Com o passar das décadas os sul coreanos passaram a estar dependentes da RPC e não dos EUA, sendo assim necessário jogar diplomaticamente com as duas potências de forma a que esta não tivesse repercussões económicas.

Park Geun-hye foi a presidente com mais sucesso até à data. Esta conseguiu entrar em sintonia com o atual presidente chinês, Xi Jinping.

Através do que já foi referido no Capítulo III, podemos afirmar que a Park utilizou a cultura como “instrumento” para uma aproximação inicial política. Outro momento fulcral foi a sua decisão ter de enviar uma delegação com destino à China, de forma a participar no desfile de aniversário do PCC.

Perante isto a Coreia do Sul assina juntamente com a RPC um acordo de Livre Comércio. Apesar de esta época ser de estabilidade económica a Coreia do Norte coloca um constante entrave na harmonia desta relação com os seus testes nucleares. A presidente sul coreana que tem como função garantir a paz na península, pressiona a China para tentar resolver o conflito diplomático. É necessário lembrar que já foi referido que a China não interfere nos assuntos internos de cada nação e, como tal, a sua interferência foi mínima.

Desta forma, os EUA interferem e em 2017 instalam a THAAD em território sul coreano. No capítulo IV referimos as razões da China para não concordar com tal. Neste período a China inicia um conjunto de retaliações “seletivas”, de forma a demonstrar o seu poderio económico em relação à Coreia do Sul.

Perante isto verificamos que a hegemonia nas relações bilaterais depende em grande parte da interferência dos EUA e da RPDC.

Moon Jae-in sobe ao poder num período conturbado pelas retaliações. Como se verifica no capítulo IV.

O ex presidente é um exemplo para o atual presidente, Yoon Suk-yeol, uma vez que este aprendera com os erros da sua antecessora.

Com o capítulo IV, constatamos que este se mantém numa posição neutra na guerra comercial entre a China e os EUA e na atual tensão do pacífico.

A sua neutralidade, porém, não impediu com que o seu país fosse novamente vítima de retaliações por parte da China, mas desta vez indiretamente, para que esta entendesse que a Coreia poderia beneficiar mais com as relações bilaterais com a China se não fosse as políticas externas dos EUA, no entanto ainda não é possível saber qual foi o impacto económico que estas retaliações estão a ter na ROK, desta forma confirma os medos iniciais de Moon, que seria difícil ter uma posição neutra sendo aliada dos EUA.

A *One China Plus Policy* juntamente com a assinatura de acordos de Livre Comércio com os países pertencentes à ASEAN assegura que progressivamente a Coreia do Sul dependa economicamente menos da China. Desta forma, a ROK tem uma maior liberdade a nível diplomático e possa decidir de acordo com os interesses da nação. Para além disso, caso haja um conflito armado no pacífico, devido à proximidade geográfica, a Coreia do Sul tem um menor impacto económico, contudo devemos entender que caso os EUA e a China entrem num conflito armado devido a Taiwan, mesmo que a Coreia do Sul se mantenha neutra verá as suas relações com a China diminuírem ou mesmo um corte total das relações como na década de 50.

Por fim, o fator interno para a instabilidade destas relações é a mudança de presidentes sul coreanos.

Até Xi Jinping a decisão do presidente chinês era decidida, por vezes, anos antes pelo PCC, uma vez que esta nação não é democrática. Com a chegada de Xi Jinping, lentamente começou a verificar-se que este presidente tomaria o controlo da nação por várias décadas tal e qual ao fundador do partido. Por sua vez, a ROK é uma democracia sendo que atualmente já conta com o seu terceiro presidente desde a chegada de Xi.

Uma vez que a China planeia com anos de antecedência e a Coreia do Sul a cada cinco anos muda de presidente faz com que o país do meio nunca saiba como serão as políticas externas na próxima década, como tal este é bastante cético em relação à ROK. É preciso



notar que com a chegada de um novo presidente sul coreano chega também novas políticas no que toca à relação com a China, como por exemplo o atual presidente sul coreano não pretende ter uma relação próxima com a ROK.

Em suma, as relações bilaterais entre a China e a Coreia do Sul entre 2013 e 2022 sofreu percalços por fatores externos nomeadamente da Coreia do Norte e dos EUA, sendo que o episódio diplomático mais importante ocorre em 2017 com a implementação da THAAD e com a retaliação económica chinesa, contudo analisando as Tabelas 8 e 9 juntamente com tudo o que foi referido nos capítulos anteriores conclui-se que o impacto económico das retaliações foi pouco significativo, uma vez que a China queria demonstrar o seu poderio económico, para além é essencial que Yoon Suk-yool altere as suas políticas em relação à China de forma a assegurar a paz no seu território e garantir que as retaliações por parte da China não tenham um maior impacto na economia sul coreana.

Por último, caso a tensão do pacífico e a guerra comercial entre a China e os Estados Unidos da América escale é possível que a China utilize a sua aliança com a Coreia do Norte para destabilizar ainda mais a paz da península de forma a que os sul coreanos pressionem os EUA a apaziguar as tensões.

## CONCLUSÃO

A subida de Xi Jinping contribuiu para a melhoria das relações bilaterais? Inicialmente sim. Em 2013, quando Xi Jinping e Park Geun-hye subiram ao poder nos seus respetivos países, houve um significativo aproximamento tanto a nível político, nomeadamente políticas para apaziguar as tensões na península coreana, como económico como por exemplo o tratado de Livre Comércio PCC-ROK.

Todavia, dá-se um retrocesso nestas relações em 2016 com a instalação da THAAD. A Coreia do Norte, desde 2014 que realizava testes nucleares destabilizando a segurança da península coreana, como tal os EUA, aliados políticos e militares da ROK, instalam a THAAD em território sul coreano, contudo a China afirma que este sistema consegue obter informação privilegiada a nível militar do país do meio, colocando em causa a segurança do seu país, como tal inicia uma série de retaliações “seletivas” para com a Coreia do Sul.

A Coreia do Sul apesar de ser aliada dos EUA devido à guerra da península coreana nos anos 50, é dependente da China a nível económico. Apesar das retaliações não terem repercussões económicas significativas, a China quis demonstrar o seu poderio económico. É importante relembrar que a China atualmente é a segunda potência mundial.

Moon Jae-in sobe ao poder em 2017, precisamente no ano que a Coreia do Sul recebe as retaliações por parte da China. Este deixa claro que, a política externa do seu governo terá como base a estabilidade política e económica do seu país e não em agradar os seus aliados, no entanto este sofre novamente repercussões económicas por parte da RPC, desta vez de forma indireta devido à guerra comercial entre a China e os EUA, em 2018. É importante notar que, até à atualidade, estas retaliações perduram, uma vez que a Coreia do Sul é dependente economicamente do país do meio e, como tal é a que sofre mais com este conflito. Através destas retaliações a China tem como intuito fazer com que a ROK pressione os EUA a retrocederem, utilizando assim a posição frágil dos sul coreanos como “arma” política de forma a atingir o seu objetivo.

Para além disso, devido a fatores históricos, nomeadamente a guerra civil chinesa em 1949 e a guerra da península coreana entre 1950 e 1953, há uma constante tensão no pacífico e uma preocupação geoestratégica.

A China quer o controlo total de Taiwan, porém os EUA tem presença militar no local. A RPC quer unir o Taiwan ao seu território de forma pacífica, já que não quer um conflito armado que coloque em causa o seu crescimento económico e a sua segurança interna, porém se tal acontecer é muito provável que a Coreia do Norte inicia também um conflito armado com a Coreia do Sul, caso isto aconteça a Coreia do Sul terá consequências económicas mais graves, já que através dos dados obtidos verificamos que esta está muito mais dependente economicamente da China uma vez que é o seu parceiro económico principal, sendo que o mesmo não se verifica por parte da China.

Com a saída de Moon Jae-in da presidência sul coreana, é incerto se haverá uma nova aproximação com a China, especialmente com a tensão vivida no pacífico, contudo é fundamental que o novo presidente sul coreano Yoon Suk-yeol se mantenha o mais neutro possível de forma a não haver novamente retaliações económicas por parte da China e conflitos armados com a Coreia do Norte, porém Yoon antes da sua eleição afirmou que pretendia implementar armas nucleares táticas, algo que os EUA desde logo afirmaram serem contra e não cooperaram com a Coreia do Sul caso fosse em frente com esta política e implementar mais mísseis THAAD. Para além disso, demonstrou vontade de acabar com a sua dependência económica em relação à China (Gallo, 2021) Caso as suas ideias sigam em frente a instabilidade entre as duas nações com a Coreia do Norte irá aumentar significativamente.

Ao longo deste trabalho, procurou-se demonstrar que com a subida de Xi Jinping e Park Geun-hye em 2013, dá-se uma aproximação inicial que consequentemente gera uma melhoria nas relações bilaterais, no entanto, como já foi referido, esta melhoria foi esporádica e nem mesmo com a subida de Moon jae-in, em 2017, tal acontece.

Os fatores históricos são um constante entrave, uma vez que as políticas externas dos EUA e da Coreia do Norte interferem constantemente na estabilidade da relação China-ROK. Esta instabilidade verificou-se com a situação THAAD que mais tarde gerou retaliações “seletivas” por parte da China em relação à Coreia do Sul que depende economicamente da mesma, uma vez que a China é uma grande potência a nível mundial, o mesmo não se verifica com a Coreia do Sul.

Perspetivas futuras no relacionamento Coreia do Sul e China apresentam, no entanto, desafios enormes uma vez que desde 2021 a tensão no Pacífico intensificou-se, dessa forma é importante que ambos os países trabalhem em conjunto de forma a apaziguar a tensão, no entanto caberá à liderança de ambos os países a identificar oportunidades, na reformulação e consolidação de suas alianças externas, porém o atual presidente da Coreia do Sul não tem o intuito de ter uma relação próxima com a China, dificultando assim o reaproximamento entre os dois países e a estabilidade no Pacífico.

## Bibliografia

- Albert, E. (2018). China's big bet on soft power. *Council on foreign relations*(9).
- Alexander , N., Löschmann , H., & Schuele, W. (30 de novembro de 2016). *The Rotating G20 Presidency: How do member countries take turns?* Obtido de Heinrich Boll Stiftung: <https://www.boell.de/en/2016/11/30/rotating-g20-presidency-how-do-member-countries-take-turns>
- Bader, J. A. (fevereiro de 2016). How Xi Jinping Sees the World...and Why. *Asia Working Group*(2), 1-21.
- Campbell, K. M., & Blackwill, R. D. (2016). Xi Jinping on the Global Stage. *Council on Foreign Relations*, 1-66.
- Chan , T., & Choi, S. (9 de maio de 2022). *Moon Jae-In: South Korea's Merkel?* Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2022/05/moon-jae-in-south-koreas-merkel/>
- Cheon, S. (3 de maio de 2013). *Trust - The Underlying Philosophy of the Park Geun-Hye Administration*. Obtido de Center for Strategic and International Studies: <https://www.csis.org/analysis/trust-underlying-philosophy-park-geun-hye-administration>
- Green, M. (13 de janeiro de 2017). *What Is the U.S. "One China" Policy, and Why Does it Matter?* Obtido de Center for Strategic and International Studies: <https://www.csis.org/analysis/what-us-one-china-policy-and-why-does-it-matter>
- Jang, I.-S. (dezembro de 2014). Reconsidering the Concept of Sadae in China-Korea Tributary Relations. *Concepts and Contexts in East Asia*(3), pp. 53-89.
- Kalinowski, T., & Cho , H. (2012). Korea's Search for a Global Role between Hard Economic Interests and Soft Power. *European Journal of Development Research*, 24(2), pp. 242-260.
- Kang , S.-w. (22 de março de 2015). *Park to use political reform against challenges*. Obtido de The Korea Times: [http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2015/04/113\\_177531.html](http://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2015/04/113_177531.html)
- Kang , T.-j. (8 de julho de 2014). *China Woos South Korea With Pandas*. Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2014/07/china-woos-south-korea-with-pandas/>
- Keck, Z. (9 de maio de 2013). *The Three Faces of Park's "Trustpolitik"*. Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2013/05/the-three-faces-of-parks-trustpolitik/>
- Kim, J., Kang, C., Snyder , S., & Swicord , E. (16 de outubro de 2019). *South Korean Caution and Concern About China*. Obtido de The Asan Institute for Policy Studies: <http://en.asaninst.org/contents/south-korean-caution-and-concern-about-china/>
- Klingner, B. (11 de abril de 2013). *The U.S. Should Support New South Korean President's Approach to North Korea*. Obtido de The Heritage Foundation: <https://www.heritage.org/asia/report/the-us-should-support-new-south-korean-presidents-approach-north-korea>
- Liu, A., Li, X., & Fang , S. (13 de março de 2021). *What Do Chinese People Think of Developed Countries? 2021 Edition*. Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2021/03/what-do-chinese-people-think-of-developed-countries-2021-edition/>
- Lovely , M., Xu, D., & Zhang , Y. (2021). Collateral benefits? South Korean exports to the United States and the US-China trade war. *Policy Briefs*, 21(18), pp. 1-18.
- Snyder, S. (2016). South Korean Identity under Park Geun-hye: Crosscurrents and Choppy Waters. *Joint Us-Korea Academic Studies*, 27. Obtido de Joint U.S.-Korea Academic Studies 2016 | Volume 27 Editor-in-Chief Gilbert Rozman.
- Stiles, M. (0 de maio de 2017). *Liberal Moon Jae-in is winner in South Korea's presidential election*. Obtido de The Los Angeles Times: <https://www.latimes.com/world/asia/la-fg-south-korea-presidential-election-20170509-story.html>
- Yoon, I.-J., Han , K.-D., & Kim , H. (2018). Hate Speech against Immigrants in Korea: A Text Mining Analysis of Comments on News about Foreign Migrant Workers and Korean Chinese Residents. *Seoul National University* , pp. 259-288. Obtido de Seoul National university.
- Aljazeera. (16 de abril de 2020). *South Korea's governing party wins election by a landslide*. Obtido de Aljazeera: <https://www.aljazeera.com/news/2020/4/16/south-koreas-governing-party-wins-election-by-a-landslide>
- Asean. (2013). Asean-Korea Free Trade Agreement.
- Asean plus three. (1997).
- Baptista, S., & Cunha, M. (s.d.). Estudo de Usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspetivas em Ciênciada Informação*, 12(2), pp. 168-184.
- BBC News. (19 de maio de 2014). *South Korea to break up coastguard after ferry disaster*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-27465378#TWEET1132272>
- BBC News. (30 de setembro de 2016). *Chinese fishermen killed in S Korea coastguard clash*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-37516098>

- BBC News. (26 de abril de 2018). *Moon Jae-in: South Korea's president with humble roots*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-39860158>
- BBC News. (6 de abril de 2018). *Park Geun-hye: South Korea's ex-leader jailed for 24 years for corruption*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-43666134>
- BBC News. (26 de abril de 2019). *North Korea profile - Timeline*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-15278612>
- BBC News. (6 de outubro de 2021). *What is the 'One China' policy?* Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-38285354>
- BBC News. (24 de maio de 2021). *Who are the Uyghurs and why is China being accused of genocide?* Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-22278037>
- BBC News. (10 de outubro de 2021). *Xi Jinping: From Communist Party princeling to China's president*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-11551399>
- Belt and Road. (2022). *Republic of Korea*. Obtido de Belt and Road: <https://beltandroad.hktdc.com/en/country-profiles/republic-korea>
- Bennett, B. W. (7 de agosto de 2017). *Why THAAD Is Needed in Korea*. Obtido de Rand Corporation : <https://www.rand.org/blog/2017/08/why-thaad-is-needed-in-korea.html>
- Botto, K. (19 de outubro de 2021). *South Korea Beyond Northeast Asia: How Seoul Is Deepening Ties With India and ASEAN*. Obtido de Carnegie Endowment for International Peace: <https://carnegieendowment.org/2021/10/19/south-korea-beyond-northeast-asia-how-seoul-is-deepening-ties-with-india-and-asean-pub-85572>
- Buckley, C., & Jones, T. (13 de maio de 2013). *East Asian powers set to push trade pact talks*. Obtido de Reuters: <https://www.reuters.com/article/us-china-summit-idUSBRE84C00V20120513>
- Cha, V. (7 de março de 2013). *UN Security Council Passes New Resolution 2094 on North Korea*. Obtido de Center for Strategy and International Studies: <https://www.csis.org/analysis/un-security-council-passes-new-resolution-2094-north-korea>
- Cheon, H. (5 de janeiro de 2017). *Moon Jae-in: "We need major reforms at the Prosecutors' Office, the National Intelligence Service, and the Blue House"*. Obtido de KBS: <https://n.news.naver.com/mnews/article/056/0010404206?sid=100>
- Choe, S.-h. (13 de maio de 2017). *South Korea's New Leader Abolishes State-Issued History Textbooks*. Obtido de The New York Times: <https://www.nytimes.com/2017/05/12/world/asia/south-korea-history-textbooks-moon.html>
- Choudhury, S., & Shead, S. (31 de agosto de 2021). *South Korea passes bill limiting Apple and Google control over app store payments*. Obtido de CNBC: <https://www.cnbc.com/2021/08/31/south-korea-first-country-to-curb-google-apples-in-app-billing-policies.html>
- Chung, J. (2007). *Between Ally and Partner: Korea-China Relations and the United States*. New York: Columbia University Press.
- Chung, M., & Botto, K. (16 de novembro de 2018). *President Moon Jae-in and the Politics of Inter-Korean Détente*. Obtido de Carnegie Endowment for International Peace: <https://carnegieendowment.org/2018/11/16/president-moon-jae-in-and-politics-of-inter-korean-d-tente-pub-77730>
- Constituição da República da Coreia . (1948). *Art.70*.
- Correia, P. d. (2012). Geopolítica e Geoestratégia. *Nação e Defesa*, 5(131), pp. 229-246.
- deLisle, J. (2020). Foreign Policy through Other Means: Hard Power, Soft Power, and China's Turn to Political Warfare to Influence the United States. *Orbis*, 64(2), pp. 74-206.
- Council of Europe. (2022). *North-South Centre*. Obtido de Mission and principles : <https://www.coe.int/en/web/north-south-centre/mission-and-principles>
- Feuer, W. (2 de março de 2020). *New York City doctor says he has to 'plead to test people' for coronavirus*. Obtido de CNBC: <https://www.cnbc.com/2020/03/02/coronavirus-new-york-city-doctor-has-to-plead-to-test-people.html>
- Fifield , A. (12 de novembro de 2016). *South Koreans gather en masse to protest against president*. Obtido de The Washington Post: [https://www.washingtonpost.com/world/south-koreans-gather-en-masse-for-protest-against-president/2016/11/12/602cf658-a85c-11e6-ba46-53db57f0e351\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/south-koreans-gather-en-masse-for-protest-against-president/2016/11/12/602cf658-a85c-11e6-ba46-53db57f0e351_story.html)
- Fifield, A., & Seo, Y. (9 de dezembro de 2016). *South Korea's parliament votes to impeach president over corruption scandal*. Obtido de The Washington Post: [https://www.washingtonpost.com/world/south-korean-assembly-set-to-vote-on-presidents-impeachment/2016/12/08/b1429d8c-bd8c-11e6-ae79-bec72d34f8c9\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/south-korean-assembly-set-to-vote-on-presidents-impeachment/2016/12/08/b1429d8c-bd8c-11e6-ae79-bec72d34f8c9_story.html)
- Frank, R. (13 de julho de 2017). *President Moon's North Korea Strategy*. Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2017/07/president-moons-north-korea-strategy/>
- Freixo, M., & Vaz, J. (2011). *Metodologia Científica- Fundamentos, Métodos e Técnicas* . Instituto Piaget .

- Friedhoff, K. (1 de abril de 2020). *President Moon Jae-In Handled the Coronavirus Well, but Can He Win South Korea's April Elections?* Obtido de The National Interest: <https://nationalinterest.org/blog/korea-watch/president-moon-jae-handled-coronavirus-well-can-he-win-south-koreas-april-elections>
- G20. (2022). *ABOUT THE G20*. Obtido de G20 Indonesia 2022: <https://www.g20.org/about-the-g20/>
- Gallo, W. (26 de outubro de 2022). *US, South Korea, Japan Vow More Cooperation to Deter North Korea Threat*. Obtido de Voa News: <https://www.voanews.com/a/us-south-korea-japan-vow-more-cooperation-to-deter-north-korea-threat-/6805891.html>
- Ge, C. (5 de abril de 2017). *South Korea's Hyundai, Kia sales halve in China amid diplomatic spat over THAAD*. Obtido de South China Morning Post: <https://www.bbc.com/news/blogs-china-blog-39254254>
- Gil, J. (2021). *The Rise of Chinese as a Global Language: Prospects and Obstacles*. London: Palgrave Pivot.
- Girard, B. (18 de maio de 2019). *Why the US-China Trade Negotiations Are Stuck*. Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2019/05/why-the-us-china-trade-negotiations-are-stuck/>
- Gorito, C. (2010). *As relações Coreia do Sul-China: comércio e desenvolvimento no leste asiático*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Económicas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Globe Scan. (22 de maio de 2013). *Views of China and India Slide While UK's Ratings Climb*. Obtido de Globe Scan: <https://globescan.com/2013/05/22/views-of-china-and-india-slide-while-uks-ratings-climb/>
- Google Maps. (2022).
- Greer, T. (31 de maio de 2019). *Xi Jinping in Translation: China's Guiding Ideology*. Obtido de Palladium Magazine: <https://www.palladiummag.com/2019/05/31/xi-jinping-in-translation-chinas-guiding-ideology/>
- Harris, B., & Song, J.-a. (16 de abril de 2018). *South Korea chaebol reform efforts fail to impress*. Obtido de Financial Times: <https://www.ft.com/content/7ec84434-4124-11e8-803a-295c97e6fd0b>
- Hong, D.-y. (14 de dezembro de 2017). *Song Hye-kyo, EXO-CBX meet President Moon Jae-in in Beijing*. Obtido de The Korea Herald: <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20171214000801>
- Human Right Watch. (4 de setembro de 2018). *"Break Their Lineage, Break Their Roots"*. Obtido de Human Right Watch: <https://www.hrw.org/report/2021/04/19/break-their-lineage-break-their-roots/chinas-crimes-against-humanity-targeting>
- Human Rights Foundation. (4 de agosto de 2021). *Unraveling China's Attempts to Hinder Academic Freedom: Confucius Institutes*. Obtido de Human Rights Foundation: <https://hrf.org/unraveling-chinas-attempts-to-hinder-academic-freedom-confucius-institutes/>
- Hwan, S.-j. (14 de março de 2013). *Four Major Social Evils promotion headquarter will be established*. Obtido de The Hankyoreh: <https://www.hani.co.kr/arti/politics/bluehouse/578152.html>
- Hwang, J. (2014). *The Rok's China Policy under Park Geun-hye: a new model of ROK-PRC Relations*. *The Brookings Institution Center for East Asia Policy Studies*, pp. 1-17.
- Hyland, E. (2020). *Panda Diplomacy: China's Softest Power?* Dissertação, Aalborg University.
- Jo, J.-e. (3 de setembro de 2015). *China parade marks WWII victory*. Obtido de The Korea Herald: <https://www.koreaherald.com/view.php?ud=20150903001158>
- Kang, H.-k. (8 de junho de 2021). *China's Confucius Institutes facing calls to leave Korea*. Obtido de The Korea Times: [https://www.koreatimes.co.kr/www/culture/2021/06/703\\_310106.html](https://www.koreatimes.co.kr/www/culture/2021/06/703_310106.html)
- Kim, B.-e. (27 de fevereiro de 2017). *Prosecution seeks arrest warrant for Park Geun-hye*. Obtido de The Korea Times: [https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2017/03/356\\_226397.html](https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2017/03/356_226397.html)
- Kim, Y.-j. (14 de julho de 2020). *S. Korea raises minimum wage to 8,720 won for 2021*. Obtido de Hankyoreh: [https://english.hani.co.kr/arti/english\\_edition/e\\_national/953623.html](https://english.hani.co.kr/arti/english_edition/e_national/953623.html)
- Kim, S. (2022). *South Korea's New Southern Policy: Will Its 'Legacy' Continue Under the Next Administration?* Obtido de Korea Economic Institute of America: <https://keia.org/the-peninsula/south-koreas-new-southern-policy-will-its-legacy-continue-under-the-next-administration/>
- Koen, V., André, C., Beom, J., Purwin, A., & Kim, B. (2021, outubro 25). *Sustaining the Miracle on the Han River*. Retrieved 2022 julho, from OCDE: <https://www.oecd.org/>
- Kuomintang. (1919). Obtido de <http://www.kmt.org.tw/>
- Larsen, K. W. (2008). *Tradition, Treaties and Trade: Qing imperialism and Choson Korea, 1850-1910*. Cambridge: Harvard University Press.
- Lee, S.-H. (15 de dezembro de 2014). *The Northeast Asia Peace and Cooperation Initiative (NAPCI): A Vision toward Sustainable Peace and Cooperation in Northeast Asia*. Obtido de The Asan Forum: <https://theasanforum.org/the-northeast-asia-peace-and-cooperation-initiative-napci-a-vision-toward-sustainable-peace-and-cooperation-in-northeast-asia/>
- Lee, S.-h. (5 de maio de 2016). *Why Xi Jinping didn't answer Park's call?* Obtido de The Korea Times: [http://www.koreatimes.co.kr/www/news/opinion/2016/02/197\\_197434.html](http://www.koreatimes.co.kr/www/news/opinion/2016/02/197_197434.html)
- Lee, S.-y. (12 de fevereiro de 2019). *Tracing the footsteps of March 1 Independence Movement: Part 1*. Obtido de The Korea times: [https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2019/02/281\\_263591.html](https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2019/02/281_263591.html)

- Lee, C. (21 de outubro de 2020). *South Korea Is Caught Between China and the United States*. Obtido de Carnegie Endowment for International Peace: <https://carnegieendowment.org/2020/10/21/south-korea-is-caught-between-china-and-united-states-pub-83019>
- Lee, J. (2017). Back to Normal? The End of the THAAD Dispute between China and South Korea. *China Brief Volume*, 17(15).
- Lee, S.-j. (7 de maio de 2013). *Park Geun-hye and Obama's first summit... "Raising the ROK-U.S. Alliance"*. Obtido de SBS News: [https://news.sbs.co.kr/news/endPage.do?news\\_id=N1001774050&plink=OLDURL](https://news.sbs.co.kr/news/endPage.do?news_id=N1001774050&plink=OLDURL)
- Leite Jr, E., & Rodrigues, C. (1 de janeiro de 2019). Turismo desportivo, diplomacia e 'soft power': o caso chinês. *Revista de Turismo e Desenvolvimento*(31), pp. 77-89.
- Li, C. (2016). *Chinese Politics in the Xi Jinping Era: Reassessing Collective Leadership*. Washignton: Brookings Institution Press.
- Li, D., & Cheong, Y. (2008). *Youngrok. China and Korea in the World Economy: Common Opportunities and Challenges Ten Years After the Asian Financial Crisis*. Seoul: Institute for International Economic Policy.
- Lim, D. J., & Ferguson, V. (28 de dezembro de 2019). *Chinese Economic Coercion during the THAAD Dispute*. Obtido de The Asan Forum: <https://theasanforum.org/chinese-economic-coercion-during-the-thaad-dispute/>
- McDonnell, S. (13 de março de 2017). *China fuels anger over Seoul's missile move Published*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/blogs-china-blog-39254254>
- Milani, M., Dian, M., & Fiori, A. (2019). Interpreting South Korea's foreign and security policy under the "Asian paradox". Em M. Milani, M. Dian, & A. Fiori, *The Korean Paradox* (p. 15). London: Routledge.
- Ministry of Commerce People's Republic of China. (11 de abril de 2018). *Statistics on China-Korea Economic and Trade Cooperation in 2017*. Obtido de Ministry of Commerce People's Republic of China: <http://english.mofcom.gov.cn/article/statistic/lanmubb/ASEAN/201808/20180802781402.shtml>
- Ministry of Foreign Affairs. (2013). *Northeast Asia Peace and Cooperation Initiative*. Obtido de Ministry of Foreign Affairs: <https://policy.asiapacificenergy.org/sites/default/files/Northeast%20Asia%20Peace%20and%20Cooperati%20on%20Initiative.pdf>
- Ministry of Foreign Affairs of Japan. (29 de novembro de 2019). *Sixteenth Round of Negotiations on a Free Trade Agreement among Japan, China and the Republic of Korea*. Obtido de Ministry of Foreign Affairs of Japan: [https://www.mofa.go.jp/press/release/press4e\\_002715.html](https://www.mofa.go.jp/press/release/press4e_002715.html)
- Ministry of Foreign Affairs of People's Republic of China. (2022 de agosto de 2022). *Statement by the Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China*. Obtido de Ministry of Foreign Affairs of People's Republic of China: [https://www.fmprc.gov.cn/eng/zxxx\\_662805/202208/t20220802\\_10732293.html](https://www.fmprc.gov.cn/eng/zxxx_662805/202208/t20220802_10732293.html)
- Ministry of Trade, Industry and Energy. (18 de abril de 2018). *FDI pledges to Korea jump to 2nd highest for Q1*.
- Morais, A., & Neves, I. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *Revista Portuguesa de Educação*, 20(2), pp. 75-104.
- Nations Unies. (1995). *Treaty of Bangkok*. Obtido de Nations Unies: <https://www.un.org/nwzf/fr/content/treaty-bangkok>
- New Southern Policy. (2017). *New Southern Policy*. Obtido de Indonesia-Korea Special strategic Partnership: <https://www.sspyoungprolab.com/about-nsp>
- Noi, G. S. (18 de outubro de 2017). *19th Party Congress: Xi Jinping outlines new thought on socialism with Chinese traits*. Obtido de The Straits Times: <https://www.straitstimes.com/asia/east-asia/19th-party-congress-xi-jinping-outlines-new-thought-on-socialism-with-chinese-traits>
- Organização Mundial de Saúde. (2019). *Coronavirus disease (COVID-19)*. Obtido de World's Health Organization: [https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1)
- Paik, W. (2020). The politics of Chinese tourism in South Korea: political economy, state-society relations, and international security. *The Pacific Review*, 33(2), pp. 331-355.
- Panda, A. (28 de março de 2015). *South Korea Joins the AIIB*. Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2015/03/south-korea-joins-the-aiib/>
- Paquette, D., Lynch, D. L., & Rauhala, E. (6 de julho de 2018). *As Trump's trade war starts, China vows retaliation*. Obtido de The Washington Post: [https://www.washingtonpost.com/world/china-fires-back-at-us-tariffs-vows-to-defend-its-core-interests/2018/07/06/f42fc812-8091-11e8-a63f-7b5d2aba7ac5\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/china-fires-back-at-us-tariffs-vows-to-defend-its-core-interests/2018/07/06/f42fc812-8091-11e8-a63f-7b5d2aba7ac5_story.html)
- Perlez, J. (2 de julho de 2014). *Chinese President's Visit to South Korea Is Seen as Way to Weaken U.S. Alliances*. Obtido de The New York Times: <https://www.nytimes.com/2014/07/03/world/asia/chinas-president-to-visit-south-korea.html>
- Política Exterior da China. (1991). *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, 10, 1-12.
- Real Institute El Cano. (2018). Relatório de Presença Global Elcano de 2018.



- Reuters. (3 de fevereiro de 2017). *China says resolutely opposes deployment of THAAD in South Korea*. Obtido de Reuters: <https://www.reuters.com/article/us-northkorea-southkorea-china-idUSKBN1510QC>
- Saner , R., & Yiu , L. (2003). International Economy Diplomacy: Mutations in Post-Modern Times. *Discussion Paper*(84), pp. 1-37.
- Shin , K.-k. (5 de abril de 2017). *Chinese tourists fell 39% in March...Impact of 'THAAD Retaliation' (Comprehensive)*. Obtido de Yonhap News: <https://www.yna.co.kr/view/AKR20170405120251030>
- Shin, H., & Cha, S. (18 de janeiro de 2020). *South Koreans call in petition for Chinese to be barred over virus*. Obtido de Reuters: <https://www.reuters.com/article/us-china-health-reaction-southkorea-idUSKBN1ZR0QJ>
- Sightings of Chinese Ships near Jeodo Island Increasing*. (5 de outubro de 2012). Obtido de KBS World : [http://world.kbs.co.kr/service/news\\_view.htm?lang=e&Seq\\_Code=93660](http://world.kbs.co.kr/service/news_view.htm?lang=e&Seq_Code=93660)
- Sistema Nacional de Saúde. (2022). <https://www.sns.gov.pt/>. Obtido de Sistema Nacional de Saúde: <https://www.sns24.gov.pt/>
- Smith, J. (26 de setembro de 2022). *Home to 28,000 U.S. troops, South Korea unlikely to avoid a Taiwan conflict*. Obtido de Reuters: <https://www.reuters.com/world/asia-pacific/home-28000-us-troops-skorea-unlikely-avoid-taiwan-conflict-2022-09-26/>
- Song , S.-h. (5 de setembro de 2016). (6th LD) Park, Xi reconfirm differences over THAAD, agree to strengthen communication. Obtido de Yonhap News: <https://en.yna.co.kr/view/AEN20160905001956315>
- Spencer, J. (1990). *The Search for Modern China*. New York: W. W. Norton & Company.
- Stangarone, T. (30 de outubro de 2019). *Did South Korea's Three Noes Matter? Not So Much*. Obtido de The Diplomat: <https://thediplomat.com/2019/10/did-south-koreas-three-noes-matter-not-so-much/>
- Sun, M., & Liew, K. K. (2019). Analog Hallyu: Historicizing K-pop formations in China. *Global Media and China*, 4(4), pp. 419–436.
- Sutlive, V. (2004). *Southeast Asia: A Historical Encyclopedia, from Angkor Wat to East Timor*. Oxford: Southeast Asia: A Historical Encyclopedia.
- Swaine, M. (2 de fevereiro de 2017). *Chinese Views on South Korea's Deployment of THAAD*. Obtido de Carnegie Endowment for International Peace: <https://carnegieendowment.org/2017/02/02/chinese-views-on-south-korea-s-deployment-of-terminal-high-altitude-area-defense-thaad-pub-67891>
- Trade Statistics for International Business Development. (2022). *Trade Statistics for International Business Development*. Obtido de Trade Statistics for International Business Development: [https://www.trademap.org/Bilateral\\_TS.aspx?nvpm=1%7c156%7c%7c408%7c%7cTOTAL%7c%7c%7c2%7c1%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c1%7c1%7c1](https://www.trademap.org/Bilateral_TS.aspx?nvpm=1%7c156%7c%7c408%7c%7cTOTAL%7c%7c%7c2%7c1%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c1%7c1%7c1)
- The Economist. (20 de outubro de 2018). *South Korea's president is struggling to "democratise" the economy*. Obtido de The Economist : <https://www.economist.com/asia/2018/10/20/south-koreas-president-is-struggling-to-democratise-the-economy>
- The Hankyoreh . (8 de novembro de 2015). *Chinese 'I hate Japan, I like Korea' Japanese 'I hate all of China and Korea'* . Obtido de The Hankyoreh : <https://www.hani.co.kr/arti/politics/diplomacy/716429.html>
- The New York times. (9 de março de 2022). *Yoon Suk-yeol, South Korean Conservative Leader, Wins Presidency*. Obtido de The New York times: <https://www.nytimes.com/2022/03/09/world/asia/south-korea-election-yoon-suk-yeol.html>
- Thompson, A., & Verdier , D. (2014). Multilateralism, Bilateralism and Regime Design. *International Studies Quarterly*, 58(1), pp. 15-28.
- TK. (14 de dezembro de 20). *TBR Weekly Update: Week 2, December 2020*. Obtido de The Blue Roof : <https://www.bluroofpolitics.com/post/tbr-weekly-update-week-2-december-2020/>
- Tseng, H.-Y. (2016). Reconsidering China's South China Sea Claims: Compromising an Operationally Closed System of the Law of the Sea? *The Chinese Journal of Comparative Law*, 4(2), pp. 229–252.
- Tuathail, G. (2006). Introduction. Em *Geopolitics Reader*. London: Routledge.
- United Nations. (2022). *About South-South and Triangular Cooperation*. Obtido de United Nations: <https://unsouthsouth.org/about/about-sstc/>
- Wattanapruttipaisan, T. (2003). ASEAN—China Free Trade Area: Advantages, Challenges, and Implications for the Newer ASEAN Member Countries. *ASEAN Economic Bulletin*, 20(1), 31-48.
- Wilson , S., & DeYoung , K. (7 de maio de 2013). *Obama, South Korea's Park present united front against North Korea at joint appearance*. Obtido de The Washington Post: [https://www.washingtonpost.com/politics/obama-south-koreas-park-present-united-front-against-north-korea-at-joint-appearance/2013/05/07/e06767f8-b743-11e2-92f3-f291801936b8\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/politics/obama-south-koreas-park-present-united-front-against-north-korea-at-joint-appearance/2013/05/07/e06767f8-b743-11e2-92f3-f291801936b8_story.html)
- World Integrated Trade Solution. (2022). *Korea, Rep. Trade*. Obtido de World Integrated Trade Solution: <https://wits.worldbank.org/CountrySnapshot/en/KOR>
- Yahuda, M. (2004). *The International Relations of the Asia-Pacific*. London: Routledge Curzon.

Yonhap News Agency. (1 de novembro de 2013). *Putin to visit South Korea later this month*. Obtido de Yonhap News Agency : <https://en.yna.co.kr/view/AEN20160903004451315>  
Zheng, B. (2005). *China's "Peaceful Rise" to Great-Power Status* (Vol. 84). New York: Foreign Affairs.

## ANEXOS

**Tabela 7: Lista de mercado de importações de um produto exportado pela Coreia do Sul, em percentagem (%)**

<b>Importações</b>	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
China	23,9	25,1	24,2	24,5	26,1	25,4	26	25,1	24,8	26,8	25,1	25,8	25,3
EUA	10,4	10,7	10,2	10,7	11,1	12,3	13,3	13,5	12	12,1	13,6	14,5	14,9
Vietnam	2	2,1	2,4	2,9	3,8	3,9	5,3	6,6	8,3	8	8,9	9,5	8,8
Hong Kong, China	5,4	5,4	5,6	6	5	4,8	5,8	6,6	6,8	7,6	5,9	6	5,8
Japão	6	6	7,1	7,1	6,2	5,6	4,9	4,9	4,7	5,1	5,2	4,9	4,7
Taipei, China	2,6	3,2	3,3	2,7	2,8	2,6	2,3	2,5	2,6	3,4	2,9	3,2	3,8
Índia	2,2	2,5	2,3	2,2	2	2,2	2,3	2,3	2,6	2,6	2,8	2,3	32,4
Singapura	3,7	3,3	3,8	4,2	4	4,2	2,9	2,5	2	2	2,4	1,9	2,2
México	2	1,9	1,8	1,7	1,7	1,9	2,1	2	1,9	1,9	2	1,6	1,8
Alemanha	2,4	2,3	1,7	1,4	1,4	1,3	1,2	1,3	1,5	1,5	1,6	1,9	1,7
Malásia	1,2	1,3	1,1	1,4	1,5	1,3	1,5	1,5	1,4	1,5	1,6	1,8	1,6

*Fonte: Trade Statistics for International Business Development*

**Tabela 8: Lista de mercado de importações de um produto exportado pela China, em percentagem (%)**

<b>Importações</b>	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
EUA	18,4	18	17,1	17,2	16,7	17	18	18,3	19	19,2	16,8	17,5	17,2
Hong Kong, China	13,8	13,8	14,1	15,8	17,4	15,5	14,6	13,8	12,4	12,1	11,1	10,5	10,4
Japão	8,1	7,7	7,8	7,4	6,8	6,4	6	6,1	6	5,9	5,7	5,5	4,9
Coreia do Sul	4,5	4,4	4,4	4,3	4,1	4,3	4,4	4,5	4,5	4,4	4,4	4,3	4,4
Vietnam	1,4	1,5	1,5	1,7	2,2	2,7	2,9	2,9	3,2	3,4	3,9	4,4	4,1
Alemanha	4,2	4,3	4	3,4	3	3,1	3	3,1	3,1	3,1	3,2	3,4	3,4
Países Baixos	3,1	3,2	3,1	2,9	2,7	2,8	2,6	2,7	3	2,9	3	3,1	3
Índia	2,5	2,6	2,7	2,3	2,2	2,3	2,6	2,8	3	3,1	3	2,6	2,9
Reino Unido	2,6	2,5	2,3	2,3	2,3	2,4	2,6	2,7	2,5	2,3	2,5	2,8	2,6
Malásia	1,6	1,5	1,5	1,8	2,1	2	1,9	1,8	1,8	1,8	2,1	2,2	2,3
Taipei, China	1,7	1,9	1,8	1,8	1,8	2	2	1,9	1,9	2	2,2	2,3	2,3

Fonte: Trade Statistics for International Business Development

**Figura 2: Principais mercados de Exportação da China e da Coreia do Sul**

<b>RPC</b>	<b>ROK</b>
EUA	RPC
Hong Kong, China	EUA
Japão	Vietnam
ROK	Hong Kong, China

Fonte: Trade Statistics for International Business Development

**Figura 3: Acordos de Livre Comércio chineses**

<b>Acordo assinado e implementado</b>	<b>Acordo em negociação</b>	<b>Acordo comercial preferencial</b>
Tratado de Livre Comércio China-Coreia do Sul	Parceria Económica Abrangente Regional	Acordo Comercial Ásia-Pacífico
Acordo Económico e de Parceria de Aproximação entre o Continente e Macau	Tratado de Livre Comércio China-Japão-Coreia do Sul	
China-ASEAN	Segunda fase de negociação do Tratado de Livre Comércio China-Coreia	

Fonte: Belt and Road

**Figura 4: Acordos da Coreia do Sul**

Acordo assinado e implementado	Acordo em negociação
Tratado de Livre Comércio China- Coreia do Sul	Tratado de Livre Comércio Coreia do Sul-Japão
Tratado de Livre Comércio Coreia do Sul-EU	Parceria Económica Abrangente Regional
Tratado de Livre Comércio Coreia do Sul-EUA	
Acordo Livre Comércio e Integração Económico ASEAN-Coreia do Sul	

*Fonte: Belt and Road*